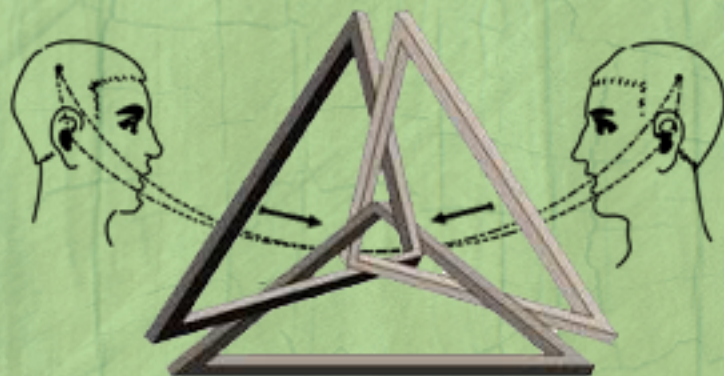


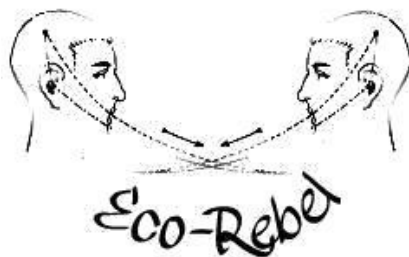
# **Ecolingüística**

**Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem  
(ECO-REBEL)**

**Volume 11, número 2, 2025**



**Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Departamento de Linguística  
Instituto de Letras  
Universidade de Brasília**



## Editorial

---

Prezados leitores, prezadas leitoras,

Este número de *ECO-REBEL* contém uma seleção de textos apresentados no VI Encontro Brasileiro de Ecolinguística (VI EBE), realizado pela modalidade *online*, nos dias 07 e 08 de novembro de 2024. O evento contou com duas presenças internacionais. A primeira é constituída pelas autoras do primeiro texto deste número da revista, da Espanha. A segunda é Adelaide Chichorro Ferreira, de Portugal, embora ela não tenha apresentado o texto escrito para publicação. O número inclui um texto não apresentado no evento, o de número 7, devido a sua relevância para a discussão dos discursos sobre o meio ambiente.

O primeiro texto deste volume, “Ecodidáctica sostenible de alemán como lengua extranjera: Traducción con perspectiva de igualdad de género y las nuevas tecnologías de traducción automática”, de Olga Koreneva Antonova & Isabel Gallego Gallardo, discute a atualíssima questão da tradução automática, salientando algumas de suas falhas, como o não reconhecer as questões de gênero na tradução do espanhol para o alemão. Por isso tradutores como Google Translator e o alemão DeepL precisam se adaptar. Só assim se atingiriam o nível de uma ecotradução.

O segundo texto é “Eventos extremos, antropocentrismo e biocentrismo vistos pela ADE”, de Ubirajara Moreira Fernandes, Márcio M. G. Silva & Hildo Honório do Couto. Ele tenta mostrar como a ADE pode ser um bom ponto de partida para se discutirem os eventos extremos e propor alternativas que possam mitigar os efeitos de um desastre de dimensões globais, que agora já parece inevitável.

O terceiro artigo, “Palavras que conectam a marcas: Ecolinguística no processo criativo”, de Ayumi Nakaba Shibayama, combina conhecimentos da Publicidade e da Ecolinguística para o entendimento de nomes de marcas comerciais. A autora explora conceitos como SCAMPER e *brainstorming* no modelo ecolinguístico da amпуlheta da lexicalização, de que representa pela primeira vez uma excelente aplicação, uma boa contribuição aos estudos ecolinguísticos, além da Publicidade.

O quarto texto, *O menino que descobriu o vento*, de Chiwetel Ejiofor sob a luz da Análise do Discurso Ecolinguística (ADE)”, de Erick S. S. Thomas & Elza Kioko N. N. do Couto, aplica a ADE, aos estudos sobre imagem de Aumont e sobre memória de Damásio e Halbwachs na análise do filme *O Menino que Descobriu o Vento*. Este fala da vida

do jovem William Kamkwamba diante da pobreza e a seca que assolava seu vilarejo na República do Malawi. Ressalta a criatividade do menino, que consegue resolver alguns dos sérios problemas da comunidade.

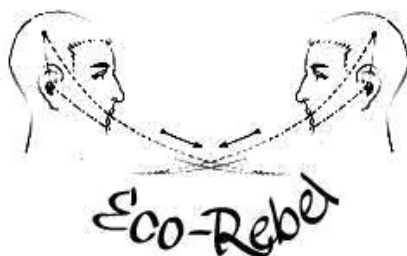
O texto número 5, “A iconicidade na oronímia sul-maranhense e a Ecolinguística”, de Geane M. Mendes & Maria Célia Dias de Castro, faz uma leitura da oronímia do sul do Maranhão, combinando conhecimentos da toponímia e do cognitivismo a fim de lhes dar uma interpretação ecolinguística.

O sexto texto, “Ecologia de Contato de Línguas à luz da Teoria Ecológica de Pressões em Dacar”, de Djiby Mane, explora o mosaico linguístico do Senegal. O autor combina conceitos da ecolinguística com outras propostas teóricas para discutir o multilinguismo senegalês, em que o francês é a língua oficial, o wolof a língua franca, diante da existência das 37 línguas do país. Interessantemente, é o wolof que pressiona as línguas nativas, talvez mais do que o francês.

O sétimo texto é “Ecoideologia: ideologia da vida como supraideologia”, de Ubirajara Moreira Fernandes, não foi apresentado no VI EBE, mas, dada sua relevância para a Análise do Discurso Ecológica, decidimos incluí-lo. Ele trata da espinhosa questão da ideologia, mostrando que as inúmeras ideologias existentes, sobretudo a do humanismo, devem passar pelo funil da ecoideologia, motivo pelo qual ela é uma supraideologia. O artigo mostra que os humanos devem fazer isso no interesse de sua própria sobrevivência na face da terra.

O oitavo texto é “Impactos socioambientais de parques eólicos no Nordeste do Brasil: Um estudo de textos-discursos na visão da linguística ambiental”, de Naziozênio Antonio Lacerda. Como o título já sugere, valendo-se da Linguística Ambiental, o autor procura mostrar que a despeito de a energia eólica ser aparentemente limpa, ela traz muitos prejuízos aos moradores das regiões em que é implantada, para não dizer prejuízos ambientais.

O nono artigo, “Valorização da diversidade biocultural por meio do estudo dos nomes vernaculares de plantas e animais”, de Eraldo Medeiros Costa Neto, mostra a importância da colaboração entre a ecolinguística, por um lado, e as etnociências e etnossistemática, entre outras ciências afins. Como diz o autor, “Os nomes vernaculares de animais e plantas desempenham um papel fundamental nesse diálogo, pois carregam informações sobre características, usos e comportamentos das espécies, revelando o conhecimento etnoecológico acumulado por gerações”. Na verdade, esses nomes “refletem não apenas características físicas das espécies, mas também seus papéis nos sistemas de crenças, na alimentação e na economia da comunidade”.



## **ECODIDÁCTICA SOSTENIBLE DE ALEMÁN COMO LENGUA EXTRANJERA: TRADUCCIÓN CON PERSPECTIVA DE IGUALDAD DE GÉNERO Y LAS NUEVAS TECNOLOGÍAS DE TRADUCCIÓN AUTOMÁTICA**

Olga Koreneva Antonova Universidad Pablo de Olavide, (UPO)

Isabel Gallego Gallardo, Universidad de Cádiz (UCA)

**Abstract:** One of the 17 sustainable development aims is to guarantee inclusive, equitable, and quality education and foster learning opportunities for everyone for the entire life long. Several authors suggest motivating students to heed more attention to critical discourse and to be aware how it can manipulate the capacity of language as a powerful political tool. At the same time, it is quite recommendable to treat languages and cultures ecologically for their preservation (SURCAMP, 2022). Translation and Interpretation studies and the teaching of foreign languages for professional purposes represent careers where the value of recognizing the communicative and ambassadorial function of language within the community in the context of global development prevails. Gender equality goes hand in hand with inclusive education, where the level of feminization is yet to be achieved despite great joint effort. This paper describes the teaching of German translation as ecotranslation (KORENEVA ANTONOVA; GALLEGO GALLARDO, *in press*) focusing upon gender equality. Thanks to the use of machine translation, students are made aware of multilingual communication that is free from discrimination and politically correct, reaching holistic learning (KORENEVA ANTONOVA, 2022).

**Keywords:** sustainable eco-didactics of foreign languages; eco-translation; gender equality; translation and interpretation; teaching of foreign languages for professional purposes.

**Resumo:** Um dos 17 objetivos do Desenvolvimento Sustentável é garantir uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Vários autores sugerem motivar os alunos a prestarem mais atenção ao discurso crítico e a reconhecerem a capacidade manipuladora da linguagem como uma ferramenta política poderosa. Ao mesmo tempo, defende-se saber tratar as línguas e as culturas de forma ecológica para a sua preservação (SURCAMP, 2022). Os estudos de Tradução e Interpretação e o ensino de línguas estrangeiras para fins profissionais representam carreiras onde prevalece o valor do reconhecimento da função comunicativa e embaixadora da língua no seio da comunidade no contexto do desenvolvimento global. A igualdade de género anda de mãos dadas com a educação inclusiva, onde o grau de feminização ainda não foi alcançado, apesar dos grandes esforços comuns. Neste trabalho é descrito o ensino da tradução alemã como ecotradução (KORENEVA ANTONOVA; GALLEGO GALLARDO, no prelo) com a perspectiva da igualdade de género. Graças ao uso da tradução automática, os alunos tomam consciência da comunicação multilíngue, livre de discriminação e politicamente correta, alcançando uma aprendizagem holística (KORENEVA ANTONOVA, 2022).

**Palavras-chave:** Ecodidática sustentável de línguas estrangeiras; Ecotradução; Igualdade de género; Tradução e interpretação; Ensino de línguas estrangeiras para propósitos profissionais.

**Resumen:** Uno de los 17 objetivos del Desarrollo Sostenible es garantizar una educación inclusiva, equitativa y de calidad y promover oportunidades de aprendizaje para todos durante toda la vida. Varios autores sugieren motivar a los estudiantes para que presten más atención al discurso crítico y puedan reconocer la capacidad manipuladora de la lengua como una poderosa herramienta política. Al mismo tiempo, se aboga por saber tratar las lenguas y culturas de forma ecológica para su preservación (SURCAMP, 2022). Los estudios de Traducción e Interpretación y la enseñanza de lenguas extranjeras para los propósitos profesionales representan carreras donde prevalece el valor del reconocimiento de la función comunicativa y embajadora de la lengua dentro de la comunidad en el contexto del desarrollo global. La igualdad de género va de la mano con la educación inclusiva, donde el grado de feminización aún está sin alcanzar a pesar de gran esfuerzo en común. Dentro del presente trabajo se describe la enseñanza de la traducción de alemán como

## ECO-REBEL

ecotraducción (KORENEVA ANTONOVA; GALLEGO GALLARDO, *in press*) con la perspectiva de la igualdad de género. Gracias al uso de la traducción automática se sensibiliza al alumnado en cuanto a la comunicación multilingüe libre de discriminación y políticamente correcta alcanzando un aprendizaje holístico (KORENEVA ANTONOVA, 2022).

**Palabras clave:** Ecodidáctica sostenible de lenguas extranjeras; Ecotraducción; Igualdad de género; traducción e interpretación; Enseñanza de lenguas extranjeras para propósitos profesionales.

### 1. Introducción

Dentro del marco del Desarrollo Sostenible defendido por la Organización Internacional para la Cooperación y Desarrollo Económico (OCDE, 2023) se establecen principios para integrar la economía en la sociedad considerando el medio ambiente. Sus 17 objetivos se orientan hacia la garantía de los Derechos Humanos, los valores democráticos, la justicia global y la paz mundial. El 4º objetivo es garantizar una educación inclusiva, equitativa y de calidad y promover oportunidades de aprendizaje durante toda la vida para todos (ODS, 2015). Según Surcamp (2022), se debe fomentar la educación para el desarrollo sostenible. La adquisición de nociones, competencias y posturas determinadas, también el conocimiento de valores compartidos, al igual que la capacidad de ver la necesidad del cambio hacen que los ciudadanos y las ciudadanas aprendan a enfocar sus pensamientos y plantear sus acciones hacia el futuro. Rieckmann (2019) destaca tres objetivos básicos del aprendizaje sostenible: socioemocional (promoción de competencias sociales, afectivas, desarrollo de posturas y motivación para la sostenibilidad), cognitivo (interiorización de conocimientos y competencias necesarias para entender la sostenibilidad y sus desafíos) y comportamental (desarrollo de habilidades de acción hacia la sostenibilidad) (SURCAMP, 2022: 13).

El campo de la enseñanza de las lenguas extranjeras para propósitos profesionales, tales como los Estudios para Traducción e Interpretación, para el Turismo o las Relaciones Internacionales con Traducción, resulta ser idóneo como ámbito de la educación sostenible. Es allí donde prevalece el valor del reconocimiento de la función comunicativa y embajadora de la lengua dentro de la comunidad en el contexto del desarrollo global. Varios autores sugieren motivar al estudiantado para prestar más atención al discurso crítico para reconocer la capacidad manipuladora de la lengua

## ECO-REBEL

como una poderosa herramienta política. Al mismo tiempo, se aboga por saber tratar las lenguas y culturas de forma ecológica para su preservación (SURCAMP, 2022).

Debido a la situación política y bélica, estamos presenciando en los últimos años la actualmente presente crisis humanitaria debido al aumento del movimiento migratorio forzado. La Agenda 2030 para el Desarrollo Sostenible reconoce la positiva contribución de las personas migrantes al crecimiento inclusivo y al desarrollo sostenible. El principio básico de la Agenda es "no dejar a nadie atrás" y esto incluye a los migrantes (<https://www.un.org/es/global-issues/migration>). El informe de las Naciones Unidas del 2024 contiene la estimación que cerca de 122,4 millones de personas estaban desplazadas de forma forzada debido a la guerra, persecución, violencia y violación de los Derechos Humanos (ONU, 1977). Las mujeres y niños son los que más sufren en estas situaciones. Según el informe mencionado arriba, de todos los desplazados cerca de 60 millones de mujeres y niñas tuvieron que huir debido a la violencia de género (UNHCR, 2024).

La actual situación con la política migratoria hace imprescindible conocer los valores codificados en las lenguas y culturas extranjeras (DIEHR, 2022) y evitar las desigualdades sociales. Ello traslada una gran responsabilidad a los profesionales de comunicación multilingüe. La desigualdad de género no es solo un derecho humano fundamental, sino que es una de las bases esenciales para construir un mundo pacífico, próspero y sostenible. Entre los 17 objetivos del Desarrollo sostenible, la igualdad de género represente el 5º objetivo (ODS, 2015) y, a pesar de todas las medidas tomadas, aún falta mucho para eliminar la discriminación de la mujer. En su introducción a la reciente *Guía de Innovación Docente con perspectiva de género en Comunicación* (GUARINOS; CARO; COBO, 2022), los autores apuntan que, a pesar del actual marco del EEES que prescribe la transversalidad de la perspectiva de género, ello aún no tiene mucha repercusión en la realidad. Al contrario de muchas estadísticas, el grado de la "feminización" de la universidad española sigue estando lejos de la presencia equitativa de las mujeres tanto como estudiantes matriculadas como mujeres docentes (RAMÍREZ; MANCINAS; MARTÍNEZ, 2015).

Se puede afirmar que sigue siendo necesaria una sensibilización hacia la armonización de la sociedad en cuanto al género para conseguir una educación sostenible. Desde la enseñanza de las lenguas extranjeras, concretamente de lengua alemana para propósitos profesionales planteamos un enfoque ecodidáctico con una propuesta de la enseñanza de traducción con el uso de las nuevas herramientas de traductores automáticos para aumentar la consciencia de la igualdad de género.

### 2. Uso interlingüístico y ecotraducción como didáctica de traducción sostenible

Resulta lógico que la enseñanza de las lenguas extranjeras no solo consiste en aprender las reglas gramaticales y dominar el vocabulario. En las clases se suelen y deben transmitir igualmente los conocimientos de las nociones culturales y sociales de los países que hablen esas lenguas. Esas nociones completan la reconstrucción de los esquemas sociales y lingüísticos típicos para cualquier lengua y ayudan al traductor o intérprete a garantizar el éxito de la comunicación (KORENEVA ANTONOVA; AGUILERA CRESPILO; PILGÚN, 2020).

Ya que los traductores y las traductoras son profesionales de comunicación multilingüe, deben ser conscientes de los desafíos políticos y sociales actuales y plasmarlos en su discurso. En el presente trabajo se va centrar en la traducción hacia la lengua alemana (lengua germánica) y española (lengua romance), ambas ramas de lenguas indoeuropeas. La distancia geográfica y la específica lingüística crean unos problemas de traducción a nivel discursivo. También históricamente, o sea, desde el punto de vista de la lucha por la igualdad de género, hay que recordar que ambos países destacan por el movimiento feminista diferente. Mientras que, en Alemania, la mujer obtuvo su derecho a voto en 1918, en España este hecho no aconteció hasta el 1931 durante la Segunda República. En ambos casos no fue posible su ejercicio efectivo hasta las fechas más tardías. Pasados 30 años, en el 1949 se eliminaron definitivamente en la Constitución alemana las últimas disposiciones de desigualdad para la mujer. Solo más de 45 años más tarde, en España la mujer pudo votar tras el final de la dictadura, en el 1978.

También hay que destacar algunas características sexistas propias de la lengua alemana frente a la lengua española. Si tanto en alemán como español existen diferentes géneros gramaticales: *der* (el), *die* (la), *das* (lo), en español los adjetivos se conjugan según el género del sustantivo perteneciente. Esta regla no existe en alemán, donde se dice: *Das Haus ist klein* (La casa es pequeña.), donde el adjetivo *klein* tendría la misma forma gramatical para los sustantivos de cualquier género, mientras que en español es necesario adaptarlo al género perteneciente: *casa pequeña*, *gato pequeño*, etc. Si bien es sabido que la lengua refleja nuestros pensamientos, igualmente existen teorías de que los individuos interpretan el mundo también a través de las formas gramaticales de sus lenguas (ADEGBITE, 2017, entre otros).

## ECO-REBEL

Cualquier profesional de comunicación con dominio suficiente de las lenguas españolas y alemana está familiarizado con las reglas gramaticales arriba mencionadas. Además, el lenguaje inclusivo y políticamente correcto es una pauta muy importante hoy día y es conocida por los profesionales de la comunicación que debe expresarse teniendo en cuenta la perspectiva de la igualdad de género. Así, igual que en español, en alemán se había usado desde siempre la forma del plural masculino para grupos de personas de ambos sexos: *die Lehrer, die Schüler* (profesores, alumnos). Actualmente, la lengua alemana ha introducido nuevas formas para poder dirigirse, por ejemplo, al alumnado de ambos sexos y destacar que también se incluyen a las mujeres, en vez de recurrir a la forma del plural masculino genérico usado hasta hace poco *Studenten* (terminado en -en), se dice: *StudentInnen* (derivado del plural femenino de estudiantes *Studentinnen*, donde se pone en mayúscula la -I-, conservando la terminación típica para los plurales -en). Igualmente se introducen otras formas para decir lo mismo: *Student\_innen, Student\*innen* (comparable con el español alum@s). También se puede recurrir a la repetición: *Studenten und Studentinnen*.

Ya que la enseñanza de lenguas extranjeras sostenible incluye los propósitos socioemocionales, cognitivos y comportamentales, el protagonismo durante el proceso de la traducción ya no reside tanto en el mensaje, sino pasa a los participantes en la comunicación (TEJADA CALLER, 2016). Este enfoque la convierte en *ecotraducción* orientada al usuario. Al mismo tiempo, se produce una sensibilización hacia el escenario y su adaptación a los esquemas culturales de la sociedad, donde se efectúa la remodelación del discurso conforme a los nuevos valores naturales y ecológicos (orientados al individuo). Dentro de las premisas de la ecotraducción se acentúa la tendencia que aleja al traductor de la figura invisible, se produce el cambio de foco y se le posibilita la lectura individual del mensaje y el uso de técnicas verbales distintas recurriendo a los principios psicológicos.

### 3. Traducción automática vista desde la perspectiva de igualdad de género

En cuanto al campo de traducción, ya son comúnmente conocidos los traductores automáticos de uso público, tales como DeepL, desarrollado por la empresa alemana DeepL GmbH y lanzado en el 2017 o el propio *Google translator*. A pesar de sus buenos resultados en algunos dominios y siendo una buena herramienta para entrenar a los traductores, llama especial atención que los traductores automáticos de la nueva generación se muestren “machistas” en sus textos traducidos.

## ECO-REBEL

Hay que recordar que sus mecanismos se basan en algoritmos de aprendizaje profundo y usan patrones estadísticos y un gran volumen de textos paralelos (corpus) (NOLL, 2024). También incorporan decodificadores y codificadores de contextos en base de redes neuronales.

Las ventajas de este tipo de herramientas para el trabajo interlingüístico son más que evidentes, porque ahorran el tiempo y los costes de traslado del mensaje de la lengua origen a la lengua meta. Existe algunos estudios que afirman que su calidad varía en función de las lenguas de uso y suelen ser pre-entrenados en inglés, donde no hay artículos ni adjetivos conjugados (*doctor, lower*) (GAO, 2024). Las deficiencias de los traductores automáticos más conocidas son, entre otras, la poca naturalidad de algunas expresiones y su aislamiento del contexto. En los últimos años se ha ido afinando el algoritmo de base de estos mecanismos para acercar sus resultados el máximo posible al discurso real. Los datos estadísticos de uso de los patrones lingüísticos debían ayudar a solventar dichos problemas de la naturalidad de los textos producidos. A continuación, se muestran algunos ejemplos de traducciones ofrecidos por DeepL donde se pueden observar las expresiones erróneas a la hora de designar el género del sustantivo inserto en el texto que arrojan evidencias a realidad de la igualdad de género presente en el discurso de base que sostienen estos mecanismos de traducción automática.

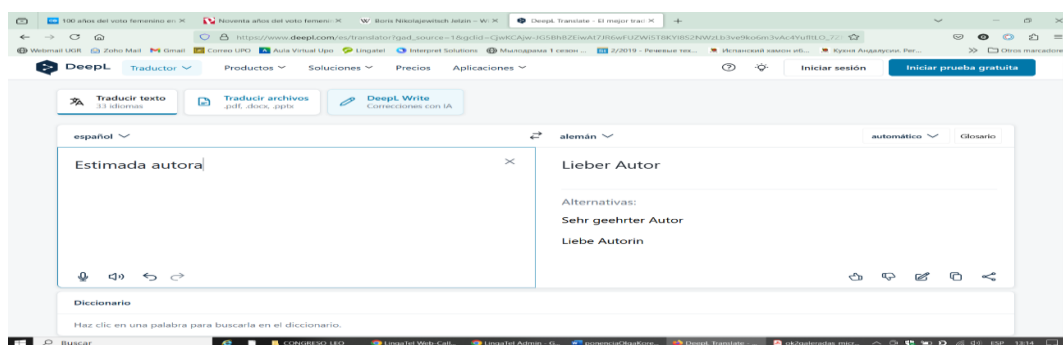


Imagen 1. “Autora”

Dichos ejemplos de traducción fueron extraídos del traductor DeepL gratuito de libre acceso en la fecha de noviembre del 2024 y son imágenes de elaboración propia. Como se puede observar en la captura de pantalla del traductor DeepL (imagen 1), al introducir la frase en español “estimada autora” el traductor nos sugiere en alemán la forma masculina *Lieber Autor*. Si bien abajo se ofrece algunas alternativas, entre ellas la femenina (*Liebe Autorin*), de entrada y por defecto se traduce

## ECO-REBEL

con un equivalente masculino. Se denota la desigualdad de género en cuanto a la designación de profesiones reservadas tradicionalmente a las figuras masculinas.

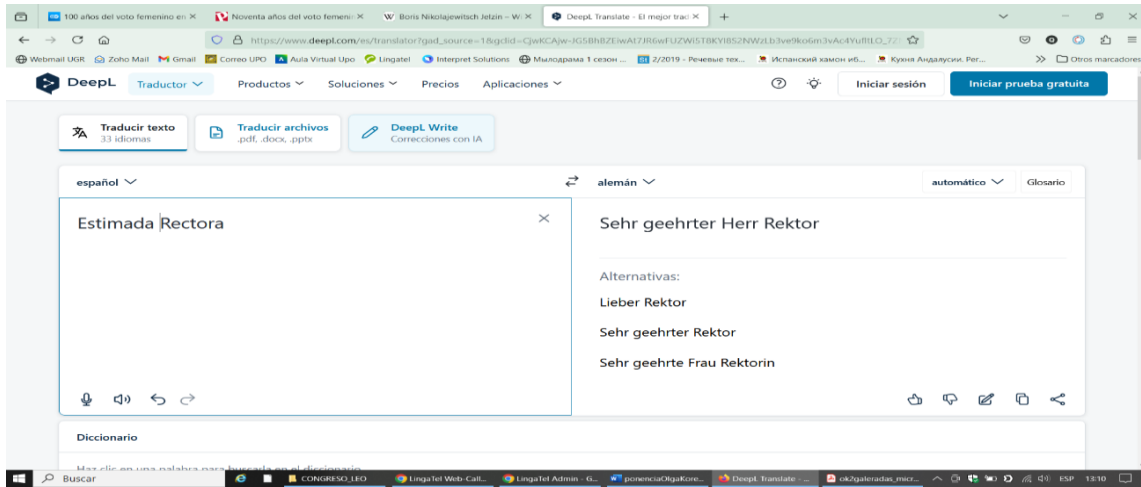


Imagen 2. “Rectora”

En la imagen 2 se ve igualmente el poco grado de feminización que está presente en el ámbito universitario en cuanto a los cargos académicos y administrativos. Sucede el mismo hecho que en la imagen 1 donde por defecto se nos ofrece una opción en forma masculina: estimada Rectora – *Lieber Rektor*. Abajo se encuentran algunas alternativas, entre ellas la femenina – *Liebe Rektorin*, que no tienen prioridad.

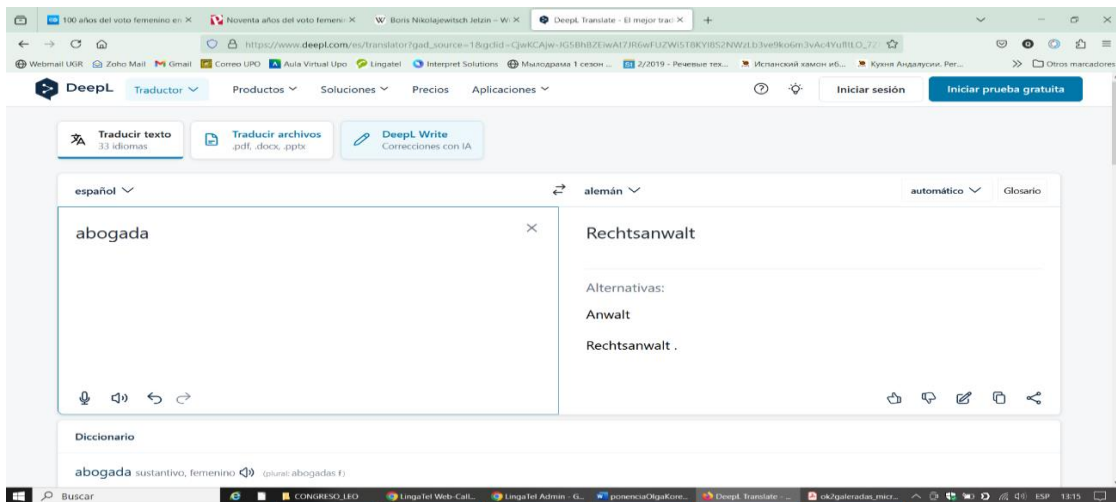


Imagen 3. “Abogada”

## ECO-REBEL

Algo parecido sucede en el caso con “abogada” donde el traductor automático nos sugiere la traducción al alemán igualmente en su forma masculina – *Rechtsanwalt*, sin ofrecer si quiera una alternativa femenina abajo. Se denota el peso de los algoritmos y los valores estadísticos a la hora de arrojar una sugerencia de traducción.

Se puede pensar que, tal vez, unas unidades fraseológicas extraídas del contexto conducen a este tipo de error. A continuación, se ofrece una frase donde “abogada” aparece en su contexto.

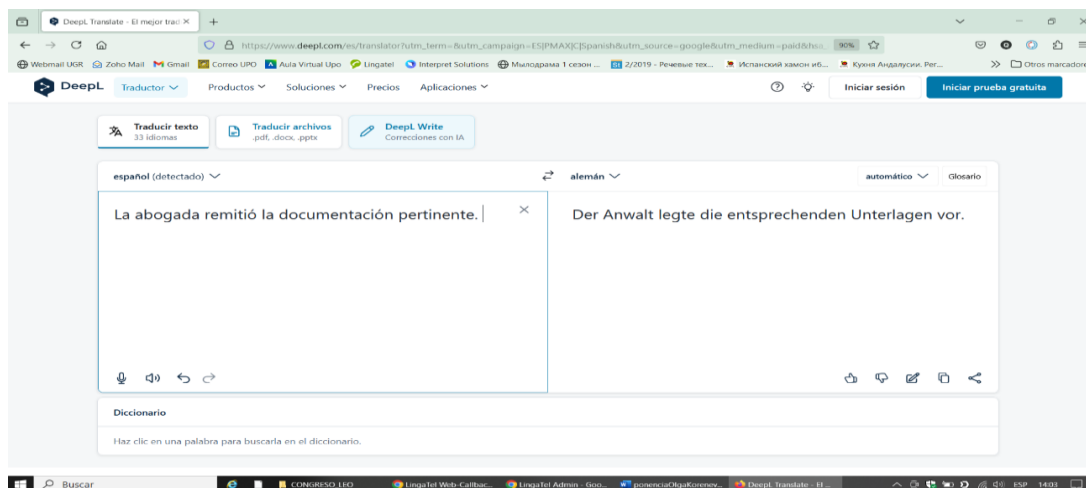


Imagen 4. “Abogada” en contexto.

Como ilustra la imagen 4, el hecho de estar inserto en su contexto no mejora la calidad de la traducción en cuanto a la perspectiva e igualdad de género, donde sigue predominando el género masculino por defecto: abogada – *der Anwalt*.

Vamos a desprendernos de las designaciones establecidas de profesiones, que parecen estar muy condicionadas tradicionalmente a la poca feminización de su ámbito. Vamos a introducir otra frase, ya con carácter supuestamente neutro para comprobar si las figuras femeninas salen mejor reflejadas esta vez en la lengua alemana.

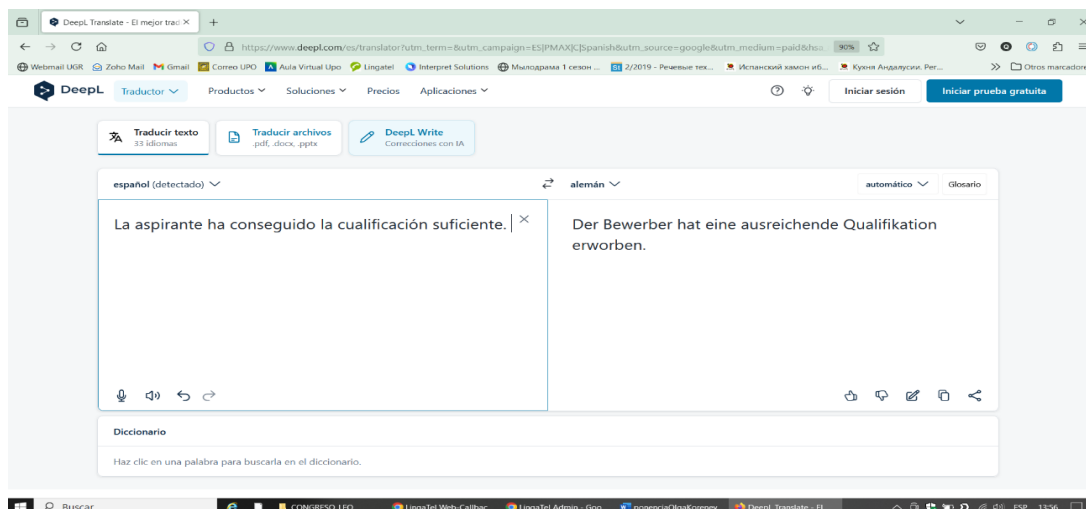


Imagen 5. “Aspirante” en el contexto.

Como se puede observar en la imagen 5, una figura femenina, aparentemente neutra – aspirante, e inserta en su contexto, también sufre su transformación y se convierte en una figura masculina en alemán – *der Bewerber*.

#### 4. Resultados y conclusiones

Tal y como ilustran los ejemplos obtenidos de la traducción automática, aplicado al caso de la traducción español-alemán, el discurso moderno de base para estos mecanismos de traducción aún no parece estar libre de la discriminación femenina. A pesar de todos los esfuerzos de las comunidades mundiales en defensa de la mujer, los avances siguen siendo insuficientes. La situación actual requiere más dedicación a los temas y a lucha por la igualdad de género que debe también reflejarse en nuestro discurso. La formulación de los Objetivos del Desarrollo Sostenible y otros proyectos europeos sirven para insistir en esta dirección. Igualmente, es importante adoptar al nivel educativo el enfoque del aprendizaje sostenible y ecológico, donde se buscan alcanzar los valores democráticos, la garantía de los Derechos Humanos y la convivencia pacífica. Ello deposita una gran responsabilidad en la figura del traductor e intérprete, como profesional de la comunicación multilingüe. Su profesión se convierte en ecotraducción orientada al individuo y su entorno con un discurso marcado por valores naturales y ecológicos.

Como se ha afirmado arriba, el uso de la lengua refleja la forma de pensar. Tal y como se ha podido ver con los ejemplos de textos traducidos arriba, la práctica de traducción en aulas debe afrontarse de forma consciente y el uso de las nuevas tecnologías debe ser cuidadoso. El personal docente

## ECO-REBEL

debe advertir al alumnado sobre las deficiencias de las herramientas de traducción automática en cuanto a la igualdad de género. Los textos traducidos deben ser revisados. Resulta evidente que dichos mecanismos pre-entrenados de asistencia al traductor o la traductora están condicionados y se basan en los algoritmos y datos estadísticos presentes en nuestros propios discursos (corpus), que los alimentan.

Para poder llevar a cabo una didáctica sostenible y haciendo justicia a la ecodidáctica de lenguas extranjeras para el uso profesional, se debe plantear la sensibilización del alumnado en cuanto a la perspectiva de la igualdad de género reflejada en el discurso a nivel interlingüe. Se debe fomentar el espíritu crítico y pretender elaborar discursos multilingües libres de discriminación donde se respeten los valores democráticos y los Derechos Humanos. Solo de esta forma se podrá aspirar al aprendizaje holístico (Koreneva Antonova, 2022) o efectuar la ecotraducción sostenible (KORENEVA ANTONOVA; GALLEGO GALLARDO, *in press*) donde se combina los tres objetivos básicos del aprendizaje: socioemocional, cognitivo y comportamental (RIECKMANN, 2019 en SURCAMP, 2022: 13). Dicho enfoque educativo nos acerca más a la convivencia pacífica en las comunidades cada vez más multilingües y multiculturales y solventa las desigualdades sociales a nivel global.

### 5. Referencias

ADEGBITE, Tobalase. Conflict and resolution: the roles of language, culture, gender and literature, 2017.

[https://www.researchgate.net/publication/317661533\\_CONFLICT\\_AND\\_RESOLUTION\\_THE\\_ROLES\\_OF\\_LANGUAGE\\_CULTURE\\_GENDER\\_AND\\_LITERATURE](https://www.researchgate.net/publication/317661533_CONFLICT_AND_RESOLUTION_THE_ROLES_OF_LANGUAGE_CULTURE_GENDER_AND_LITERATURE) (acceso: 06/02/2025)

DIEHR, Bärbel. Nachhaltigkeitsdiskurse in der Fremdsprache verstehen, gestalten und reflektieren. In: SURKAMP, CAROLA (Hrsg.), *Bildung für nachhaltige Entwicklung im Englischunterricht*. Klett Kallmeyer, 2022, p. 41-60.

GAO, Fei. When Minds Meet Machines: A Pilot Programme of using Chat-GPT to Teach Political Speech Translation in a Chinese-to-English Translation Classroom. *International Journal of Chinese and English Translation & Interpreting*. <https://www.researchgate.net/profile/Fei-Gao-146> (acceso: 06/02/2025)

GUARINOS, Virginia; CARO, Francisco J. y COBO, Sergio. “Prólogo: Por una transversalidad de género real en los estudios de grado en comunicación (y en lo demás)”, en: Rebollo Bueno,

## ECO-REBEL

Sara. y Sánchez Ramos, María. (coords.). *Guía de innovación docente con perspectiva de género en Comunicación*. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2022, p.11-16.

<https://www.researchgate.net/publication/363514693> Por una transversalidad real de género en los estudios en Comunicación (acceso: 06/02/2025)

KORENEVA ANTONOVA, Olga y GALLEGO GALLARDO, Isabel. (in press). Innovación para la enseñanza sostenible de lenguas extranjeras para traducción, interpretación y turismo: ecodidáctica con el CHATGPT. En *Inteligencia Artificial ¿amiga o enemiga?* Editorial: Peter Lang, pp. 181-193. ISBN 978-3-631-91587-5

Koreneva Antonova, O. 2022

KORENEVA ANTONOVA, Olga. 2023. “Docencia de Interpretación en alemán-español: propuesta de la metodología interactiva y situada con elementos de gamificación”. En Klbal, Ondrej y De la Fuente Marina, Beatriz (eds) *Didáctica y evaluación de la traducción e interpretación especializada*, vol. 9, nº 2 *CLINA, Revista interdisciplinaria de traducción, interpretación y comunicación intercultural*. Ediciones Universidad de Salamanca: Salamanca ISSN-e: 2444-1961 <https://revistas.usal.es/dos/index.php/clina/article/view/31164> (acceso: 06/02/2025)

KORENEVA ANTONOVA, Olga, AGUILERA CRESPILO, M.P., PILGÚN, María. “Micromachismos en la enseñanza de alemán, árabe y ruso para los Estudios de Traducción e Interpretación”. En: Suárez Villegas, Juan Carlos; Martínez Pérez, Natalia; Panarese, Paola (eds.) *"Cartografía de los micromachismos: dinámicas y violencia simbólica"*, Editorial Dykinson S.L. 2020, p. 160-171. ISBN 978-84-1377-311-7

NOLL, Richard. Assessing GPT and DeepL for Terminology Translation in the Medical Domain: A Comparative Study on the Human Phenotype Ontology. *Research Square*, 2024. <https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-4836251/v1>

SURKAMP, Carola. *Bildung für nachhaltige Entwicklung im Englischunterricht*. Klett Kallmeyer, 2022.

RAMÍREZ-ALVARADO, M<sup>a</sup> del Mar, MANCINAS-CHÁVEZ, Rosalba. y MARTÍNEZ-PECINO, Roberto. Feminización de los estudios de comunicación. La Facultad de Comunicación de la Universidad de Sevilla, *Temas de comunicación*, 31, 2015, p. 38-58.

RIECKMANN, Marco. Beiträge einer Bildung für nachhaltige Entwicklung zum Erreichen der Sustainable Development Goals: Perspektiven, Lernziele und Forschungsbedarfe. En H. Clemens y M. Rieckmann (Eds.) *Bildung und Erziehung im Kontext globaler Transformationen*. Opladen u.a. Budrich, 2019, p. 79- 94.

TEJADA CALLER, Paloma. Ecología y traducción: reconfiguración lingüística del protagonista narrativo en la obra de H. G. Wells *The Country of the Blind*. *Alfinge* (28), 2016, p. 89-108.

Naciones Unidas (ONU). <https://www.unhcr.org/bg/18727-mid-year-report-2024.html> (acceso: 06/02/2025)

## ECO-REBEL

Naciones Unidas (ONU). Millions of women and girls forced to flee face high risk of gender-based violence: UNHCR. <https://news.un.org/en/story/2024/11/1157596> (acceso: 06/02/2025)

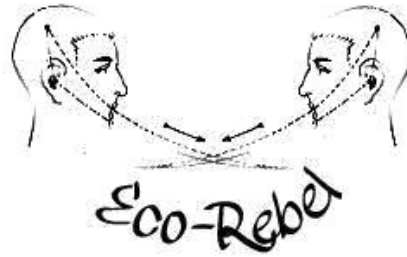
Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económico (OCDE). <https://www.oecd.org/> (acceso: 06/02/2025)

Objetivos de Desarrollo Sostenible. Agenda 2030. (ODS). <https://www.un.org/sustainabledevelopment/es/education/> (acceso: 06/02/2025).

Objetivos de Desarrollo Sostenible. Agenda 2030. (ODS). <https://www.un.org/sustainabledevelopment/es/gender-equality> (acceso: 07/02/2025)

Aceito em 10 de julho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.



## EVENTOS EXTREMOS, ANTROPOCENTRISMO E BIOCENETRISMO VISTOS PELA ADE

Ubirajara Moreira Fernandes (Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista)

Márcio M. G. Silva (Pesquisador independente, linguista, tradutor e ambientalista)

Hildo Honório do Couto (Universidade de Brasília – Professor Emérito)

**Abstract:** The purpose of this article is to remind people that extreme events are becoming more frequent and increasingly more extreme. According to scientists, we have already reached the point of no return. What we can still do now is try to mitigate the effects of these events. According to the idea that we are all responsible, we argue that Ecosystemic Discourse Analysis (EDA) is a good point of departure for discussing these issues and, who knows, remembering what can still be done so that we remain alive as a species.

**Key-words:** Extreme events; Life on earth; EDA; commitment; Possible attitudes.

**Resumo:** O objetivo deste artigo é lembrar que os eventos extremos estão se tornando cada vez mais frequentes e cada vez mais extremos. Segundo os cientistas, já chegamos ao ponto de não retorno. Assim, o que podemos fazer agora é tentar mitigar os efeitos desses eventos. Dentro da concepção de que todos nós somos responsáveis, argumentamos no sentido de que a Análise do Discurso Ecológico (ADE) é um bom ponto de partida para se discutirem essas questões e, quem sabe, lembrar o que ainda pode ser feito a fim de permanecermos vivos como espécie.

**Palavras-chave:** Eventos extremos; Vida na terra; ADE; Engajamento; Atitudes possíveis.

### 1. Introdução

Em suas origens em Sapir (1911, 1912), Voegelin & Voegelin (1964) e Haugen (1970), Ecolinguística se dedicava à ecologia das línguas. Nessa época, ela não se preocupava

## ECO-REBEL

explicitamente com o desrespeito à diversidade (em todas as suas manifestações) e a devastação da natureza exterior aos nossos corpos. A partir de Fill (1987, 1990) e sobretudo Halliday (1990), o foco de interesse da jovem disciplina voltou-se justamente para esses problemas. O fato é que atualmente é provável que mais de 80% dos trabalhos na área se dedicam a um ou outro desses tópicos de uma perspectiva crítico-discursiva. Nesse sentido, o ecolinguista inglês Arran Stibbe retomou com ênfase a tese já defendida por Alwin Fill de que é preciso mudar nossa maneira de falar do mundo, não necessariamente assumindo a postura do politicamente correto, mas no sentido de colaborar com a preservação da vida na face da terra.

A despeito dos inúmeros eventos extremos que comentaremos ao longo do artigo, os humanos continuam em sua posição antropocêntrica, achando que tudo no mundo está aí para nos servir, como muito bem tem alertado Ailton Krenak. Por isso, o que a esmagadora maioria dos ecolinguistas faz hoje em dia é uma pálida tentativa de conscientizar os formuladores de políticas e os que as aplicam de que é necessário mudar nossa postura frente ao mundo exterior aos nossos corpos, para o nosso próprio bem.

A Análise do Discurso Ecológico (ADE) nasceu no seio da Linguística Ecológica (LE) como um arcabouço teórico em que essas questões podem ser discutidas de modo bastante pertinente (COUTO; COUTO; SILVA, 2021). A LE é mais ampla, permite estudar todo e qualquer aspecto da língua, inclusive questões endoecológicas (estruturais), sem descuidar das questões textuais-discursivas. Tudo da perspectiva da visão ecológica de mundo (VEM). No entanto, para o estudo crítico e engajado sobre o que os humanos estão fazendo no meio ambiente natural, no mental e no social é mais adequado o uso da subteoria ADE, que representa uma visão microscópica de questões que têm a ver com a vida, questões que podem estar invisíveis a olho nu da perspectiva abrangente da LE (COUTO, 2015). Assim sendo, toda a argumentação ao longo deste artigo tem como pano de fundo a ADE.

### **2. A ADE e a vida**

Como anunciado no título, nosso objetivo neste artigo é mostrar que a Análise do Discurso Ecológico (ADE) e o arcabouço maior a que ela pertence, a Linguística Ecológica (LE), podem ser um bom cenário para se discutirem textos-discursos sobre eventos extremos e similares, não só devido aos dois princípios fundamentais da teoria, mas também ao fato de ela levar em conta não apenas o nível simbólico (social, político), como faz a maioria das teorias linguísticas

## ECO-REBEL

tradicionais, mas também ao fato de encarar os seres vivos em sua inteireza que, sobretudo no caso dos humanos, são constituídos de três dimensões, a natural, a mental e a social. Tudo isso está representado nos dois princípios fundamentais da ADE expostos a seguir.

(1) *Defesa incondicional da vida;*

(2) *Luta contra sofrimento evitável*

Esses dois princípios constituem a espinha dorsal da ADE. Tanto que eles canalizam as três citações que vamos ver logo abaixo a fim dar início a uma amostra de como se fazer análise de textos-discursos sobre a vida na face da terra. Tudo passará pelo funil e pelo cadinho desses dois princípios. A primeira parte (1) expressa o caráter normativo da Ecologia Profunda (EP) assumido pela ADE. Isso está explicitado no oitavo princípio da EP apresentado no Apêndice. Em outros termos, há uma recomendação aos seguidores da ADE para que ponham em prática esses princípios. A segunda parte (2) representa uma das facetas mais importantes da primeira, isto é, recomendar uma luta contra todo e qualquer sofrimento evitável. Existem também sofrimentos e dores inevitáveis, aquelas que existem para que os seres vivos defendam a integridade de seus corpos, evitando sua mutilação.

As duas primeiras citações que gostaríamos de incluir como reforçadoras do caráter normativo da ADE são justamente do criador da Ecologia Profunda, Arne Naess. Elas estão expostas em (3) e (4).

(3) *Não inflija sofrimento desnecessário em outros seres vivos* (NAESS, 1989, p. 171);

(4) *Tenha compaixão pelos seres sencientes* (NAESS, 2002, p. 45).

O que está dito em (3) e (4) também trata diretamente da defesa da vida e, o que é mais, de maneira normativa, com os verbos no imperativo (*não inflija, tenha compaixão*). Na verdade, Naess afirma que a EP é prescritiva (*prescriptive*), no sentido de prescrever aos seus seguidores a obrigação de intervir em prol da vida.

Existem muitas outras citações bastante conhecidas que vão na mesma direção do que interessa ao que estamos discutindo. Uma delas é o provérbio alemão de (5).

## ECO-REBEL

(5) *Não maltrate um animal por prazer, pois ele sente dor como você*

Como a duas citações de Arne Naess, esse provérbio é também de caráter normativo (*Não maltrate ...*). O fato de o pensamento estar formulado em um provérbio é interessante, pois, como sabemos, os provérbios cristalizam fragmentos da sabedoria popular. Se os devastadores do meio ambiente agissem como recomenda essa sabedoria, certamente não estaríamos vivendo os seguidos desastres que vemos nos dias de hoje. Pelo menos não com a intensidade que estamos vendo.

A sabedoria popular que se manifesta na direção de viver em harmonia com o mundo externo aos nossos corpos existe até com mais intensidade em grupos étnicos tradicionais. Praticamente todos eles respeitam a natureza exterior aos corpos das pessoas. É o caso da reflexão expressa em (6).

(6) *Quando a última a árvore for cortada, o último peixe for pego, o último rio envenenado, só então perceberemos que não se pode comer dinheiro.*

Trata-se de um conhecido provérbio nativo norte-americano (canadense) que é citado muitas vezes. É interessante notar que ele inclui as três dimensões da vida. A primeira é constituída pelas plantas, representadas pela árvore. A segunda tem a ver com a vida animal, no caso, os peixes. A terceira envolve as bases para a vida na face da terra, a água. Sem ela não há vida. O provérbio termina com a advertência de que a vida pode existir sem os artefatos, no caso um artefato de valor apenas social (dinheiro). Porém, sem água, não há vegetação, não há animais, logo, não há humanos, pois, por mais que queiramos enfatizar o antropocentrismo, nós somos seres animais que dependem de praticamente as mesmas coisas que os demais animais. Em suma, esse provérbio mostra que culturas não europeias veiculam aproximadamente a mesma coisa que o provérbio alemão, mas de forma até mais impactante.

Aliás, discussões relativamente recentes sobre direito dos animais, das plantas e da natureza em geral nada mais fazem do que reproduzir o que grupos étnicos tradicionais vinham dizendo e fazendo há milênios. Como veremos na seção 7 mais abaixo, essas culturas têm consciência de que sem as bases abióticas (inorganicidade), não há vegetação (vegetalidade) e sem as duas não há vida animal (animalidade) que inclui a vida humana (humanidade). Os eventos extremos estão afetando tudo isso.

### 3. Eventos extremos no nível natural

No dia 16 de setembro de 2024 todas as atividades no *campus* da Universidade de Brasília foram suspensas devido a um incêndio que grassava na Floresta Nacional de Brasília. Toda a região já estava 146 dias sem chuva. No dia seguinte, a situação piorou. Em algumas quadras da Asa Norte, mal se conseguia ver o prédio vizinho, distantes um do outro cerca de 15 metros, devido à intensidade da fumaça. Era muito difícil respirar. O pior é que o problema não é só de Brasília nem só do Brasil, vítima de vários desastres nos últimos tempos: incêndios no Pantanal, seca na Amazônia, enchentes e alagamentos no Rio Grande do Sul e, pouco depois, seca na mesma região desses alagamentos. E assim por diante.

Há pessoas que acham que tudo isso é parte da natureza, sobretudo os incêndios. Porém, tem sido demonstrado que deslizamentos de terras nas encostas e desmoronamentos de margens de rios se devem em grande medida à ação humana. Esses últimos em grande parte devido à destruição das matas ciliares, que são uma proteção dos barrancos das margens dos rios.

Houve enchentes e alagamentos até no deserto. Eles ocorreram em Marrocos, no Egito, na Arábia Saudita, nos Emirados Árabes e diversos outros lugares, ironicamente, quase ao mesmo tempo em que a Amazônia sofria com uma terrível seca. Pouco tempo depois, o deserto árabe da região de Al-Jawf próxima à Jordânia ficou coberto de neve pela primeira vez na história, após fortes chuvas e granizo. Para piorar, havia previsão de ventos fortes e chuvas torrenciais como as de Dubai um pouco antes.

Quando começamos a discutir sobre a elaboração deste artigo estava havendo incêndios em Portugal, inundações na Europa Central (Áustria, Polônia, Romênia, República Tcheca etc.), na China e em muitos outros lugares. Em 31 de outubro de 2024 houve enchentes devastadoras na Espanha, com vários mortos. Houve incêndios também devastadores no Canadá em 2023 e 2024. Há os incêndios sazonais na Califórnia (EUA) que, por mais de duas semanas de janeiro de 2025 foram os mais devastadores da história da região, destruindo as mansões de muitos milionários. Incêndios sazonais existem em diversas outras regiões do mundo. São casos um atrás do outro.

A tudo isso acrescentem-se os surtos de vírus, como o coronavírus de 2019 a 2022, discutido por Silva (2020), e diversas outras epidemias e pandemias. A qualquer momento pode irromper mais uma epidemia, que poderá virar uma pandemia. Esses eventos têm se tornado cada vez mais extremos e intensos e cada vez mais frequentes. Ironicamente, como lembrou Ailton Krenak, durante a pandemia da covid-19, “por um breve período, os humanos botaram o pé no freio e os

## ECO-REBEL

golfinhos festejaram, as baleias dançaram, a água dos rios e dos oceanos ficou mais bonita” (KRENAK, 2025).

Existem outros fenômenos naturais (nível natural) inevitáveis tais como vendavais, tempestades, ciclones (extratropicais), tornados (EUA), furacões/tufões, terremotos (em várias partes do mundo), tsunamis (vários países da Ásia) etc. Em setembro e outubro de 2024 houve dois furacões devastadores no sudeste dos EUA. Os furacões são naturais até certo ponto, mas sua frequência e intensidade podem se dever ao aquecimento das águas do mar, o que tem a ver com o aquecimento global, grandemente causado pelo consumo exagerado de combustíveis fósseis, emissão de gases de efeito estufa, como o CO<sub>2</sub>. Para completar, os cientistas dizem que o ano de 2024 foi o mais quente da história. Enfim, segundo algumas estatísticas, em 2024 houve mais de 150 eventos extraordinários no mundo.

Existe ainda a possibilidade de cataclismos de proporções cósmicas, aparentemente independentes da ação humana, como a colisão de um grande asteroide contra a terra ou um possível efeito das tempestades solares. Não se trata de ser profeta do apocalipse, mas de ser realista diante do que já estamos vendo.

### **4. Distúrbios no nível social**

Os eventos extremos comentados na seção anterior estão todos na dimensão natural. Com exceção das epidemias e pandemias de vírus, eles se deram, se dão e se darão no que poderíamos chamar de natureza externa aos nossos corpos, não na nossa constituição fisiológica. Mas, há distúrbios (desastres) também nos níveis mental e social.

No nível social, temos as guerras, desastres causados exclusivamente pelos humanos, que levam a muita devastação ao ambiente construído e até ao ambiente natural, com muita morte e sofrimentos evitáveis, como as provocadas pelas bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, bem como os desastres de Three Mile Island na Pensilvânia nos Estados Unidos, em 1979; o acidente nuclear de Tchernobyl na antiga União Soviética (hoje Ucrânia) em 1986. Em 2011, em Fukushima (Japão), um terremoto causou um tsunami que atingiu a usina nuclear local, liberando materiais radioativos para o meio ambiente, causando várias explosões. No momento atual (final de 2024) temos dois exemplos bastante desastrosos: a guerra de Israel contra os palestinos na Faixa de Gaza e no sul do Líbano, por um lado, e a invasão da Ucrânia pelo ditador da Rússia. A primeira fez da Faixa de Gaza uma terra arrasada. Além disso, alguns países estão quase sempre em estado de beligerância,

tais como o Irã, Coreia do Norte, a Rússia etc.

Há beligerâncias em níveis menores, como as que se dão entre grupos étnicos, ou entre segmentos da sociedade que seguem uma ideologia radical, fundamentalista. As pessoas brigam e às vezes se matam simplesmente porque seguem ideologias diferentes, não por causa de algo vital. Essa animosidade entre povos e entre indivíduos, às vezes até entre parentes próximos, pode levá-los a se agredirem simplesmente por seguirem ideologias diferentes, como a atual polarização política no Brasil, e no mundo.

Como eventos como os narrados nesta seção têm a ver diretamente com a ação humana, é importante lembrar que há vozes que apregoam no sentido de evitá-los. É o caso do linguista da paz Francisco Gomes de Matos. Durante toda sua carreira profissional como linguista aplicado, ele vem defendendo uma pedagogia da positividade (MATOS, 1996). Essa pedagogia sugere que procuremos usar vocabulário positivo, respeitando o interlocutor para que haja paz entre eles, uma “paz comunicativa”. Em sua opinião, comunicar bem é comunicar para o bem, respeitando o próximo e a natureza. Em Matos (2006), ele fala explicitamente em “direitos dos animais” (57, 67) e em “educação ambiental”. Infelizmente, porém, e para usar uma metáfora cristã cara a ele, trata-se de uma voz pregando no deserto. Nesse contexto, não se pode esquecer a pregação do já mencionado filósofo de origem indígena Ailton Krenak.

### 5. Problemas no nível mental

Os desastres naturais e, sobretudo, os conflitos sociais podem reforçar, e têm reforçado, a existência de muitos conflitos mentais. Nesse nível existem inúmeras neuroses e psicopatias. Além de pequenos e grandes atritos entre pessoas e entre grupos, a cada dia surge um novo nome para uma nova (nova?) psicopatia, além de algumas mais tradicionais, como “loucura” (de médico e de louco todo mundo tem um pouco), demência, ansiedade, depressão, esquizofrenia, transtorno bipolar, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), transtorno do espectro autista (TEA), transtorno de déficit de atenção (TDA), transtorno de *deficit* de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), transtornos alimentares (anorexia, bulimia) etc. A cada dia surge mais um nome para novo transtorno.

Amiúde o nome para uma nova “mania/psicopatia” vem em inglês. Assim, além de *stress*, hoje fala-se muito em *burnout*, *stalking*, *gaslighting*, *bullying*, *cyberbullying* etc. O primeiro (*burnout*) às vezes era chamado de estafa ou simplesmente cansaço. Quanto a *bullying* sempre existiu entre

## ECO-REBEL

crianças, jovens e adolescentes, com frequência no ambiente escolar. Com o advento das redes sociais, surgiu nova modalidade de *bullying*, o *cyberbullying*. Vale dizer, à medida que a sociedade avança, avançam também os problemas mentais.

Há muitas ofensas verbais. Algumas de nível inteiramente individual, outras envolvem a pessoa como ser social. É o caso da difamação que, segundo o *Aurélio*, é o ato ou efeito de difamar, de tentar levar alguém ao descrédito em seu círculo social. Como o próprio termo difamar já sugere, é uma espécie de “tirar a fama da pessoa”, desacreditando-a publicamente. A difamação pode se apresentar sob a forma de calúnia, ou seja, mediante acusações falsas. Em nível mais individual, pode ser uma injúria, que se dirige mais diretamente à pessoa ofendida. O insulto é outra forma de ofensa dirigida diretamente ao ofendido. Enfim, a língua dispõe de um vasto vocabulário para designar ofensas, tanto individuais quanto sociais, ou seja, que afeta a vida social da pessoa, tanto em nível individual quanto no ambiente em que a pessoa ofendida vive. Em alguns casos mais drásticos, temos os xingamentos, que podem preceder as vias de fato.

Enfim, a degradação da vida na face da terra se manifesta nos três níveis reconhecidos pela Linguística Ecosistêmica, ou seja, o natural, o mental e o social. Está havendo uma desagregação em todos esses níveis.

### 6. Biocentrismo e ecocentrismo, não antropocentrismo

Tudo isso tem levado algumas pessoas a falarem em “fim do mundo”, em um “apocalipse” próximo. Quem diz isso revela o antropocentrismo de achar que o desaparecimento dos humanos seria fim do mundo, o que implicaria que os humanos são o mundo. No contexto da ADE já foi dito que o mundo seguirá seu curso conosco ou sem nós. Cabe a nós decidirmos se queremos continuar nele. A propósito, vale a pena reproduzir o que disse o tantas vezes citado ecologista americano Christopher Manes:

*“Se os fungos, um dos seres ‘mais baixos’ na escala de valores humanos, se extinguissem amanhã, o efeito no resto da biosfera seria catastrófico, uma vez que a saúde das florestas depende do fungo micorrízica (*Mycorrhizal*), e o desaparecimento das florestas perturbaria a hidrologia, a atmosfera e a temperatura de todo o globo. Ao contrário, se o **homo sapiens** desaparecesse, o fato passaria inteiramente ignorado pela grande maioria das formas de vida sobre a terra” (MANES, 1996, p. 24).*

## ECO-REBEL

Os seguidores da ADE diriam que as demais formas de vida agradeceriam o desaparecimento dos humanos e floresceriam com muito mais vigor. Krenak (2025) disse que “o planeta Terra não suporta mais a nossa presença aqui, e está a ponto de nos cuspir ou vomitar. O que eu acho muito bom. Ele vai ficar muito melhor sem a gente. Bilhões de outras espécies não humanas vão agradecer”.

A pergunta que se põe é: Por que os humanos não tentam remediar a situação, adotando pelo menos medidas paliativas, pois, como os cientistas disseram, já ultrapassamos o ponto de não retorno? Por que não aprender com os grupos étnicos originários e procurar viver em harmonia (simbiose, comunhão) não apenas no nível social, mas também no mental (em harmonia conosco mesmos) e no natural?

Em 1948 a ONU criou a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Bem mais tarde algumas vozes começaram a defender os direitos dos animais, das plantas e até da “natureza”. Pusemos “natureza” entre aspas porque ela não existe separada dos humanos, nós somos parte dela, o que implica que ofender ou defender a natureza é ofender ou defender a nós mesmos.

Em 1978 foi proclamada pela UNESCO a Declaração Universal dos Direitos Animais, assunto já ventilado até nas legislações formais de alguns países, entre eles o Brasil. Já no século XVIII, Jeremy Bentham havia dito que "talvez chegue o dia em que o restante da criação animal venha a adquirir os direitos dos quais jamais poderiam ter sido privados, a não ser pela mão da tirania" porque o que importa não é a capacidade de raciocinar, mas a possibilidade de sofrer. Do contrário, bebês e pessoas especiais, teriam que ser tratadas como coisas. Para ele, "A questão não é ‘eles podem pensar’? ou ‘eles podem falar’?, mas ‘eles podem sofrer’?". Vale dizer, três séculos atrás já havia pensadores que alertavam contra nosso antropocentrismo.

Já se falou também em direito das plantas, havendo proposta de uma Declaração Universal dos Direitos das Plantas, com vários artigos, embora não formalizada como a dos humanos e dos animais, além dos direitos da natureza. Thomas Berry falou em Jurisprudência da Terra, com as leis da sociedade derivando das leis da natureza, pois "o universo é uma comunhão de sujeitos, não uma coleção de objetos". Nos EUA alguns estados mencionam esses direitos em suas leis. Infelizmente, porém, essas ideias, atividades e advertências têm permanecido como letra morta. Apesar da validade de todas elas, apesar de suas boas intenções, o mundo continua sendo guiado pelos interesses econômico-financeiros. Boas intenções não são suficientes, pois como diz a

## ECO-REBEL

sabedoria popular, de boas intenções o inferno está cheio. É necessário que haja ação como recomendado pela EP, pela ADE e pelos provérbios de (5) e (6) acima.

Mediante os princípios de *Defesa incondicional da vida* e de *luta contra o sofrimento evitável* a ADE é um cenário em que tudo que foi apresentado pode ser discutido de modo bastante pertinente. Afinal, ela é parte da Linguística Ecológica, que começa no portal para a entrada na visão ecológica de mundo (VEM). Esse portal é o ecossistema linguístico, que nos lembra que tudo nas culturas (língua, símbolos, crenças etc.) pode ser representado no L do conhecido tripé da LE. Este L, por sua vez, só existe e subsiste na mente das pessoas (P), em seu imaginário (HARARI, 2020). As pessoas, por seu turno, só podem viver e conviver em algum lugar, seu território (T).

Para que tudo isso aconteça é necessário que deixemos de lado nosso antropocentrismo e adotemos o **biocentrismo** e o **ecocentrismo**, seguindo as recomendações da Ecologia Profunda, da filosofia de vida de Gandhi, entre outras mais antigas e outras mais modernas. Como disse o precursor da LE, Peter Finke (2022), o antropoceno falhou, por isso devemos substituí-lo pelo **gaiaceno** (FINKE, 2022). Em outros termos, encarar tudo pela ótica da visão ecológica de mundo (VEM). Infelizmente em geral nem os políticos nem a maioria das pessoas comuns se preocupam com o que foi apresentado. Os políticos estão preocupados apenas com o poder. Um bom exemplo é o debate entre dois postulantes a prefeito da cidade de São Paulo. Um deles provocou o outro tanto que este jogou uma cadeira nele. A preocupação deles não era com a poluição, a miséria (moradores de rua), temporais derrubando árvores e causando apagões em sua cidade nem, muito menos, com os incêndios que assolavam o interior de seu estado naquele exato momento.

Como disse o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, não há mais debates saudáveis, que ele chama de rituais, rituais que refletiriam os padrões interacionais harmônicos da sociedade (HAN, 2020). As pessoas em geral só veem mensagens fugazes recebidas pelas redes sociais, de forma aditiva, uma após outra. Assim que uma delas é vista é também descartada e esquecida, pois em seguida vem outra, mais outra, mais outra..... Mesmo que vissem algo sobre o desinteresse dos políticos pelo bem público, o fato não permaneceria em suas memórias. Votam em um político, ele não cumpre o que prometeu, mas votam nele de novo na eleição seguinte. A atitude é: o que acontece na política não tem a ver comigo.

Os políticos e a maioria de nós não se preocupam com os fenômenos naturais porque “não há o que fazer”. Talvez porque como disse Edgar Morin – e como já dizia Francis Bacon (1561-1653)

## ECO-REBEL

–, embora partindo de premissas radicalmente diferentes, “a sociedade moderna pensa que pode se emancipar do mundo exterior dominando-o” (MORIN, 2007, p. 14). Morin continua dizendo que “a terra não nos pertence, nós é que pertencemos a ela”, o desenvolvimento e o crescimento industrial nos conduzem a um desastre irreversível (p. 54, 88). E os desastres estão ocorrendo cada vez com mais frequência e mais intensidade, como já salientamos.

Urge voltarmos a valorizar os rituais comunitários, nos termos de Han (2020), ou seja, agirmos em comunhão não apenas entre nós (nível social) mas também com a natureza (nível natural), como apregoa a Ecologia Profunda de Arne Naess. Assim, viveríamos em paz conosco mesmos (nível mental). Couto (2024) defendeu um diálogo com a natureza exterior aos nossos corpos, uma vida em simbiose, harmonia e comunhão com ela, o que infelizmente está longe da realidade.

As pessoas estão mais ocupadas com a tela de seus celulares do que com a escolha dos políticos em quem vão votar e, muito menos, fiscalizar suas ações após eleitos. Há uma alienação total no que tange ao exterior aos seus corpos. Com isso, temos, além dos desastres naturais e das tragédias sociais, as agressões e tragédias individuais recém-mencionadas.

Para os ecolinguistas, como cientistas da linguagem, os linguistas em geral também são responsáveis e devem trabalhar no sentido da conscientização dos erros que estamos cometendo contra a natureza exterior aos nossos corpos. Por isso, o estudo e aplicação da ADE poderiam amenizar esses descabros, pois ela recomenda veementemente uma defesa incondicional da vida, defesa que inclui uma luta constante contra sofrimentos evitáveis. Afinal, como a LE de cujo arcabouço teórico ela faz parte, ela parte do ecossistema que, segundo os linguistas ecossistêmicos, é o cenário em que a vida começa, tem sua duração e seu final.

Por fim, tem-se falado em genocídio, que seria levar todo um povo ao desaparecimento. Porém, maior do que isso é o ecocídio, o processo que leva ao aniquilamento de toda a vida em determinado ecossistema. No espírito da Ecologia Profunda, a defesa do ecocídio é mais ampla do que a do genocídio, portanto, lutar contra o primeiro é lutar também contra o segundo, pois os humanos são parte da vida em geral, como passaremos a discutir na seção seguinte.

### **7. Inorganicidade, vegetalidade, animalidade e humanidade**

Nós, falantes de português, temos pejo para usar neologismos, coisa que os anglófonos não têm no mesmo nível. Mas, a vida dos humanos é parte da vida em geral, que inclui todas as demais formas de vida. A vida dos animais depende da vida dos vegetais e tudo isso depende das bases físicas

## ECO-REBEL

(abióticas) tais como solo, água, ar, temperatura etc. Para designar cada um desses domínios propomos quatro nomes que poderão levar muito purista a ficar arrepiado. Assim, a vida dos humanos é o domínio da humanidade; a dos animais em geral, a animalidade; a dos vegetais, a vegetalidade. As bases para todas elas constituem o que podemos chamar, por falta de termo melhor, de inorganicidade, o domínio do mundo inorgânico. Afinal, vida não é só a dos humanos. Tanto que a Ecologia biológica distingue biocenose (comunidade biológica, de todos os seres vivos), de sociedade que inclui apenas uma espécie, e nós achamos que somos essa espécie. Precisamos deixar de lado nosso antropocentrismo ao agirmos como se existisse apenas a sociedade humana.

Muita gente pensa que valorizar a animalidade e a vegetalidade é assumir uma atitude de misantropia. Mas, como Arne Naess disse, significa considerar a vida humana em um contexto maior, contexto que extrapola o estreito domínio do antropocentrismo. Quando fala em defesa incondicional da vida e em luta contra sofrimento evitável a ADE inclui todos os seres vivos, reconhecendo que às vezes determinada espécie se alimenta de espécimes de outra. O fato de o leão abater uma gazela para se alimentar é muito diferente das orgias de carne que os humanos promovem em uma churrascada de fim de semana. Mais, o leão não mata nenhum outro ser por prazer como os humanos fazem na caça e na pesca lúdicas. Um bom exemplo é a foto do ex-rei da Espanha Juan Carlos em pé, com o fuzil na mão exibindo como troféu um elefante que abateu na África (RAMOS, 2013).

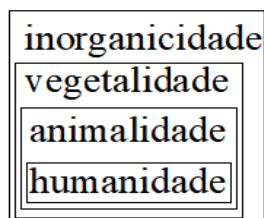
Que haja sofrimento no nível da humanidade e da animalidade, parece óbvio. O que não parece tão óbvio é que no da vegetalidade ele possa existir também. Porém, pesquisas recentes têm descoberto sinais de que as plantas também sofrem. Os seres inorgânicos nos parecem sem muito valor, são seres brutos. No entanto, deve ser observado que se a matéria inorgânica se aglomera formando as pedras, as montanhas, os corpos celestes, a destruição desnecessária de sua integridade de alguma forma é destrutiva, logo, ofensiva. O solo normalmente é fixo, mas os elementos mais fluidos como a água e o ar (vento) são dinâmicos, estão sempre se movendo. Os grupos étnicos tradicionais não têm nenhuma dúvida de que na vegetalidade e na inorganicidade também há sofrimento. Tanto que adoram a montanha, o rio, veneram o vento, veem os céus (o firmamento) como algo sagrado etc.

Em Otsu (2006) são exploradas “as lições das estações”, “as lições da água”, “as lições do bambu”, “as lições da árvore” e “as lições do céu”, nomes de cada capítulo de seu livro. Por partir

## ECO-REBEL

basicamente da filosofia oriental, ele diz que “ao contrário das outras linguagens simbólicas como tarô, búzios e astrologia, o *I ching* não tem figuras de origem cultural. [...] o *I ching* não se baseia em imagens criadas pelo homem como mago, carro, torre, papa, ou em personagens mitológicos como Júpiter, Vênus, Saturno, nem em entidades como Exu, Iemanjá, Iansã”, todos criações da mente humana. “Os símbolos básicos do *I ching* são elementos da natureza como: céu, terra, trovão, água, montanha, vento, madeira, fogo e lago”. Toda a argumentação da filosofia oriental, como o taoísmo, se baseia na observação da natureza (p. 105).

Como a Ecologia Profunda em que se inspira, a ADE se preocupa não só com a humanidade, mas com os outros três domínios, pois a vida no sentido mais amplo abrange todos eles. O respeito se deve estender inclusive às bases para a existência da vida, tais como o solo, o ar, as águas, constituintes abióticos dos ecossistemas, ou seja, a inorganicidade. Como mostra a figura a seguir, em termos de abrangência, a humanidade é o domínio mais restrito.



Seguindo uma de suas maiores fontes de inspiração – a Ecologia Profunda –, a Análise do Discurso Ecosistêmica leva em conta as quatro dimensões. Com efeito, sem os componentes abióticos do ambiente vital (*Lebensraum*), do ecossistema (solo, águas, ar, temperatura etc.), não há vegetação; sem vegetação não há vida animal, da qual a vida humana faz parte. Eles constituem o biótopo da biocenose (comunidade biológica), de que a sociedade faz parte. A conclusão inevitável é a de que para defender a vida é preciso defender as quatro dimensões. Para a vida na face da terra elas são muito mais importantes do que ideologias (políticas, religiosas etc.) e relações de poder. Sem vida não há ideologias.

### 8. Observações finais

Há muito mais coisas que poderiam ter entrado na discussão supra. Entre elas o respeito à diversidade no sentido mais amplo. Isso incluiria o respeito às minoras de todos os tipos, no nível natural, no mental e no social, se bem que os primeiros formaram o objeto central do artigo. Mas, no nível social existe ainda o respeito às línguas de povos minorizados, muitas delas em risco de

## ECO-REBEL

extinção. No mental, está havendo uma crescente conscientização sobre os problemas psicológicos que afligem as pessoas sobrecarregadas de obrigações pelo competitivo sistema capitalista. Além disso, estamos viciados pela cultura digital como por uma droga, em vez de nos encontrarmos com outras pessoas e bater um bom papo, como de novo diz Krenak.

Esperamos que deve ter ficado claro que a questão da vida na face da terra é muito mais importante do que as questões ideológico-políticas, do que o poder econômico e o militar, como o dos Estados Unidos, da China e da Rússia, e até da pequena Coreia do Norte que, pelo pouco que sabemos, prioriza a produção de armas em vez do bem-estar da população. A LE de que a ADE faz parte começa na constatação de que sem meio ambiente saudável (a terra), não há pessoas e seres viventes em geral e, sem pessoas, não há língua nem cultura. Isso está refletido no conhecido tripé P, T, L.

A ADE estreita o foco, dirigindo-o especificamente para o que tem a ver com a vida na face da terra. Não é para menos que seus dois princípios são (1) defesa incondicional da vida e (2) luta contra sofrimentos evitáveis.

### Referências

- COUTO, Elza Kioko N. N. do. “Diálogos com o meio ambiente: Ecolinguística e história ambiental”, palestra apresentada no IV Colóquio em Letras EaD – Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, 23 a 24 de maio de 2024
- COUTO, Elza K. N. Nenoki do; RAMADAN, Maria Ivoneti B. *Análise do discurso ecossistêmica: Teias e trilhas do ecossistema mental*. Campinas: Pontes, 2024.
- COUTO, Hildo Honório do. Linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, p. 7-81, 2015.  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, Hildo; COUTO, Elza; SILVA, Anderson. Ecosystemic Discourse Analysis (EDA). *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, p. 05-17, 2021.  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36017/29022>
- DARWIN, Charles. *The origin of species*. Londres: J. M. Dent & Sons Ltd, 1951 (1a ed. 1859).
- FERNANDES, Ubirajara Moreira. Notas sobre sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo na Análise do Discurso Ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, p. 46-53, 2021.  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36698/29027>
- FILL, Alwin. *Wörter zu Pflugscharen: Versuch einer Ökologie der Sprache*. Viena: Böhlau, 1987.
- FILL, Alwin. *Ökologiestik: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr, 1993.
- FINKE, Peter. *Mit zum Gaiazän: As Anthropozän hat versagt*. Munique: Oekom, 2022.
- HALLIDAY, Michael A. K. News ways of meaning: The challenge of applied linguistics. Conferência Plenária na AILA, Tessalônica, Grécia, 1990. Publicado em *Journal of applied linguistics* n. 6, p. 7-36, 1990.
- HAN, Byung-Chul. *The Disappearance of Rituals: A Topology of the Present*. Cambridge, RU:

## ECO-REBEL

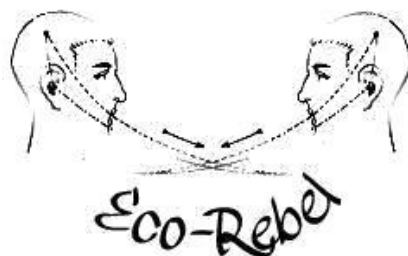
- Polity Press, 2020 (Original alemão: *Vom Verschwinden der Rituale*).
- HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2020.
- KRENAK, Ailton. Entrevista concedida a Marisa Adán Gil em *Época Negócios*, 27/01/2025.
- MANES, Christopher. Nature and silence. In: GLOTFELTY, Ch., FROMM, H. (orgs.). *Ecocriticism reader: Landmarks in Literature and Ecology*. Athens: The University of Georgia Press, p. 15-29, 1996.
- MATOS, Francisco Gomes de. *Pedagogia da positividade: Comunicação construtiva em português*. Recife: Editora Universitária, 1996.
- MATOS, Francisco Gomes de. *Comunicar para o bem: Rumo à paz comunicativa*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2ed., 2006.
- MORIN, Edgar. *L'An un de l'ère écologique*. Paris: Tallandier, 2007.
- NAESS, Arne. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- NAESS, Arne. *Life's philosophy: Reason and feeling in a deeper world*. Athens: The University of Georgia Press, 2002.
- OTSU, Roberto. *A sabedoria da natureza*. São Paulo: Ágora, 2006.
- RAMOS, Rui. O rei de Espanha foi caçar elefantes: A construção discursiva do evento nos *media* portugueses. *Cadernos de linguagem e sociedade* v. 14, n. 1, p. 17-40, 2013.
- SAPIR, Edward. Language and environment. Conferência na Associação Antropológica Americana, 28/12/1911. *American Anthropologist* n. 14, p. 226-242, 1912.
- SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e Análise do Discurso Ecosistêmica. *ECO-REBEL* v. 6, n. 2, p. 90-106, 2020.  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>
- VOEGELIN, Charles F.; VOEGELIN, Florence M. "Languages of the world – Native America, fascicle one". *Anthropological linguistics* v. 6, n. 6, p. 1-149, 1964.

**Apêndice: Princípios da Plataforma do Movimento da Ecologia Profunda**

1. O bem-estar e o florescimento da vida humana e da não-humana sobre a terra têm valor em si próprios (sinônimos: valor intrínseco, valor inerente). Esses valores são independentes da utilidade do mundo não-humano para propósitos humanos.
2. A riqueza e a diversidade das formas de vida contribuem para a realização desses valores e são valores em si mesmas.
3. Os humanos não têm nenhum direito de reduzir essa riqueza e diversidade, exceto para satisfazer necessidades humanas **vitais**.
4. O florescimento da vida humana e das culturas é compatível com uma substancial diminuição na população humana. O florescimento da vida não-humana exige essa diminuição.
5. A interferência humana atual no mundo não-humano é excessiva, e a situação está piorando rapidamente.
6. As políticas precisam ser mudadas. Essas políticas afetam estruturas econômicas, tecnológicas e ideológicas básicas. O estado de coisas resultante será profundamente diferente do atual.
7. A mudança ideológica é basicamente a de apreciar a qualidade de vida (manter-se em situações de valor intrínseco), não a de adesão a um sempre crescente padrão de vida. Haverá uma profunda consciência da diferença entre grande e importante.
8. Aqueles que subscrevem os pontos precedentes têm a obrigação de tentar implementar, direta ou indiretamente, as mudanças necessárias (*apud* COUTO, 2007, p. 37).

Aceito em 15 de julho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.



## **PALAVRAS QUE CONECTAM A MARCAS: ECOLINGUÍSTICA NO PROCESSO CRIATIVO**

Ayumi Nakaba Shibayama (UFPR)

**Abstract:** This article explores the intersection between Advertising and Ecolinguistics in brand name creation, analyzing the creative and signification processes. Using theories by Couto (2007), Couto and Couto (2024), Sant'Anna (2012), Pazmino (2015), and Perez (2016), the study identifies linguistic patterns that influence the memorability and impact of names. The research adopts a multimethodological approach, combining creative techniques like SCAMPER and brainstorming with ecolinguistic concepts, such as the hourglass of lexicalization, to enrich the creative process. The study proposes a framework that connects types of names, creative processes, and meanings, offering support in building brand identities.

**Keywords:** Linguistic ecosystems; Advertising; Hourglass of lexicalization; Creativity ; Brands; Verbal Identity.

**Resumo:** Este artigo explora a interseção entre Publicidade e Ecolinguística na criação de nomes de marcas, analisando os processos criativos e de significação. Utilizando teorias de Couto (2007), Couto e Couto (2024), Sant'Anna (2012), Pazmino (2015) e Perez (2016), o estudo identifica padrões linguísticos que influenciam a memorização e o impacto dos nomes. A pesquisa adota uma abordagem multimetodológica, combinando técnicas criativas como SCAMPER e brainstorming com conceitos ecolinguísticos, como a ampulheta da lexicalização, para enriquecer o processo criativo. O estudo propõe um quadro que conecta tipos de nomes, processos criativos e significados, oferecendo suporte na construção de identidades de marca.

**Palavras-chave:** Linguística Ecolinguística; Publicidade; Ampulheta da lexicalização; Criatividade; Marcas, Identidade verbal.

### 1. Introdução

A criação de nomes de marcas representa um desafio para os criativos, pois requer a combinação de originalidade e adequação à identidade da empresa, produto ou serviço. Esse processo demanda atenção para assegurar que o nome escolhido seja diferenciado, fácil de pronunciar e de lembrar, além de refletir os valores e a missão da marca. Além disso, a disponibilidade do nome no mercado e a inexistência de conflitos com outras marcas exigem uma pesquisa, o que pode tornar o processo mais complexo. A tarefa também envolve a necessidade de alinhar o nome ao público-alvo, garantindo que ele se destaque em um meio competitivo, o que frequentemente resulta em múltiplas tentativas e ajustes antes da definição final. Neste contexto, os estudos em comunicação e linguística podem ajudar a compreender como os nomes influenciam a percepção e como podem ser usados para construir significados que ressoem com os valores e a identidade da marca.

Este artigo propõe uma reflexão na interseção entre a Publicidade e a Ecolinguística, com ênfase nos processos criativos e de significação na criação de nomes de marcas. O estudo teórico permite identificar padrões linguísticos, culturais e psicológicos que podem otimizar a memorização e o impacto do nome. A partir das contribuições de Couto (2007) e Couto & Couto (2024), entende-se que a linguagem reflete e molda as práticas sociais, e, nesse sentido, a publicidade, enquanto disseminadora de linguagem, tem um papel importante na criação e perpetuação de significados que influenciam a relação das pessoas com o mundo ao seu redor. Ao conectar diferentes áreas do conhecimento, busca-se compreender como os nomes de marcas são construídos e como as práticas linguísticas influenciam esse processo. As contribuições advindas da Ecolinguística possibilitam considerar questões naturais, sociais e mentais no processo de criação. Integrar diferentes abordagens teóricas pode enriquecer o processo criativo.

Como metodologia, adota-se o método da focalização (Couto, 2018), que examina o objeto de pesquisa tanto em uma perspectiva detalhada (microscópica) quanto ampla (macroscópica), aplicando métodos específicos de diferentes áreas do conhecimento. A abordagem utilizada é multimetodológica, pois integra disciplinas relacionadas à Publicidade e à Ecolinguística.

Inicialmente, o texto apresenta a importância que os nomes desempenham na definição e construção de marcas e dez tipos de nomes baseados na listagem empírica proposta por Perez

## ECO-REBEL

(2016). Em um segundo momento, são abordadas seis<sup>1</sup> estratégias<sup>2</sup> criativas utilizadas nesse processo: SCAMPER, *brainstorming*, mapa mental, associações, cocriação e pensamento lateral, que facilitam a geração de ideias inovadoras. Tais estratégias podem se constituir como técnicas, métodos ou ferramentas úteis para gerar novas ideias e soluções.

Depois, a partir da perspectiva ecolinguística, introduz-se a ideia da ampulheta da lexicalização (Couto, 2007; Couto e Couto, 2024), um conceito que ilustra como as palavras e seus significados estão relacionados ao contexto e à cultura, propondo novas abordagens criativas na criação publicitária. Os conceitos de onomasiologia e semasiologia são discutidos, ajudando a entender a relação entre os nomes e os conceitos que eles representam, bem como a interpretação e as variações de significados em diferentes contextos. Esses conceitos são importantes para a análise dos processos de significação das palavras no âmbito publicitário, no qual a criação de nomes de marcas envolve tanto a escolha de termos quanto as associações que são feitas por meio da linguagem.

Por fim, o estudo relaciona tipos de nomes de marcas, processos criativos e de significado, apresentando um quadro<sup>3</sup> para ilustrar como esses elementos podem se conectar e interagir na construção da identidade de uma marca. O quadro proposto integra os métodos criativos e os conceitos ecolinguísticos discutidos e pode ser usado para apoiar o processo de criação de nomes. O uso do quadro permite aos criativos considerar os aspectos léxicos e semânticos, além dos efeitos

---

<sup>1</sup> Existem inúmeros métodos, processos, técnicas e estratégias para criação. Neste artigo são abordados os seis mais recorrentes utilizados pela autora em sala de aula.

<sup>2</sup> No livro "Como se Cria: 40 métodos para design de produtos", Pazmino (2015) diferencia os termos metodologia, método, modelo de processo técnica e ferramentas. A Metodologia é o estudo dos métodos empregados no desenvolvimento de projetos, enquanto o Método consiste no conjunto de procedimentos aplicados para atingir os objetivos estabelecidos. O Modelo de Processo refere-se à estrutura que define a sequência de etapas a serem seguidas em um projeto. A Técnica envolve os meios auxiliares utilizados para resolver problemas durante o processo. As Ferramentas são instrumentos físicos ou conceituais que ajudam a tornar processos mais eficientes e a alcançar resultados de forma mais precisa. Por fim, a Estratégia diz respeito ao planejamento de longo prazo que orienta as ações e decisões dentro do projeto, garantindo que os objetivos sejam alcançados de forma eficaz. A estratégia é planejada com antecedência, geralmente de forma sequencial, mas pode incluir operações simultâneas e ajustes baseados em *feedback* ao longo do processo. Pode ainda, ser um esquema, um meio para se chegar a outro ponto ou atingir um objetivo. A proposta do presente texto é apresentar possibilidades de criação, apontar alguns caminhos, com contribuições das áreas de Comunicação e Ecolinguística, entendendo que não é possível esgotá-los, por esta razão, utilizo o termo "estratégias".

<sup>3</sup> O quadro, certamente, não esgota as perspectivas de criação, pelo contrário, a proposta é apresentar algumas das muitas possibilidades de construção de conceitos na mente e propor caminhos para a criatividade através de ideias inovadoras e alinhadas com a estratégia de *branding*. Essa flexibilidade de gerar novas ideias confirma a ideia de que a linguagem não é fixa, mas sim moldada pela interação constante entre os conceitos e os significados conforme Couto (2007).

psicológicos e sociais dos nomes de marcas possibilitando uma tomada de decisões mais fundamentada e consciente sobre os nomes a serem criados.

### 2. Nomes que definem marcas

Um bom nome de marca vai além de identificar o produto ou serviço. Ele é capaz de comunicar sua essência e o que ela representa para os consumidores. É memorável, sonoro, fácil de pronunciar e escrever, além de criar uma conexão emocional com o público. Ele também precisa ser único e diferenciado para se destacar no mercado e evitar confusões com outras marcas. Em um ambiente competitivo, um nome bem escolhido pode ser um dos maiores ativos de uma marca, ajudando a construir identidade, reconhecimento e fidelidade (KOTLER, 2021; PEREZ, 2016; HILLER, 2012; RODRIGUES, 2011) Em Comunicação, o processo de definição e escolha de um nome de marca se chama *naming*.

A dificuldade em criar nomes diferentes para registro no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI, 2025) se deve principalmente à grande quantidade de marcas já registradas e à necessidade de garantir que o nome escolhido seja único e não infrinja os direitos de outras marcas existentes. O INPI exige que o nome de uma marca não seja semelhante ou que cause confusão com outras já registradas, o que torna o processo desafiador. Além disso, o nome deve ser distintivo e não genérico, o que limita as opções. Em muitos casos, as palavras e combinações óbvias ou comuns já estão em uso, fazendo com que o processo criativo se torne difícil para encontrar um nome original e legalmente disponível para registro (INPI, 2025).

Uma marca precisa carregar um significado que a conecte com o consumidor, gerando associações, expectativas e preferência. Ao escolher um nome para uma marca, é essencial que ele esteja alinhado ao seu posicionamento e aos benefícios que a empresa deseja transmitir. O nome pode vir de diversas fontes: pessoas, lugares, qualidades, estilos de vida ou até mesmo palavras inventadas. Algumas qualidades desejáveis para o nome incluem ser sugestivo quanto aos benefícios ou qualidades do produto, ser fácil de pronunciar e lembrar, ser único e evitar significados negativos em outras culturas ou idiomas. Kotler (2021) mostra que a escolha do nome pode influenciar a percepção do consumidor, como apresentado pelo exemplo das duas mulheres, no qual o nome "Elizabeth" gerou uma reação mais positiva que "Gertrude". Portanto, um bom nome é uma ferramenta essencial para construir uma marca forte.

## ECO-REBEL

Para Hiller (2012), o nome de uma marca é o principal responsável por sua identificação, independentemente do segmento, como é o caso de marcas como Danone, Guaraná Jesus, Casas Bahia, Pampers, Facebook, entre tantas outras. Hoje em dia, o nome de uma marca vai além de ser apenas uma forma de identificação ou comunicação do que ela representa; ele deve ter uma sonoridade agradável, ser visualmente atraente, fácil de escrever, digitar e pronunciar. Exemplos disso são marcas como Häagen Dazs e BlackBerry, que possuem nomes que se destacam por sua sonoridade e apelo visual.

Segundo Perez (2016), o nome de uma marca é um componente fundamental, composto por palavras ou letras, utilizado para identificar e diferenciar os produtos de uma empresa em relação aos seus concorrentes. De maneira simbólica, a marca assume o papel de criadora do produto ou conceito, relacionando a uma identidade exclusiva. Os nomes podem ser criados por diversos processos linguísticos, variando de sinais abstratos e arbitrários até expressões mais claras e diretas que refletem a identidade da empresa, abrangendo uma ampla gama de alternativas entre esses dois extremos.

No livro *Signos da marca: expressividade e sensorialidade*, Perez (2016) propõe, empiricamente, dez tipos básicos de modalidades de denominação. Segundo a autora, os nomes de marcas podem ser classificados em diferentes tipos: descritivos, que descrevem atributos, como Museu Espanhol de Arte Contemporânea; simbólicos, que evocam imagens, como Rede Globo; patronímicos, baseados em nomes de pessoas, como Ford; toponímicos, referentes a locais, como Aerolíneas Argentinas; léxicos, retirados do vocabulário comum, como Oi; contrações, formadas por iniciais, como IBM; e inventados, sem significado prévio, como Lycra. Outros tipos incluem numéricos, associados a números significativos, como Restaurante 348, e invertidos, formados por inversão de nomes, como Ogait, proveniente do nome “Tiago”. Os tipos de nomes de marcas, definição e exemplos constam no QUADRO 1:

## ECO-REBEL

QUADRO 1: Tipos de nomes de marcas

Tipo de Nome	Definição	Exemplos
<b>Descritivos</b>	Nomes que descrevem claramente os atributos ou benefícios da marca.	Museu Espanhol de Arte Contemporânea
<b>Simbólicos</b>	Nomes que fazem referência à empresa ou produto por meio de uma imagem ou ideia literária, geralmente mais abstrata ou simbólica.	Rede Globo, Montblanc
<b>Patronímicos</b>	Nomes baseados no nome próprio ou sobrenome de uma pessoa importante, como o fundador ou alguém da família.	Ford, Johnson & Johnson, Fundação Roberto Marinho
<b>Toponímicos</b>	Nomes que fazem referência ao lugar de origem ou à área de influência da empresa.	Aerolíneas Argentinas, Brasil Telecom
<b>Léxicos</b>	Nomes retirados diretamente do vocabulário da língua, geralmente simples e comuns.	Oi, Claro
<b>Contrações</b>	Nomes formados por iniciais ou partes de palavras, criando uma forma abreviada que é lida por cada letra.	IBM, 3M, LG, EDF, BMW
<b>Contrações Como Palavras</b>	Abreviações feitas a partir de siglas que formam uma palavra ou expressão que pode ser falada facilmente.	Fiat (Fabbrica Italiana Automobili Torino),
<b>Inventados</b>	Nomes criados do zero, sem um significado anterior na língua. São originais e não têm um sentido imediato.	Lycra, Zoomp
<b>Numéricos</b>	Nomes formados por números, muitas vezes associados a algo relevante para a empresa, como uma data ou número significativo.	Restaurante 348 (de origem argentina)
<b>Invertidos</b>	Nomes formados pela inversão ou espelhamento de nomes próprios ou palavras comuns.	Ogait (de Tiago)

Fonte: Baseado em Perez (2016)

Esse quadro organiza os diferentes tipos de nomes de marcas, suas definições e exemplos, facilitando a compreensão e o uso desses nomes em projetos de criação.

### 3. Estratégias para criar

A palavra criatividade, etimologicamente, vem do latim *creare*, que indica a capacidade de criar, produzir ou inventar coisas novas. No processo criativo publicitário, é importante gerar ideias inovadoras. Igualmente importante é entender como os signos (verbais e não-verbais) são percebidos e interpretados pelo público. A criatividade, neste sentido, surge quando os signos são combinados de maneiras novas e inesperadas, criando significados e associações. Conhecer as estratégias de geração de ideias pode contribuir para mostrar que tal habilidade pode ser desenvolvida em diferentes aspectos como pictórica, visual, gestual, verbal, oral, escrita entre outros. Por exemplo, ao utilizar um símbolo cotidiano, como o sol, em uma campanha, podem ser criadas associações, como a ideia de "energia renovável" ou "bem-estar".

Para Sant'Anna (2016), o processo de associação de ideias compõe-se basicamente de imaginação e memória. Neste sentido, o autor recorre a quatro leis para a associação de ideias:

## ECO-REBEL

contiguidade, semelhança, sucessão e contraste. Trata-se de uma adaptação moderna das leis de associação de ideias propostas por filósofos gregos, como Aristóteles e Platão, que abordavam como as ideias se conectam na mente humana. As quatro relações refletem diferentes formas de associação entre conceitos e imagens, que podem ser usadas para criar significados, incluindo a construção de nomes e marcas:

Contiguidade refere-se à proximidade entre duas imagens ou ideias que compartilham alguma relação no mundo real. Por exemplo, a palavra “mar” pode remeter diretamente a “navio”, pois ambos estão frequentemente associados no contexto de navegação ou viagens marítimas.

Semelhança acontece quando duas imagens ou ideias se sobrepõem por possuírem características em comum. Um exemplo recorrente seria um gato lembrando um tigre, pois ambos são felinos e compartilham características físicas e comportamentais, como tamanho, formato e atitudes. A semelhança cria uma associação direta entre esses elementos.

Sucessão envolve uma sequência lógica em que uma ideia ou imagem segue a outra, formando uma cadeia de pensamento. Por exemplo, “trovão” é comumente associado à “tempestade”, já que o trovão muitas vezes ocorre antes ou durante uma tempestade.

Contraste surge quando duas ideias ou imagens são opostas, gerando uma associação baseada na diferença. Por exemplo, a relação entre “ódio” e “amor” são conceitos antagônicos que se associam no imaginário como sentimentos opostos, mas igualmente intensos e significativos.

Essas relações de associação ajudam a criar ligações simbólicas entre palavras, imagens e conceitos, fundamentais na comunicação. Rodriguez (2011) discorre no mesmo sentido apontando as mesmas abordagens para a escolha de nomes de marcas. Essas estratégias podem ser usadas para associar nomes a conceitos. Além disso, há diferentes estratégias para ajudar no processo de criação propostas por diversos autores como *brainstorming*, mapas mentais, método SCAMPER, cocriação e pensamento lateral que serão descritos brevemente a seguir:

O objetivo do *brainstorming* (SANT’ANNA, 2016) é incentivar a produção de ideias de forma livre e sem julgamentos, criando um ambiente propício para a criatividade. Durante esse processo, os participantes são incentivados a pensar de maneira expansiva e a explorar todas as possibilidades sem se preocupar com a viabilidade imediata das ideias. Essa abordagem facilita a criação de nomes descritivos, que podem surgir a partir da associação direta com as características e os benefícios do produto ou serviço.

## ECO-REBEL

O mapa mental foi criado pelo psicólogo Tony Buzan, no final dos anos 1970, como uma técnica para organizar ideias através de palavras-chave, imagens, cores e símbolos, formando uma estrutura que se espalha a partir de um conceito central. O mapa mental reflete tanto processos racionais quanto imagéticos, com a ideia central sendo o ponto de partida, e as demais ideias se ramificando de forma fluida, como galhos de uma árvore. Esse recurso pode ser útil tanto no planejamento quanto na síntese de projetos, ajudando a registrar todos os seus elementos (PAZMINO, 2015). Ao utilizar essa técnica, os participantes podem criar representações gráficas de conceitos, permitindo que conexões entre palavras, temas e ideias sejam exploradas de forma não linear. Isso é útil na criação de nomes sugestivos, que buscam evocar sensações ou associações indiretas, sem descrever diretamente o produto ou serviço.

A técnica SCAMPER é uma ferramenta criativa baseada no trabalho de Alex F. Osborn (1950), sendo aperfeiçoada por Bob Eberle na década de 70 (EBERLE, 1996). É uma metodologia focada na modificação ou melhoria de ideias já existentes. SCAMPER é um acrônimo para as ações: Substituir, Combinar, Adaptar, Modificar, Propor novos usos, Eliminar e Reorganizar. O SCAMPER visa gerar soluções por meio de perguntas. A ideia central é que novos objetos ou soluções podem ser criados a partir da modificação ou adição de elementos existentes. Essa técnica heurística ajuda a superar bloqueios mentais e é mais eficaz quando aplicada por uma equipe multidisciplinar, permitindo que diferentes especialistas proponham mudanças significativas no projeto (PAZMINO, 2015). Esse processo é útil na criação de nomes inventados, que muitas vezes envolvem a combinação ou transformação de palavras para gerar novas expressões sem um significado literal.

Cocriação (PRAHALAD, RAMASWAMY, 2004) é uma prática de inovação aberta, um processo colaborativo no qual diferentes partes interessadas trabalham juntas para criar valor ou desenvolver produtos, serviços ou soluções. Esse processo permite que as ideias, conhecimentos e experiências de todos os envolvidos sejam compartilhados, resultando em inovações mais alinhadas com as necessidades e expectativas do público. No caso da criação de nomes de marcas, isso significa incluir diversos pontos de vista, conhecimentos e experiências no processo.

Pensamento lateral é uma abordagem que visa resolver problemas através de métodos inovadores e não convencionais. Trata-se de um processo que incentiva a disposição de ver as situações sob novas perspectivas, complementando o pensamento analítico e crítico. Essa técnica é uma ferramenta eficaz e ágil, utilizada para auxiliar indivíduos, equipes e empresas a superar

## ECO-REBEL

desafios complexos, além de promover a criação de novos produtos, processos e serviços (BONO GROUP, 2019). Ao aplicar o pensamento lateral, é possível explorar novas perspectivas e soluções inesperadas para a criação de nomes, fugindo de padrões ou associações óbvias. Técnicas como a mudança de pontos de vista, inversão de ideias e a combinação de conceitos aparentemente não relacionados podem levar à criação de nomes memoráveis e impactantes. As estratégias apresentadas nesta seção acompanhadas de seus autores podem ser visualizadas resumidamente no QUADRO 2:

QUADRO 2: Estratégias criativas

Estratégias	Descrição
<b>Brainstorming</b>	Técnica que visa incentivar a produção livre e expansiva de ideias, sem julgamentos, permitindo a exploração de possibilidades sem se preocupar com a viabilidade imediata (SANT'ANNA, 2016).
<b>Associações</b>	Baseada nas leis de associação de ideias de Aristóteles e Platão, como contiguidade, semelhança, sucessão e contraste (SANT'ANNA, 2016; RODRIGUEZ, 2011).
<b>Mapa Mental</b>	Técnica de organização de ideias com palavras-chave, cores, imagens e símbolos, que se ramificam a partir de um conceito central (PAZMINO, 2015).
<b>SCAMPER</b>	Ferramenta criativa que visa modificar ou melhorar ideias existentes, por meio das ações: Substituir, Combinar, Adaptar, Modificar, Propor novos usos, Eliminar e Reorganizar (EBERLE, 1996; PAZMINO, 2015).
<b>Cocriação</b>	Processo colaborativo no qual diversas partes interessadas trabalham juntas, compartilhando ideias, conhecimentos e experiências (PRAHALAD; RAMASWAMY, 2004).
<b>Pensamento Lateral</b>	Abordagem criativa que busca resolver problemas de maneira inovadora e não convencional, promovendo a exploração de novas perspectivas e soluções inesperadas (BONO GROUP, 2019).

Fonte: A autora (2025)

#### 4. Construção de significados

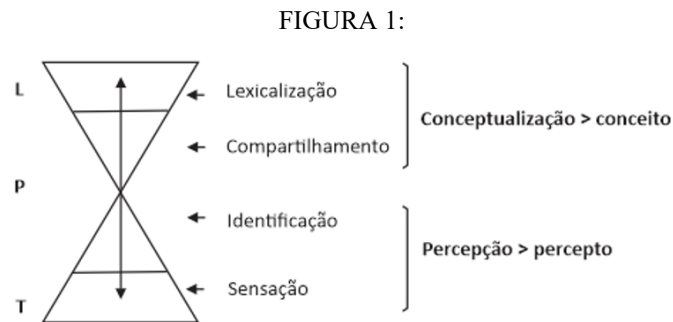
A Ecolinguística é uma área de estudo que se dedica à análise das interações que ocorrem dentro de um ecossistema linguístico, o ecossistema fundamental da língua. Nesse modelo, a língua (L) é vista como parte integrante de um ecossistema linguístico, cuja existência depende de um conjunto de pessoas (P) que a utilizam, e que precisam estar inseridas em um espaço ou território específico (T). Para Couto (2007), "é necessário que haja um conjunto de pessoas, uma população P que use [a língua]. Essas pessoas têm que estar convivendo em determinado espaço ou território (T)" (COUTO, 2007, p. 89). Assim, o ecossistema linguístico é entendido como o

## ECO-REBEL

conjunto de interações que ocorrem pelo uso da língua (L) entre um povo (P), em um território físico (T), com o objetivo de se comunicar e construir significados (COUTO, 2007; COUTO; FERNANDES, 2016).

A ampulheta da lexicalização é um modelo desenvolvido no âmbito da Linguística Ecológica, com o intuito de explicar o que ocorre no ecossistema mental dos falantes durante as interações, conforme ilustrado na figura 1. Esse modelo foi inicialmente proposto por Couto (2007, p. 123) e é composto de quatro partes: a) Sensação: a percepção inicial do estímulo, seja ele visual, auditivo ou outro, que gera uma reação psicofísica; b) Identificação: a organização do estímulo na mente do receptor, atribuindo-lhe um significado preliminar; c) Compartilhamento: a difusão desse significado na sociedade, com base nas experiências e valores coletivos e d) Lexicalização: a conversão do conceito percebido em uma forma verbalizada, que torna o significado acessível e compartilhável socialmente.

O ponto P se encontra na zona de transição entre o território (T), que representa o aspecto natural, e a língua (L), que é abstrata e social. Ou seja, P corresponde ao que se considera o domínio da mente ou do cérebro, o ecossistema mental da língua.



Fonte: Couto (2007, p. 123)

A ampulheta ilustra como as palavras evoluem dentro da mente dos falantes. A formação de signos na mente humana ocorre em duas etapas: a percepção e a conceptualização. A percepção inicia-se com a sensação, seguida pela identificação do estímulo. A conceptualização, por sua vez, envolve o compartilhamento e a lexicalização das experiências (COUTO; COUTO, 2024). É importante notar que esse processo pode ocorrer em ambas as direções: do nível sensorial até a lexicalização ou vice-versa. A seta ascendente representa o processo de formação do significado, conhecido como onomasiologia, que está relacionado à criação de termos para designar conceitos.

## ECO-REBEL

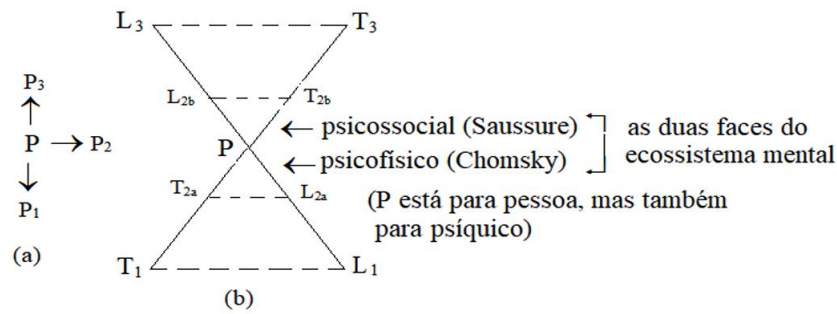
A seta descendente indica o processo de transformação da palavra, ou seja, a semasiologia, que envolve a mudança de significados. Esse movimento de transformação resulta em fenômenos como polissemias, metáforas, metonímias, entre outros, mostrando como as palavras podem adquirir novos sentidos à medida que são utilizadas em diferentes contextos. No contexto publicitário, este entendimento pode ajudar a entender como os nomes de marcas evoluem de uma percepção inicial (sensação) para uma construção socialmente compartilhada (lexicalização) ou o movimento contrário. Um exemplo disso pode se relacionar à palavra garoto que pode se referir a um menino ou jovem. Em contrapartida, em um movimento oposto, a mesma palavra pode se transformar em nome de marca, produto ou serviço. No Brasil, a marca Garoto pode se referir a chocolates.

O modelo ecossistêmico proposto por Couto (2007, p.123) visa compreender o processo linguístico a partir de uma perspectiva integradora, abordando as interações entre os aspectos naturais e sociais da linguagem. De acordo com a proposta, a língua não acontece isoladamente, ela se desenvolve e se manifesta por meio dos falantes, que agem como mediadores entre os diferentes domínios que a constituem. Em outras palavras, a língua se expressa por meio dos indivíduos e suas interações, sendo um fenômeno que emerge da constante relação entre o mundo natural, mental e social. O modelo foi aprimorado ao longo do tempo (COUTO; COUTO, 2024, p.8), resultando em uma configuração mais complexa, como demonstrado na figura 2, que ilustra a ligação do ecossistema natural com o social por meio do ponto P, que funciona como o agente que integra essas duas dimensões. O ponto P representa o elo entre o domínio físico da língua, caracterizado pela faceta psicofísica, e o domínio social, com sua faceta psicossocial.

A figura 2 expande a compreensão do ecossistema mental, permitindo que ele seja analisado sob dois ângulos distintos. A partir do lado físico (natural), o ecossistema mental é representado pelo triângulo menor, composto pelos elementos L2a, P e T2a, que correspondem à faceta psicofísica da língua. Este conceito é alinhado com as ideias de Noam Chomsky (1999), que vê a linguagem como um sistema psicológico e cognitivo. A partir da perspectiva social, a figura revela o triângulo menor, com os elementos L2b, P e T2b, representando a faceta psicossocial da língua, como proposto por Ferdinand de Saussure (2006).

## ECO-REBEL

FIGURA 2:



As duas faces do ecossistema mental, psicossocial e psicofísica, conforme as contribuições de Noam Chomsky (1999) e Ferdinand de Saussure (2006), referem-se a duas abordagens complementares e distintas, sobre a linguagem e o conhecimento humano. Chomsky, com sua teoria da gramática gerativa (1999), propôs que a linguagem é fruto de uma estrutura mental inata e universal, denominada "faculdade de linguagem". Para ele, o cérebro humano possui uma predisposição genética para entender e gerar linguagens, com foco na competência linguística, o conhecimento tácito que uma pessoa tem sobre sua língua materna. Por outro lado, Saussure (2006), com sua teoria estruturalista, enfatizou a linguagem como um sistema de signos, sendo a língua um conjunto de relações entre os significantes (imagem acústica) e os significados (conceitos), que existem apenas em função da interação social e do contexto cultural. Para Saussure, a linguagem é algo que só pode ser compreendido dentro do sistema de relações em que os signos se configuram. Essas duas abordagens representam, assim, diferentes formas de entender o "ecossistema mental" ligado à linguagem: a perspectiva de Chomsky vê a mente humana como uma estrutura capaz de gerar infinitas construções linguísticas a partir de princípios universais inatos, enquanto a de Saussure enxerga a linguagem como um produto social e estrutural, dependente das interações e convenções dentro de uma comunidade linguística. A conexão entre esses dois aspectos é mediada pelo ponto P, que funciona como o ponto de transição entre o domínio natural e o social. De acordo com Couto (2007), o ponto P (P<sub>2</sub>) é fundamental porque abrange tanto a dimensão natural (P<sub>1</sub>) quanto a social (P<sub>3</sub>), como ilustrado na parte (a), à esquerda da figura 2. Esse ponto de transição é essencial para o entendimento de como o ecossistema mental é constituído e como ele interage com os elementos do mundo físico e social.

A discussão sobre o ecossistema mental pode ser aprofundada por meio da análise das relações entre as dimensões natural, social e mental. Segundo Couto (2007), a única dimensão que

## ECO-REBEL

existe independentemente das outras é a natural, que é sustentada pela estrutura física do corpo humano, especialmente pelo cérebro e pelo sistema nervoso. No entanto, as dimensões social e mental dependem da existência da base natural, pois não podem ser concebidas sem a infraestrutura biológica que as sustenta. Assim, o modelo (COUTO, 2007; COUTO, COUTO, 2024) ilustra a interdependência entre os aspectos naturais e sociais da linguagem, ao mesmo tempo que reafirma a centralidade da mente como ponto de convergência entre essas duas esferas. Além disso, a abordagem ecossistêmica se alinha ao conceito de imaginário antropológico de Gilbert Durand (2000), que descreve o "incessante intercâmbio" entre as pulsões subjetivas e as intimações objetivas do ambiente cósmico e social. Esse intercâmbio contínuo reflete o movimento dinâmico e interligado que caracteriza a construção da linguagem e da identidade humana. O processo de lexicalização, portanto, envolve um trânsito constante entre os aspectos naturais e sociais da experiência humana, sendo mediado pelo imaginário e pelas interações cognitivas e sociais (COUTO; COUTO, 2024).

O ponto P está no centro do fluxo e é a zona de transição onde a percepção sensorial se encontra com a representação linguística (L) no cérebro. Ele é o local de formação e transformação dos significados, de onde as palavras e os conceitos se desenvolvem e são compartilhados socialmente. Desta maneira, o ponto P, ecossistema mental da língua, ilustra a interação entre as dimensões sensoriais e linguísticas, mostrando como as palavras não são apenas produtos da percepção, mas também como elas interagem no ecossistema mental da língua, influenciando e sendo influenciadas pelo contexto social e cultural.

A seta ascendente ilustra o processo de construção do conceito a partir da percepção sensorial. Ela indica o caminho de como os significados são construídos na mente e acabam se consolidando socialmente por meio da lexicalização. O fluxo deste processo pode ser proposto da seguinte maneira: [Percepção] → [Identificação] → [Ponto P] → [Compartilhamento] → [Lexicalização].

A seta descendente mostra como as palavras e significados, uma vez estabelecidos e compartilhados, influenciam novas percepções e identificações. O fenômeno da semasiologia, que inclui variações de significado, como polissemias e metáforas, ocorre nesse fluxo descendente, trazendo novas associações e interpretações ao nome da marca. O fluxo deste processo pode ser proposto da seguinte maneira: [Lexicalização] → [Compartilhamento] → [Ponto P] → [Identificação] → [Percepção]

## ECO-REBEL

No que tange à criação da identidade de marca, essa dinâmica está ligada à construção de conceitos na mente. Portanto, é viável considerar os dois caminhos: da lexicalização à percepção e vice-versa, como uma abordagem criativa no desenvolvimento de projetos de identidade seja verbal e/ou visual. Essa relação se justifica, uma vez que a construção de significados não se restringe apenas a elementos verbais; ela se dá por meio de associações mentais e mapas cognitivos, englobando tanto aspectos visuais quanto sonoros. Em publicidade, por exemplo, as palavras usadas para nomear um produto são selecionadas com base não apenas na sua capacidade de denotar o produto, mas também na maneira como esses nomes são interpretados pelo público.

### **5. Relações entre nomes, conceitos e significações**

Os autores e conceitos abordados ao longo do texto resultaram na composição do QUADRO 3. As duas primeiras colunas apresentam os tipos de nomes e suas definições conforme Perez (2016), abordados na seção 2. As estratégias criativas e leis de associação de ideias apresentados na seção 3 por Sant'Anna (2016), Rodriguez (2011), Pazmino, (2015), Bono Group, (2019); Prahalad e Ramaswamy (2004) compõem a terceira e quarta colunas. Na quinta coluna, encontram-se os processos de formação e transformação da língua que se dá na mente de seus usuários na perspectiva da ampulheta da lexicalização de Couto (2007) e Couto & Couto (2024). Por fim, na sexta coluna foram elencados os exemplos utilizados pelos autores e outros também.

## ECO-REBEL

QUADRO 3: Tipos de nomes, estratégias criativas e se significação

Tipos de Nomes	Definição	Estratégia Criativa	Associação	Processo de Formação	Exemplos
<b>Descritivos</b>	Nomes que descrevem diretamente o produto ou serviço.	<i>Brainstorming</i>	Contiguidade: associação entre "casa" e "pão" pela proximidade na função e no uso.	[Lexicalização] [Percepção]	"Casa do Pão", "Clube do Hambúrguer"
<b>Simbólicos</b>	Nomes que fazem alusão ao produto ou empresa por meio de uma imagem literária ou simbólica.	Mapas Mentais	Sucessão: envolve uma sequência lógica em que uma ideia ou imagem segue a outra	[Lexicalização] [Percepção]	"Visa", "Ninho", "Rede Globo", "Montblanc"
<b>Patronímicos</b>	Nomes que fazem referência a uma personalidade chave da empresa ou seus fundadores.	SCAMPER	Semelhança: evoca uma associação entre a marca e o legado do fundador.	[Percepção] [Lexicalização]	"Ford", "Johnson & Johnson", "Nestlé"
<b>Toponímicos</b>	Nomes que fazem referência ao lugar de origem ou à área de influência da empresa.	Pensamento Lateral	Contraste: destaca o vínculo com a localização ou origem geográfica.	[Percepção] [Lexicalização]	"Aerolíneas Argentinas", "Brasil Telecom"
<b>Léxicos</b>	Nomes retirados diretamente do vocabulário da língua, geralmente curtos e simples.	Mapas Mentais	Semelhança: evoca um sentido direto, fácil de lembrar.	[Lexicalização] [Percepção]	"Oi", "Claro"
<b>Contrações</b>	Nomes formados por iniciais ou fragmentos de palavras.	SCAMPER	Semelhança: associação entre a abreviação e a eficiência ou praticidade.	[Percepção] [Lexicalização]	"IBM", "3M", "LG", "BMW", "EDF"
<b>Contrações como Palavras</b>	Abreviações de siglas que formam palavras legíveis e pronunciáveis.	Pensamento Lateral	Contraste: a sigla se transforma em um nome funcional e simples.	[Percepção] [Lexicalização]	"Netflix"
<b>Inventados</b>	Nomes criados de forma original, sem um significado literal pré-existente.	<i>Brainstorming</i>	Semelhança: evoca uma associação única e distinta.	[Percepção] [Lexicalização]	"Lycra", "Zoomp"
<b>Númericos</b>	Nomes formados a partir de números, frequentemente com significados específicos.	SCAMPER	Sucessão: a sequência numérica pode sugerir algo relevante ou significativo.	[Percepção] [Lexicalização]	"Restaurante 348" (Argentina)
<b>Invertidos</b>	Nomes criados por inversão ou espelhamento de palavras ou nomes próprios.	Cocriação	Semelhança: associação com a identidade	[Lexicalização] [Percepção]	"Ailiram" (Marília)

Fonte: A autora (2025)

## ECO-REBEL

O quadro apresenta um caminho criativo viável de cada tipo de nome até seu resultado final. Outras abordagens de criação poderiam ser adotadas, gerando resultados semelhantes.

Os nomes descritivos apresentam diretamente o produto ou serviço, facilitando a compreensão imediata da marca. Podem ser criados através de *brainstorming*. Geralmente estabelecem associações por contiguidade, ligando dois conceitos relacionados, como "casa" e "pão", que se conectam pela função ou uso comum. O processo de formação desses nomes envolve a lexicalização, quando uma palavra se torna amplamente reconhecida, e a percepção, onde o público entende imediatamente o produto ou serviço a partir do nome. Exemplos incluem "Casa do Pão" e "Clube do Hambúrguer".

Os nomes simbólicos podem ser criados através do uso de mapas mentais, que ajudam a gerar associações e ideias relacionadas ao conceito da marca. A associação por sucessão envolve a construção de uma sequência lógica, na qual uma imagem ou ideia evoca outra. O processo de formação desses nomes passa pela lexicalização, em que a palavra se torna reconhecida e associada ao produto, e a percepção, que ocorre quando o público entende o significado ou a essência da marca através do nome. Um exemplo a ser citado pode ser "Ninho". A palavra "ninho" se refere à ideia de um local seguro, acolhedor e protegido, como o ninho de um pássaro, onde o cuidado e o conforto são essenciais. Em um contexto simbólico, pode transmitir a sensação de lar, cuidado, aconchego ou algo que oferece proteção, como no caso de marcas associadas ao bem-estar ou produtos para crianças. No contexto publicitário, a marca Ninho se associa a produtos para o cuidado infantil, como leite em pó, com a ideia de acolhimento, segurança e nutrição, simbolizando um "ninho", que é um lugar seguro e protegido. O nome evoca a sensação de conforto e bem-estar, sugerindo que o produto oferece proteção e qualidade para o desenvolvimento saudável das crianças, transmitindo confiança aos pais ao escolherem um alimento nutritivo e confiável para seus filhos.

Os nomes patronímicos fazem referência a uma personalidade chave da empresa ou seus fundadores, criando uma conexão entre a marca e o legado ou imagem desses indivíduos. O método criativo que pode ser usado para gerar esses nomes é o SCAMPER, uma técnica de *brainstorming* que envolve modificações e combinações de ideias. A associação por semelhança evoca uma ligação direta entre a marca e a imagem ou valores do fundador, como competência ou inovação. O processo de formação desses nomes começa com a percepção do público sobre o fundador, que cria uma associação inicial com a marca. Com o tempo, essa percepção evolui para

## ECO-REBEL

a lexicalização, quando o nome se torna amplamente reconhecido e automaticamente associado à empresa. Exemplos incluem "Ford", que remete a Henry Ford, "Johnson & Johnson", fundada pelos irmãos Johnson, e "Nestlé", que leva o nome de seu fundador, Henri Nestlé.

Os nomes léxicos são retirados diretamente do vocabulário da língua, sendo geralmente curtos, simples e de fácil compreensão. O método criativo que pode ser utilizado para criar nomes léxicos é o mapa mental, que ajuda a explorar palavras comuns que evocam sentido imediato e fácil associação. A associação por semelhança facilita a criação de nomes diretos, que são rapidamente memorizáveis e compreensíveis. O processo de formação desses nomes começa com a lexicalização, onde a palavra ou termo é escolhido por sua simplicidade e reconhecimento imediato, e evolui para a percepção, quando o público começa a associar o nome à marca de forma natural e instintiva. Exemplos incluem "Oi" e "Claro", que têm significados simples no vocabulário português, mas, como nomes de marcas, ganham conotações específicas. "Oi" é uma saudação informal, transmitindo proximidade e acessibilidade, sugerindo uma comunicação direta e amigável, como a operadora de telefonia. "Claro" é um adjetivo que significa algo evidente ou nítido, associando a marca a ideias de transparência e simplicidade, como na operadora Claro, que busca transmitir uma comunicação clara e eficiente.

Os nomes de contrações são formados por iniciais ou fragmentos de palavras, criando uma versão mais curta e prática do nome completo da empresa. Uma das formas de se inventar contrações pode ser através do SCAMPER, no qual, a letra "C" do acrônimo, permite explorar combinações e modificações de ideias para gerar abreviações eficazes. A associação por semelhança está ligada à ideia de eficiência e praticidade, já que as abreviações tornam os nomes mais fáceis de lembrar e de pronunciar. O processo de formação desses nomes começa com a percepção, onde o público reconhece a sigla ou abreviação, e, com o tempo, evolui para a lexicalização, quando a abreviação se torna amplamente associada à marca. Exemplos incluem "IBM" (International Business Machines), "3M" (Minnesota Mining and Manufacturing) nos quais as siglas são reconhecidas globalmente como símbolos dessas empresas.

As contrações como palavras são nomes formados a partir de abreviações de siglas que, ao serem combinadas, formam palavras legíveis e pronunciáveis. O processo criativo que pode ser utilizado para elaborar esses nomes é o pensamento lateral, que permite criar associações e gerar palavras a partir de siglas. A associação por contraste destaca como a sigla se transforma em um nome funcional e simples, de fácil pronúncia e reconhecimento. O processo de formação desses

## ECO-REBEL

nomes começa com a percepção, onde a sigla é inicialmente vista como uma abreviação, mas com o tempo se torna mais reconhecida e associada à marca, levando à lexicalização, quando a sigla é entendida como uma palavra de identidade própria. O nome "Netflix" surge da junção de duas palavras: "net", derivada de internet, e "flix", uma abreviação de "flicks", gíria para filmes, em inglês. No Brasil, a percepção do nome pode operar de maneira distinta. Para aqueles que conhecem o termo, a associação tende a ser de semelhança. Por outro lado, para os brasileiros que não estão familiarizados com a palavra, a associação mais provável seria de contraste.

Os nomes inventados são criados de forma original, sem um significado literal pré-existente, sendo fruto de um processo criativo que busca gerar uma palavra única e distintiva. Uma forma comum para a criação desses nomes é o *brainstorming*, no qual várias ideias são geradas e refinadas até chegar a uma opção original. A associação por semelhança envolve criar uma palavra que, embora sem um significado explícito, evoca uma ideia ou sensação que se conecta com o produto ou serviço de maneira única. O processo de formação desses nomes começa com a percepção, em que o público percebe a marca como algo novo, e, com o tempo, a palavra passa por lexicalização, quando se torna amplamente reconhecida e associada à marca. Exemplos incluem "Lycra", uma fibra sintética, e "Zoomp", uma marca de roupas, que se tornaram nomes conhecidos, mesmo sem significados literais diretos.

Os nomes numéricos são formados a partir de números e frequentemente carregam significados específicos, como a representação de uma localização, uma data importante ou um número simbólico. Uma forma de criar esses nomes é o SCAMPER, que envolve modificar e combinar ideias de maneira criativa. A associação por sucessão se refere ao uso de uma sequência numérica que pode sugerir algo relevante ou significativo, como um número que remete a um endereço ou a uma ideia concreta. O processo de formação desses nomes começa com a percepção, onde o número é visto como algo relevante para o público, e evolui para a lexicalização, quando o nome se torna reconhecido e associado à marca ou serviço. Um exemplo é o "Restaurante 348" na Argentina, onde o número tem um significado específico relacionado ao local, criando uma identidade única e facilmente identificável.

Os nomes invertidos são criados pela inversão ou espelhamento de palavras ou nomes próprios, gerando uma nova palavra que pode manter uma ligação com o original, mas com uma identidade única. Um dos meios para desenvolver esses nomes pode ser a cocriação, na qual o processo envolve colaboração e adaptação, muitas vezes com a participação do fundador ou de

pessoas-chave na criação. A associação por semelhança se refere ao vínculo com a identidade ou estilo do fundador, onde o nome invertido ainda evoca a origem, mas de forma diferenciada. O processo de formação desses nomes começa com a lexicalização, quando a palavra ganha reconhecimento e significado, e evolui para a percepção, quando o público começa a associar o nome à marca ou empresa. Um exemplo é a palavra "Ailiram", inversão de "Marília", nome único e diferenciado, com uma conexão direta à origem ou identidade original. No caso de Ailiram, que foi uma empresa alimentícia fundada em Marília, a inversão de "Marília" para "Ailiram" ajuda a preservar uma associação com a cidade, ao mesmo tempo em que cria um nome que se destaca no mercado.

A estrutura apresentada no quadro pretende contribuir para a compreensão de como os nomes podem ser criados e como eles se relacionam com os seus conceitos na tentativa de ajudar a construir significados eficazes, bem como auxiliar na tomada de decisões fundamentadas, considerando os efeitos psicológicos, léxicos e semânticos dos nomes. A reflexão permite antecipar como os nomes de marcas direcionam as percepções do público e impactam a forma como eles se relacionam com o mundo, seja no nível natural, mental e social. Pode ainda, ajudar a escolher nomes que se alinham com o processo de lexicalização, criando palavras ou associações que são cognitivamente mais fáceis de lembrar.

### **6. Considerações finais**

Este artigo explorou as interações entre Publicidade e Ecolinguística, destacando como os processos de criação e significação dos nomes de marcas podem ser enriquecidos com as contribuições da Ecolinguística. Ao conectar diferentes abordagens, procurou-se entender a construção dos nomes de marcas e como a linguagem, enquanto reflexo das práticas sociais, molda esses processos criativos. A introdução da ampulheta da lexicalização, proposta por COUTO (2007; COUTO, COUTO, 2024), forneceu uma base teórica para compreender como os significados das palavras são construídos, considerando o contexto cultural e social para novas abordagens criativas no campo publicitário.

Ao integrar conceitos da Ecolinguística, o estudo buscou conhecer como a linguagem opera nas relações do ecossistema natural e social, através do mental, fornecendo uma base teórica para formação acadêmica de estudantes de Comunicação para o uso aplicado das teorias linguísticas no

processo de criação. Pretende-se realizar estudos futuros utilizando o quadro como ferramenta de apoio para identificar as associações mentais realizadas pelos criativos no processo de elaboração de nomes de marcas.

Estratégias de criatividade, como *brainstorming*, pensamento lateral e mapas mentais, foram discutidos sob uma ótica Ecolinguística, oferecendo uma análise sobre como a linguagem não apenas expressa, mas também constrói o imaginário (DURAND, 2000; COUTO; COUTO, 2024) e as significações associadas às marcas. Além disso, ao integrar conceitos de onomasiologia e semasiologia, foi possível conhecer a relação entre os nomes e os conceitos que eles representam, e como esses conceitos podem ser processados na mente. A proposta de um quadro visa fornecer ferramentas para profissionais da área, auxiliando na tomada de decisões mais conscientes e estratégicas durante o processo criativo.

### 7. Referências

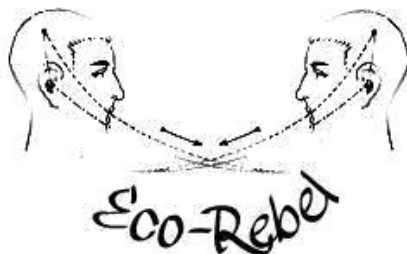
- CHOMSKY, Noam. *Reflexões sobre a linguagem*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1999.
- COUTO, Elza. K. N. N do. *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.
- COUTO, Elza. K. N. N do.; FONSECA FERNANDES, Eliane Marquez. *Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática*. 2021. Disponível em:
- COUTO, Hildo H. *Ecolinguística*. Estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.
- \_\_\_\_\_. A metodologia na linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 4, n. 2, p. 18-33, 2018.
- DE BONO, Edward. *O pensamento criativo*. Petrópolis, Vozes. 1970.
- DE BONO GROUP. Lateral Thinking™. Disponível em: [https://www.debonogroup.com.translate.goog/services/core-programs/lateral-thinking/?\\_x\\_tr\\_sl=en&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt&\\_x\\_tr\\_pto=tc](https://www.debonogroup.com.translate.goog/services/core-programs/lateral-thinking/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc). Acesso em: 25 jan. 2025.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- EBERLE, Bob. *Scamper on: Games for imagination development*. Prufrock Press Inc., 1996.
- HILLER, Marcos. *Branding: a arte de construir marcas*. São Paulo: Trevisan Editora, 2012. E-book. p.14. ISBN 9788599519400.
- BRASIL. Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Marcas. Disponível em: <https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/marcas>. Acesso em: 25 jan. 2025.
- KOTLER, Philip. *Marketing para o Século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2021. E-book. p.72. ISBN 9786555202458. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555202458/>. Acesso em: 25 jan. 2025.
- PAZMINO, Ana V. *Como se Cria: 40 métodos para design de produtos*. São Paulo: Editora Blucher, 2015. E-book. p.189. ISBN 9788521207054.
- PEREZ, Clotilde. *Signos da marca: expressividade e sensorialidade*. Minha Biblioteca, (2a. edição). Cengage Learning Brasil, 2016.

## ECO-REBEL

- PRAHALAD, C. K.; RAMASWAMY, V.. Co-creation experiences: The next practice in value creation. *Journal of Interactive Marketing*, 18(3), 5-14, 2004.
- RODRIGUEZ, Ana Maria. *Naming: a criação de nomes para marcas e produtos*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1. Ed., 2011.
- SANT'ANNA, Armando; ROCHA JUNIOR, Ismael; GARCIA, Luiz Fernando Dabul. *Propaganda: teoria, técnica e prática*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 7a. Ed., 2017.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1. Ed., 2006.
- SILVA, Augusto Soares. *A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística*. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 1, n. 1, p. 59-101, 1997.
- ULLMANN, Stephen; J. A. Mateus. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 1964.

Aceito em 12 de julho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.



## ***O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO, DE CHIWETEL EJIOFOR SOB A LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSISTÊMICA (ADE)***

Erick Samuel Silva Thomas (UFG/NELIM/CAPES)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM)

**Abstract:** This work aims to analyze the effects of meaning in the communicative interactions of the film *The Boy Who Harnessed the Wind* between William Kamkwamba and other characters, such as family, friends, and teachers, considering the natural, mental, and social ecosystems. Regarding the mental ecosystem, we drew on studies about memory by Damásio (2012, 2018), Halbwachs (2013), and Le Goff (1990), as well as on image analyses proposed by Aumont (2002). These interactions were analyzed through the lens of Ecosystemic Discourse Analysis (EDA), which is based on two fundamental principles: (1) the unconditional defense of life and (2) the fight against all avoidable suffering (COUTO; RAMADAN, 2024). The film is based on a true story, portraying the life of young William Kamkwamba, a resident of a village in the Republic of Malawi, East Africa. Throughout the film, we observe how the protagonist deals with hunger, depression, and the loss of his dog Gwamba, causing great pain and suffering, as the animal was one of the few friends he still had. The analysis of interactions, associated with the concepts of memory and image, was fundamental to understanding the challenges faced by the protagonist in interacting with others and the effects of meaning present in these interactions. Throughout the narrative, we identified the courage and determination of the character in overcoming difficulties in accessing education. Furthermore, we observed suffering and resilience, evidenced by overcoming hunger and building a windmill at the end of the story. This act, by enabling the harvesting of food and improving the living conditions of the village, aligns directly with the principles of EDA: the defense of life and the minimization of avoidable suffering.

**Key-words:** Ecosystem Discourse Analysis (EDA); Communicative interactions; Image; Memory; The boy who discovered the wind.

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo analisar os efeitos de sentido nas interações comunicativas do filme *O Menino que Descobriu o Vento*, entre William Kamkwamba e outros personagens, como família, amigos e professores, considerando os ecossistemas natural, mental e social. Em relação ao ecossistema mental, utilizamos os estudos sobre memória de Damásio (2012, 2018), Halbwachs (2013) e Le Goff (1990), bem como as análises de imagem propostas por Aumont (2002). Essas interações foram analisadas sob a ótica da Análise do Discurso Ecológico (ADE), que se baseia em dois princípios fundamentais: (1) a defesa incondicional da vida e (2) a luta contra todo e qualquer sofrimento evitável (COUTO; RAMADAN, 2024). O filme é baseado em uma história real, retratando a vida do jovem William Kamkwamba, habitante de um vilarejo na República do Malawi, na África Oriental. Durante o filme, observamos a maneira como o protagonista lida com a fome, a depressão e a perda de seu cão Gwamba, causando grande dor e sofrimento, já que o animal era um dos poucos amigos que lhe restaram. A análise das interações, associadas aos conceitos de memória e imagem, foram fundamentais para compreender os desafios enfrentados pelo protagonista ao interagir com os outros e os efeitos de sentido presentes nessas interações. Identificamos, no decorrer da narrativa, a coragem e determinação por parte do personagem ao enfrentar as dificuldades de acesso à educação. Além disso, observamos o sofrimento e a resistência, evidenciada pela superação da fome e pela criação de um moinho ao final da história. Esse ato, ao possibilitar a colheita de alimentos e melhorar as condições de vida do vilarejo, alinha-se diretamente aos princípios da ADE: a defesa da vida e minimização de sofrimentos evitáveis.

**Palavras-Chave:** Análise do Discurso Ecológico (ADE); Interações comunicativas; Imagem; Memória; O menino que descobriu o vento.

## Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar os efeitos de sentido nas interações comunicativas do filme *O menino que descobriu o vento*, entre William Kamkwamba e outros personagens, como família, amigos e professores, considerando os ecossistemas natural, mental e social. Em relação ao ecossistema mental, utilizamos os estudos sobre memória de Damásio (2012, 2018), Halbwachs (2013) e Le Goff (1999), além das análises de imagem propostas por Aumont (2002).

O filme *O Menino que Descobriu o Vento*, dirigido por Chiwetel Ejiofor, está disponível no canal de *streaming* Netflix e é baseado em uma história real, retratando a vida do jovem William Kamkwamba, que vive em um vilarejo da República do Malawi, na África Oriental. No início do filme, notamos os desafios que o personagem enfrenta ao ir à escola de seu vilarejo, pois ele

## ECO-REBEL

deveria pagar para assistir às aulas e ter acesso à biblioteca, visto que não há educação gratuita em seu país. Devido à seca, a família não tinha condições de arcar com as mensalidades do garoto. William se depara com a fome, a depressão e a perda do seu cão Gwamba, causando grande dor e sofrimento, porque ele era um dos poucos amigos que lhe restaram. Essas dificuldades foram analisadas sob o viés da Análise do Discurso Ecológica (ADE), que se baseia em dois princípios fundamentais: 1) defesa incondicional da vida e 2) luta contra todo e qualquer sofrimento evitável.

Inicialmente, abordamos os princípios teórico-metodológicos da Análise do Discurso Ecológica (ADE), assim como seus conceitos fundamentais. Além disso, discutimos os conceitos de memória e de imagem. Em seguida, descrevemos os principais eventos do filme e analisamos esses eventos sob a ótica da ADE, ressaltando também as características principais da memória e da imagem que nos auxiliam no entendimento do sofrimento vivenciado pelo protagonista da trama.

Por fim, apresentamos os resultados e as considerações finais da pesquisa, o que pode motivar o surgimento de outros trabalhos, que utilizam os princípios da ADE e dos conceitos de memória e imagem a fim de investigar eventos do cinema ou questões sociais.

### **Análise do Discurso Ecológica**

Conforme mencionado, este estudo utiliza os pressupostos teóricos da ADE, que dispõe de algumas fontes de inspiração para a análise dos fenômenos linguísticos sob uma perspectiva ecológica, a saber: a Ecologia Profunda, formulada pelo filósofo Arne Naess; o Taoísmo; a Análise de Discurso Positiva, proposta por Martin (2004); a Ecologia social; dentre outras. A ADE visa analisar como os discursos e os sentidos são construídos, partindo sempre do ecossistema linguístico, com ênfase na defesa da vida. Assim, dedica-se ao estudo de todo e qualquer fenômeno linguístico (COUTO; RAMADAN, 2024), não se restringindo aos de cunho político-ideológico, como fazem as outras ADs de linha crítica e de linha francesa.

Sob essa perspectiva, a ADE preocupa-se em entender como os discursos atuam e emergem nos ecossistemas natural, mental e social, compreendendo a língua/linguagem como fenômeno biopsicossocial (COUTO; RAMADAN, 2024). Ao partir das interações comunicativas, no seio do ecossistema linguístico, apresenta a ideia de que o texto-discurso surge de uma rede de interações

comunicativas que produz sentidos. Nesse âmbito, estão envolvidas as dimensões natural, mental e social (COUTO; RAMADAN, 2024).

Justifica-se o emprego da expressão texto-discurso, porque todo discurso é materializado em um texto, assim como todo texto veicula um discurso. Nesse sentido, o texto é uma forma pela qual o discurso caminha; é um evento da comunicação que emerge sob diversos modos. Ressalta-se que discursos diferentes, ao serem compreendidos como valores socioculturais, manifestam-se sob qualquer forma de texto (SILVA, 2022). Portanto, o discurso é “a relação entre os modos de ver/interpretar o mundo (perspectivas) em dado ecossistema linguístico e como se pode interagir comunicativamente/agir a partir deles” (SILVA, 2022, p. 19).

Com base no ecossistema, a ADE vale-se da Ecologia da Interação Comunicativa (EIC), que investiga as categorias do fluxo interlocucional, ou seja, os elementos que constituem o diálogo. Assim, ao discutir sobre os atos de interação comunicativa, analisa categorias linguísticas, como as sintáticas, morfológicas e semânticas, além das paralinguísticas. Dessa forma, dedica-se ao estudo do cenário onde as interações acontecem, do falante e do ouvinte que estabelecem a comunicação, das regras interacionais que determinam as regularidades da interação de uma comunidade (COUTO; RAMADAN, 2024).

Nesse âmbito, importa repetir as principais categorias utilizadas pelos praticantes de ADE para analisarem seus objetos de estudos, quais sejam: defesa incondicional da vida; recomendação para intervir em defesa da vida e evitar o sofrimento evitável; abordagem das questões pelo lado positivo, e não pelo negativo, buscando a harmonia e a comunhão. Diferentemente de outras linhas de análise do discurso, a ADE pode se debruçar sobre todo e qualquer texto-discurso, uma vez que sua visão é holística, embora seu texto-discurso prototípico seja o dialógico.

Destaca-se que a língua, conforme a ADE, é vista como uma interação verbal ou comunicativa dentro do ecossistema linguístico, análogo ao ecossistema biológico, com exceção das interações sistêmicas (sintáticas, morfológicas, semânticas), que não existem nesse último. Esses dois ecossistemas possuem uma população de organismos vivos — chamada de povo (P), no ecossistema linguístico —, um lugar ou território (T) — onde esses organismos vivem e convivem e interagem entre si — e uma linguagem/língua (L).

Com base nisso, é necessário descrever as três dimensões do ecossistema linguístico apresentadas por Couto & Ramadan (2024). Observa-se que a dimensão natural diz respeito ao meio ambiente, envolvendo, além do ser humano, todo o meio circundante, incluindo os

## ECO-REBEL

propriamente “naturais” e os construídos, como as cidades e outras construções humanas que passam a ter existência própria. Já a mental deve ser entendida como habilidade interior de cada um dos membros da comunidade, que são dotados de cérebro, no qual há uma mente. Nesse caso, o T é o cérebro, local onde ocorrem interações entre os neurônios, dando origem à mente. Por fim, a social é constituída pelos sujeitos, isto é, por aqueles que interagem em um meio, envolvidos nos diversos papéis sociais. Salienta-se que essas interações estabelecidas constituem a linguagem como fenômeno social e histórico (COUTO; RAMADAN, 2024).

Ressalte-se que as dimensões apresentadas não são independentes, uma vez que interagem entre si, constituindo o ecossistema integral da língua. Além disso, a mental configura-se em um tipo de elo entre a social e a natural. Pode-se afirmar que a ADE busca olhar para as interações como fundamento da existência do discurso, em que a língua se encontra articulada ao meio ambiente. Pensa-se, numa forma de Ecossistema Fundamental da Língua (EFL), na medida em que reúne, em sua base, três meios ambientes que, em conjunto, propiciam sua existência, sua produção e disseminação.

A ADE parte da Visão Ecológica de Mundo (VEM), isto é, compreende os objetos de estudo em sua integralidade. Além disso, procura abordá-los de maneira positiva, mas não desconsiderando o que é negativo, de modo a observá-lo a partir de outra perspectiva. Entende-se que essa visão permite lançar um olhar diferente para o mundo, enxergando-o do ponto de vista ecológico.

Nesse trabalho, focalizamos apenas o ecossistema mental para analisar o filme *O menino que descobriu o vento*. Assim, utilizamos a categoria da memória, além de nos apoiarmos nas contribuições da questão da imagem para tal empreitada. Dessa forma, faz-se necessário apresentar algumas considerações acerca da memória para lançarmos um olhar em relação aos dados desse trabalho.

Em relação à mente, o critério para a existência dela, é “a capacidade de exibir imagens internamente e de ordenar essas imagens num processo chamado pensamento” (DAMÁSIO, 2012, p. 96). Essas imagens não são apenas visuais, mas podem ser olfativas, sonoras etc. As imagens são as principais constituintes do pensamento, independente de qual sentido as gera e a que se referem. Nesse sentido, segundo Damásio (2012), a base da mente é constituída de imagens – visuais, auditivas e somatossensoriais – que são respostas internas resultantes da interação do organismo com o ambiente. Assim, mesmo as respostas tidas como exteriores, como um

## ECO-REBEL

comportamento social ou uma reação espontânea do corpo, ocorrem e emergem devido a ordens vindas do cérebro, o que corrobora ao já exposto de que o ecossistema mental ocupa uma posição intermediária entre o natural e o social.

Damásio (2018) nos mostra que foi preciso uma relação de sistemas nervosos e corpos para gerar mentes humanas, e que mentes surgiram não em organismos isolados, mas em organismos que faziam parte de uma estrutura social. Como se vê, essas considerações consolidam a perspectiva da ADE, que vê a integração entre os âmbitos natural, mental e social, levando em conta que é preciso estudá-los em conjunto, de forma holística. É importante ressaltar que, corpo, consciência, sentimentos e imagens são aspectos que estão todos interligados em processos complexos que denominamos de mentais. A natureza das imagens do agora, do passado e do futuro é a mesma, porque são construções desenvolvidas pelo cérebro (DAMÁSIO, 2012).

Para esse trabalho, foi desenvolvida uma relação entre memória e linguagem. Nesse sentido, a relação entre memória e linguagem, nas palavras de Le Goff (1990), existe devido ao fato que os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, nada mais são do que resultados de sistemas dinâmicos de organização, e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui. Alguns cientistas foram levados a aproximar a memória de fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas. Assim, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória (LE GOFF, 1990).

Em suas teorizações, Halbwachs (2013) comenta sobre a possibilidade de coisas que vemos hoje tomarem lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas; essas lembranças, inversamente se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Essas considerações vão ao encontro das contribuições de Damásio (2012), segundo as quais as imagens de nossa mente são uma construção e interpretação da realidade.

Maurice Halbwachs (2013) não se refere à memória em si, mas aos quadros sociais em que ela é produzida. A memória não é, para o autor, fruto do sonho, mas do trabalho de refazer, com ideias atuais, as experiências do pretérito. Não se trata, assim, de reviver o passado tal qual ele pudesse ter sido realizado, mas de um esforço de reconstrução desse passado diante de nossas atuais possibilidades.

A contribuição de Halbwachs acerca da memória estava em perceber que longe de ser processo que apenas se dá no cérebro humano a partir da atualização de vestígios que foram

guardados neurologicamente pelos indivíduos, havia uma dimensão social tanto na memória individual como na memória coletiva. Isso se dá porque mesmo o indivíduo que se empenha em reconstruir e reorganizar suas lembranças inevitavelmente recorrerá às lembranças de outros, e não apenas olhar para dentro de si mesmo em conexão com um processo meramente fisiológico de reviver mentalmente fatos já vivenciados.

A memória é um processo complexo que passa pela percepção dos nossos sentidos, como também pelos nossos sonhos e ilusões e ativa lembranças por meio das vivências e das experiências cotidianas, onde lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. Assim, a memória é construída pela soma de nossas experiências em relação à percepção de tempo.

### **A questão da imagem**

Como se vê, apresentamos, neste trabalho, a problemática da imagem, que se constitui em um dos elementos desse trabalho. Para essa discussão, utilizamos a obra *A Imagem*, de Jacques Aumont. O autor se concentra em estabelecer as bases para o estudo da imagem, abordando seu conceito de maneira ampla. Ele explora a questão "O que é uma imagem?" de maneira filosófica e teórica, tentando desvendar os significados e as implicações por trás desse conceito que parece simples, mas é altamente complexo.

Em *A Imagem*, Aumont (2002) oferece uma análise abrangente e detalhada sobre o conceito de imagem, explorando-o em diversos contextos e sob diferentes perspectivas. Aborda-a como objeto visual e estético, mas também a entende como um fenômeno de representação e interpretação, o que faz de sua análise uma discussão profunda e multifacetada sobre o papel das imagens em nossa sociedade. Ao longo de sua obra, o autor não se limita a definições simplistas ou unidimensionais da imagem. Pelo contrário, ele revela a complexidade inerente ao que enxergamos e interpretamos diariamente.

O conceito de imagem apresentado por Aumont é polissêmico, ou seja, assume diferentes significados conforme o contexto em que é empregado. A imagem, segundo o autor, pode ser entendida tanto como representação pictórica quanto como imagem mental. Para ele, a imagem está presente em diversas esferas, desde a arte até as vivências cotidianas, sendo, assim, um reflexo de nossa relação com o mundo. Nesse sentido, Aumont estabelece uma distinção fundamental entre imagem-representação, que busca remeter ao real, e imagem-signo, que carrega consigo uma carga comunicativa, ultrapassando o simples ato de representar.

## ECO-REBEL

A imagem-representação está associada à mimese, isto é, à imitação ou reprodução do mundo visível. Exemplo disso são pinturas, fotografias e filmes que se esforçam para imitar a realidade ou retratar aspectos do mundo tangível. Nesse contexto, a imagem desempenha o papel de evocadora de emoções, ao fazer com que o espectador “veja” algo que não está presente fisicamente. Já a imagem-signo vai além dessa reprodução do real, configurando-se como um veículo de comunicação simbólica. Aqui, a imagem não é apenas aquilo que se vê, mas sim algo carregado de significados e interpretações, que dependem de contextos culturais e simbólicos mais amplos.

Aumont atribui ao cinema um papel especial dentro do universo das imagens, justamente por sua relação intrínseca com o movimento e o tempo. O cinema, segundo o autor, não se limita a registrar o real, mas sim a criar realidades próprias por meio da manipulação de imagens em movimento. Essa capacidade do cinema de reorganizar o tempo e o espaço através da montagem revela seu poder de criar novos sentidos e significações, transcendendo o simples registro da realidade para alcançar a expressão da subjetividade dos cineastas.

A montagem no cinema, discutida por Aumont, permite reorganizar a narrativa visual de forma a criar uma nova lógica temporal e espacial. Essa manipulação de tempo e espaço, própria do cinema, é fundamental para construir a complexidade das histórias e emoções que essa arte proporciona. O poder de transformar a sequência das imagens confere ao cineasta o papel de um criador de mundos e realidades que, mesmo partindo do real, são reinterpretadas e reorganizadas.

Outro aspecto crucial na análise de Aumont é sua discussão sobre a estética da imagem. Ele investiga como as imagens podem evocar diferentes categorias estéticas, como o belo, o sublime e até o grotesco. Essas categorias não são fixas, mas, ao contrário, moldam-se a partir da percepção e do contexto cultural de cada espectador. A análise estética de Aumont também o leva a discutir a iconoclastia, ou seja, a destruição de imagens por razões religiosas, políticas ou ideológicas. Esse fenômeno é importante para demonstrar o forte poder simbólico das imagens, que frequentemente provocam reações intensas a ponto de serem censuradas ou atacadas.

Aumont (2002) também reflete sobre o papel da imagem na sociedade contemporânea, onde somos constantemente bombardeados por uma enxurrada de imagens. Ele destaca a necessidade de desenvolvermos uma postura crítica em relação a essas imagens, entendendo suas implicações ideológicas, culturais e emocionais. O autor finaliza argumentando que, embora as imagens possam parecer representações fiéis da realidade, elas são sempre mediadas por

## ECO-REBEL

construções simbólicas e significados culturais. Isso implica que a imagem nunca é neutra e, portanto, deve ser interpretada de maneira consciente e crítica.

Em *A Imagem*, Jacques Aumont oferece uma reflexão profunda sobre o papel das imagens em nossas vidas, não apenas como meios de representação, mas como veículos de comunicação e de construção de sentidos. Ao enfatizar a importância de um olhar crítico, ele nos convida a repensar nossa relação com as imagens, reconhecendo seu poder de moldar a realidade que percebemos e interpretamos.

### O Menino que descobriu o vento

Figura 1: William e sua família (Fonte: Google Images e Netflix)



*O Menino que Descobriu o Vento*<sup>1</sup> é um filme de 2019 dirigido por Chiwetel Ejiofor, baseado no livro homônimo de William Kamkwamba e Bryan Mealer. O filme, produzido no Reino Unido e distribuído pela Netflix, tem uma duração de 113 minutos e conta com trilha sonora de Antônio Pinto e fotografia de Dick Pope. A trama se passa em uma pequena vila na República do Malawi, um país da África Oriental, e que possui o inglês como língua oficial, além de possuir outras línguas locais, onde William Kamkwamba, interpretado por Maxwell Simba, é um garoto curioso e apaixonado por ciências e invenções.

---

<sup>1</sup> Título original *The boy who harnesses the wind* (Fonte: autoria própria).

## ECO-REBEL

A história se desenrola em meio a uma severa seca que atinge a vila, resultando em uma crise de fome que ameaça a sobrevivência da comunidade. A escola onde ele estuda é fechada devido à falta de pagamento das mensalidades, mas William continua visitando a biblioteca da escola, onde encontra um livro sobre como gerar eletricidade. Inspirado pelo livro, William tem a ideia de construir uma turbina eólica para bombear água e irrigar as plantações. Apesar de poucos recursos e do ceticismo do seu próprio pai, William persevera. Ele recolhe peças de sucata e trabalha incansavelmente para realizar seu projeto. Com a ajuda de seu pai e outros membros da comunidade, ele finalmente constrói a turbina eólica. O sucesso de William em bombear água do poço salva as plantações e traz esperança para sua vila.

A história não apenas ajuda a comunidade a superar a fome, mas também leva William a ganhar reconhecimento internacional. O filme destaca temas como inovação e engenharia, resiliência e perseverança, o papel crucial da educação e do acesso ao conhecimento, e a importância da colaboração e do apoio comunitário em tempos de crise. Após essa explanação da obra, objetivamos apresentar e analisar as interações comunicativas no filme supracitado, abordando a questão do sofrimento vivenciado pelo protagonista em seu ecossistema mental. Observamos a seguir a figura:

Figura 2: A seca no vilarejo



A imagem acima é carregada de simbolismo. Ao analisá-la sob as perspectivas da imagem e da memória, refletimos sobre a representação visual e a carga emocional que ela carrega. Aumont discute como as imagens são construídas e como elas comunicam significados. A imagem dos campos secos e rachados evoca uma realidade brutal: a seca e suas consequências devastadoras

## ECO-REBEL

para a comunidade. Esses elementos visuais não são apenas representações; eles se tornam testemunhos da miséria e da luta pela sobrevivência. A maneira como os campos estão retratados pode remeter ao conceito de memória (HALBWACHS, 2013; LE GOFF, 1990; DAMÁSIO, 2012, 2018), resgatando as lembranças de épocas de fartura, que agora parecem distantes.

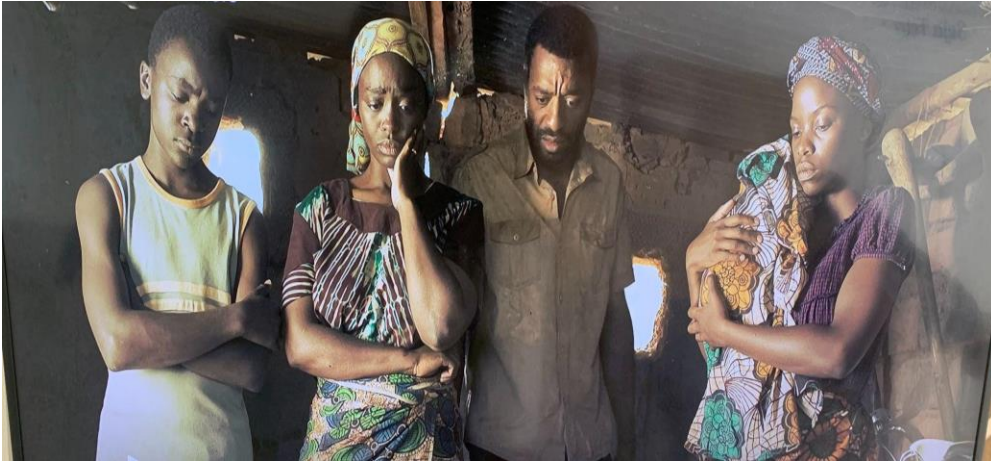
A seca e a fome são temas que não apenas afetam as comunidades, mas também marcam suas memórias coletivas (LE GOFF, 1990). A imagem pode ser vista como uma chamada à ação, evocando uma memória coletiva que leva os espectadores a refletir sobre crises humanitárias. Aumont (2002) destaca que a imagem pode ativar a memória, fazendo com que o público se conecte emocionalmente com a dor e o desespero dos personagens. A expressividade das faces e posturas das pessoas pode intensificar essa conexão, sugerindo não apenas um sofrimento individual, mas um sofrimento compartilhado, ou seja, o sofrimento de William e de seu vilarejo.

Os campos rachados simbolizam a desolação e a impotência diante de forças da natureza que destroem vidas e causam sofrimento. A estética dessa imagem pode ser interpretada como um convite à reflexão sobre as condições sociais que permitem que tais crises ocorram. A fome e a miséria são apresentadas como experiências coletivas, refletindo uma realidade que muitos enfrentam. Aumont (2002) discute a ideia de que as imagens não apenas representam, mas também criam significados que podem perpetuar ou desafiar estigmas sociais. Neste caso, a imagem pode ser um meio de sensibilizar o público sobre a crise da fome, incentivando a empatia e a solidariedade.

A imagem do filme encapsula a luta pela sobrevivência em um contexto de seca e fome, servindo como um poderoso lembrete da vulnerabilidade humana. Ao considerar as reflexões de Aumont (2002), fica evidente que a imagem vai além de uma simples representação; ela se transforma em um veículo de memória e emoção. A seguir, apresentamos uma análise da próxima imagem:

## ECO-REBEL

Figura 3: A família de William



Fonte: Autoria própria

A imagem acima retrata a família de William preocupada com a escassez de alimentos, além de demonstrar o sofrimento e a luta diária por sobrevivência em um contexto de seca e falta de recursos. Na imagem, observamos que cada membro da família expressa uma angústia palpável, simbolizando a carga emocional que a falta de recursos alimentares impõe sobre aqueles que se encontram em situação vulnerável. Essa cena não é apenas uma representação visual de uma crise, mas uma poderosa narrativa sobre o desespero e a fragilidade da vida.

Aumont (2002) discute que as imagens têm o poder de evocar memórias e emoções, e neste caso, a visualização do sofrimento familiar nos conecta a experiências passadas de dificuldades. A falta de comida, especialmente em um ambiente rural, gera não apenas a preocupação imediata sobre o que comer amanhã, mas também a ansiedade em relação ao futuro das crianças, que são o foco da esperança e do investimento emocional dos pais. A escassez se torna uma ameaça não só à subsistência, mas também à dignidade e ao bem-estar emocional de todos os envolvidos, afetando, inclusive, sua cognição, o que nos leva a refletir sobre o sofrimento no ecossistema mental.

Essa situação de crise é profundamente dolorosa, como observamos nas interações entre os personagens. A angústia visível nos rostos da família reflete o desespero de saber que o pouco que têm pode não ser suficiente para suportar os desafios de um período prolongado de seca. Durante o filme, observamos que o pai de William talvez se sinta impotente, carregando o peso das responsabilidades familiares, enquanto a mãe tenta acalmar os filhos e manter viva a esperança

## ECO-REBEL

por dias melhores. As crianças, por sua vez, podem não entender completamente a gravidade da situação, mas sentem a tensão no ar, afetando seu senso de segurança.

A relação entre a imagem e o fenômeno da memória é crucial nessa situação. Essa representação, seguindo os princípios de Halbwachs (2013) e Damásio (2012), pode trazer à tona recordações de outras crises de escassez, tanto pessoais quanto coletivas, como bem lembrado pela mãe de William. Ao utilizarmos o princípio de intervenção contra o sofrimento da ADE, essa conexão emocional pode ser um poderoso motivador para a ação, criando uma rede de solidariedade que busca enfrentar e aliviar o sofrimento alheio.

A imagem da família diante da escassez de comida transcende a sua realidade imediata, tornando-se um símbolo das lutas humanas universais. A dor e o desespero expressos por aqueles cinco personagens são um chamado à empatia e à ação, lembrando-nos de que a luta contra a fome e a miséria é uma responsabilidade coletiva que exige nossa atenção e compaixão. Vejamos a próxima imagem:

Figura 4: William sendo expulso da escola



Fonte: autoria própria

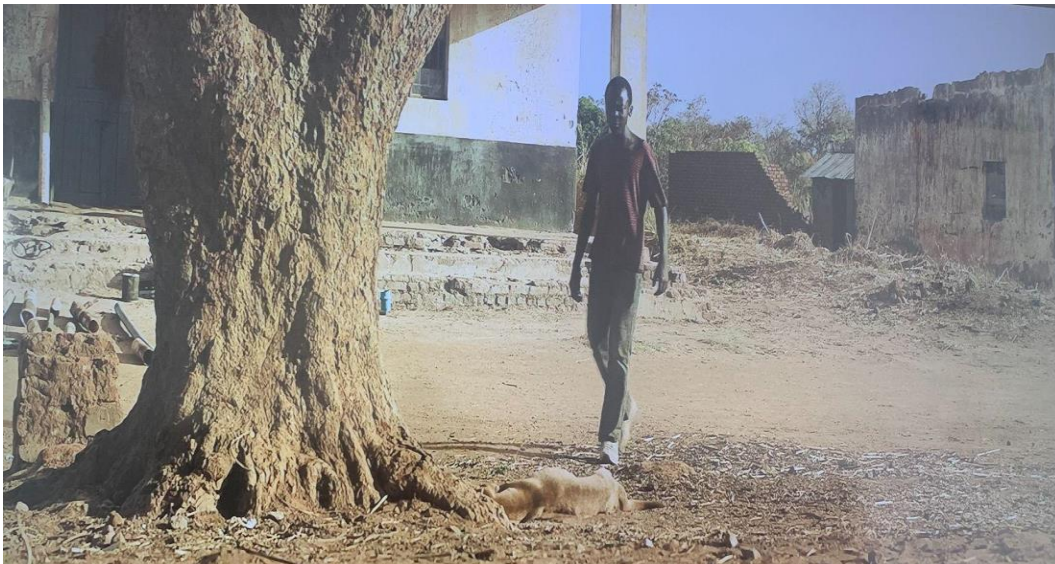
Nessa cena, William enfrenta um momento de desespero ao ser expulso da escola devido à incapacidade financeira de seus pais. Sua imploração ao diretor, cheia de emoção e esperança, revela não apenas seu amor pela educação, mas também o peso da responsabilidade que sente em relação à sua família. Essa situação exemplifica o sofrimento mental que muitos jovens enfrentam diante das barreiras impostas pela pobreza, evidenciando como um sistema educacional pode excluir aqueles que mais necessitam de conhecimento.

## ECO-REBEL

O contraste entre William e o diretor é emblemático: enquanto William simboliza esperança e determinação, o diretor representa a rigidez de um sistema que prioriza a capacidade financeira sobre o potencial humano. A cena não é apenas um registro visual, mas um veículo que transmite a dor e a luta de William (AUMONT, 2002). Sua expressão nos provoca empatia, levando-nos a refletir sobre as desigualdades sociais. Assim, a imagem provoca uma memória afetiva, lembrando-nos de nossas próprias experiências de injustiça e exclusão (LE GOFF, 1990; HALBWACHS, 2013; DAMÁSIO, 2018).

Essa conexão emocional ressoa com o fenômeno da memória, pois evoca lembranças de fragilidade e luta por direitos. A perseverança de William se torna um símbolo da luta coletiva de muitos que se negam a desistir de seus sonhos. A cena é um poderoso lembrete das dificuldades enfrentadas por jovens em contextos de pobreza e um chamado à empatia e à ação, estimulando uma reflexão sobre como podemos contribuir para um futuro mais justo e igualitário, diferente daquele vivenciado por William e sua família no vilarejo.

Figura 5 - A morte de Simba



Fonte: autoria própria

A cena em que William descobre a morte de seu cão Simba é um momento crucial. Nesse instante, a perda do animal não é apenas uma tragédia pessoal, mas um símbolo potente da escassez e da adversidade que permeiam a vida em sua comunidade. Através da lente das ideias de Jacques Aumont (2002), podemos explorar como essa imagem não só captura um momento específico,

mas também ativa uma complexa rede de memórias e emoções, tanto no personagem quanto no espectador.

Aumont (2002) discute a imagem como um fenômeno que transcende sua mera representação visual. Ele argumenta que as imagens têm a capacidade de evocar memórias, resgatando experiências passadas que moldam a percepção do presente. Nesse sentido, a imagem de William chamando por Simba e recebendo o silêncio como resposta não é apenas uma representação da perda, mas um convite à reflexão sobre a fragilidade da vida em condições adversas. Essa evocação pode trazer à tona memórias individuais de perdas e de lutas, criando uma conexão íntima entre o espectador e a narrativa.

Nesse contexto, a morte de Simba não é um evento isolado, mas parte de um ciclo de dificuldades que inclui a fome, a seca e o sofrimento. Aumont sugere que as imagens têm a capacidade de tornar visíveis essas experiências coletivas, ressoando com a dor e o sofrimento que muitos enfrentam em situações semelhantes. A cena não só mostra a perda de um amigo, mas também simboliza a perda de esperança e a luta contínua pela sobrevivência em um ambiente marcado pela escassez de recursos.

Além disso, a memória desempenha um papel fundamental na forma como essa cena é percebida. O espectador, ao vivenciar a dor de William, pode rememorar suas próprias experiências de perda e desamparo, criando uma ponte emocional que une diferentes vivências. Essa conexão com o passado é essencial para compreender a profundidade da cena. O silêncio de Simba, em vez de ser apenas uma ausência, torna-se um eco das vozes de muitos que também sofreram a perda em meio a dificuldades.

A imagem de William diante do corpo de seu cão carrega um peso simbólico que vai além da narrativa pessoal. Ela evoca uma reflexão sobre a relação entre ser humano e animal em contextos de crise, enfatizando a importância da lealdade e da amizade em tempos de adversidade. A cena nos convida a considerar como essas conexões podem ser afetadas por fatores externos, como a pobreza e a fome, e como elas podem nos ensinar sobre resiliência e solidariedade.

Por fim, o fenômeno da memória sugere que as imagens têm o poder de não apenas representar, mas também transformar a maneira como pensamos e sentimos sobre eventos passados (DAMÁSIO, 2012; 2018). A cena de William e Simba, portanto, não é apenas uma representação da perda, mas um espaço de reflexão que desafia o espectador a confrontar suas próprias memórias de luta e superação.

### Considerações Finais

Nas considerações finais deste trabalho ressaltamos a importância da Análise do Discurso Ecológico (ADE) para compreender o objeto de estudo, especialmente no que tange ao ecossistema mental. A ADE proporciona uma abordagem aprofundada das relações discursivas que moldam a construção de significados, permitindo uma interpretação mais rica das experiências humanas em contextos complexos. No caso do filme *O Menino que Descobriu o Vento*, essa análise se torna crucial para elucidar como as narrativas visuais e sonoras interagem para transmitir a trajetória de William Kamkwamba.

As análises desenvolvidas ao longo do trabalho foram fundamentais na composição do trabalho final, visto que os elementos em todo o trabalho não apenas servem para contar uma história, mas também para evocar emoções e provocar reflexões sobre as adversidades enfrentadas por William. A articulação da problemática da imagem com a ADE possibilita uma leitura mais ampla das mensagens subjacentes, revelando como as condições socioeconômicas e culturais influenciam a percepção do sofrimento e da resiliência.

A problemática da imagem discutida por Jacques Aumont (2002) complementa essa análise ao destacar a relação entre imagem e significação. O autor enfatiza como a construção da imagem no cinema é um ato de criação de sentido, que dialoga diretamente com as experiências e identidades dos personagens. Essa perspectiva é essencial para entender a relevância da história de William, cuja luta contra a adversidade representa não apenas um relato individual, mas uma reflexão sobre questões mais amplas, como a pobreza, a educação e a esperança.

O presente trabalho, ao abordar essas interseções, não apenas contribui para a discussão acadêmica sobre a Análise do Discurso Ecológico, mas também abre espaço para novas investigações. Espera-se que a análise do sofrimento de William inspire outros pesquisadores a explorar narrativas similares, fomentando uma maior compreensão sobre a resiliência humana em contextos desafiadores.

### Referências

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 7. ed. Campinas, Sp: Papyrus, 2002. Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro.

COUTO, Elza K. N. N. do; RAMADAN, Maria I. B; **Análise do Discurso Ecológico: teias e trilhas do ecossistema mental**. São Paulo: Pontes, 2024.

## ECO-REBEL

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª ed., 2012.

DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

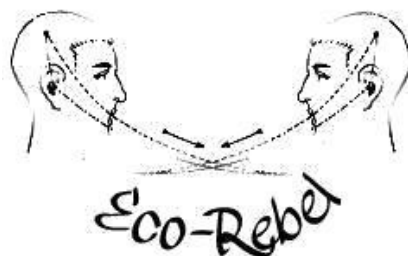
LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MARTIN, James R. **Positive discourse analysis: Solidarity and change**. *Revista canaria de studios ingleses*: 179-200, 2004.

SILVA, A. N. Da. **O conceito de discurso sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológico**. BOLETIM DO GEPL, n. 10, p. 16-21, 2022.

Aceito em 12 de julho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.



## A ICONICIDADE PRESENTE NA ORONÍMIA SUL-MARANHENSE: INTERFACE ECOLINGUÍSTICA

---

Geane Martins Mendes (UFNT)

Maria Célia Dias de Castro (Uema/Uemasul)

**Abstract:** Ecolinguistics combines theoretical assumptions from two areas of knowledge: Ecology, which studies the interactions between living beings and the environment in which they live, and Linguistics, which analyses human language in its multiple aspects. This study, an excerpt from a master's thesis, explores the interface between toponymy, more specifically oronymy, and ecolinguistics, focusing on place names (toponyms) that preserve the local lexicon associated with orographic features. The objective is to analyse sixteen oronyms from the Southern Maranhão Mesoregion, examining toponymic and iconicity categorisations, as well as ecolinguistic aspects that are intertwined in these names. The methodology is based on toponymic (DICK, 1990; 1992), iconic (LAKOFF, 2004; FRAGO GRACIA, 1982; NEVES, 2004) and linguistic-ecosystemic references (COUTO, 2014; 2016, 2023). The data were selected based on the identification and classification of sixteen geographical features, observing the relationships between the names and the elements they designate, with an emphasis on iconic associations between toponyms and places. The results highlight relevant contributions to the appreciation of local orography as tourist and cultural heritage, fostering a sense of belonging and preservation for these geographical features.

**Keywords:** Toponymy; Ecolinguistics; Iconicity.

**Resumo:** A Ecolinguística combina pressupostos teóricos de duas áreas do conhecimento: a Ecologia, que estuda as interações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, e a Linguística, que analisa a linguagem humana em seus múltiplos aspectos. Este estudo, recorte de uma dissertação de mestrado, explora a interface entre a Toponímia, mais especificamente a Oronímia, e a Ecolinguística, com foco nos nomes de lugares (topônimos) que preservam o léxico local associado a acidentes orográficos. O objetivo é analisar dezesseis orônimos da Mesorregião Sul Maranhense, examinando categorizações toponímicas e de iconicidade, bem como aspectos ecolinguísticos que se entrelaçam nesses nomes. A metodologia baseia-se em referenciais teóricos

toponímicos (DICK, 1990; 1992), icônicos (LAKOFF, 2004; FRAGO GRACIA, 1982; NEVES, 2004) e linguístico-ecossistêmicos (COUTO, 2014; 2016, 2023). Os dados foram selecionados a partir da identificação e classificação de dezesseis acidentes geográficos, observando as relações entre os nomes e os elementos que denominam, com ênfase em associações icônicas entre os topônimos e os lugares. Os resultados evidenciam contribuições relevantes para a valorização da orografia local como patrimônio turístico e cultural, fomentando o sentimento de pertencimento e o senso de preservação por esses acidentes geográficos.

**Palavras-chave:** Toponímia; Ecolinguística; Iconicidade.

### 1 Considerações Iniciais

A visão ecolinguística compreende que as interações linguísticas no ecossistema dependem das relações entre os membros do ecossistema linguístico. Nessa abordagem, a linguagem é percebida como expressão da forma como o mundo é visto, havendo uma associação entre essa visão de mundo e a estrutura da palavra, os elementos vivos da cultura de quem a utiliza. Assim, os aspectos geofísicos e sociais são forças que influenciam o pensamento humano, o que indica que a língua, de certa forma, é influenciada pelo meio ambiente.

Este campo de estudo surge amalgamando pressupostos teóricos de duas ciências: a Ecologia, que, segundo o dicionário Houaiss (2001-2007), estuda as relações dos seres vivos entre si ou com o meio no qual vivem; e a Linguística, ramo de estudos que analisa e observa a linguagem humana em todos os seus aspectos. Couto (2007; 2016) elaborou um esquema que evidencia a relação entre língua e território (meio), mediada pela população. Esse esquema revela que os três fatores, Língua, Território e Povo (LTP), interagem entre si, envolvendo o território e seus membros constituintes. Estão interconectados, influenciando-se mutuamente.

Os estudos de iconicidade inserem-se na perspectiva cognitivista. A Linguística Cognitiva, além de investigar como os processos mentais se refletem na linguagem, também contribui para os estudos de iconicidade, conceito que remete a uma relação de semelhança ou representação direta entre o signo linguístico e o objeto ao qual ele se refere (NEVES, 2004). Na perspectiva da iconicidade, a linguagem não é um sistema puramente arbitrário, mas apresenta traços que evocam aspectos sensoriais e perceptuais do mundo real. Isso é evidente nos nomes de lugares, especialmente com os orônimos, onde metáforas, associações visuais de semelhança, e metonímias, associações de relação por contiguidade, desempenham um papel seminal no processo de nomeação.

## ECO-REBEL

Com base nessas vertentes e na Toponímia, mais precisamente a oronímia, este trabalho figura-se como uma pesquisa interdisciplinar e realiza um recorte de uma pesquisa sobre os topônimos, notadamente o léxico local preservado na denominação dos acidentes orográficos. O objetivo é analisar as motivações e a iconicidade em dezesseis orônimos extraídos de um Produto Técnico-Tecnológico (MENDES, 2022) sob um viés ecolinguístico e cognitivista.

A metodologia está pautada em uma abordagem qualitativa, com pesquisa documental, tendo como base os pressupostos teóricos toponímicos de Dick (1990; 1992); os icônicos, com Neves (2004) e Bréal (2022), e linguístico-ecossistêmicos, com Couto (2007, 2014; 2024). Os parâmetros de análise incluem categorizações toponímicas, identificação da localização/cidade, categorizações iconímicas, bem como observações ecolinguísticas acerca das inter-relações entre nome e lugar.

O trabalho pode contribuir para a divulgação dos lugares (orografia) e seus aspectos geoculturais, o que pode cultivar ainda mais o sentimento de pertencimento a esses espaços, às culturas local e regional dos habitantes e o senso de preservação e sustentabilidade em relação a esses elementos geográficos, bem como ser mais um contributo aos estudos do léxico toponímico maranhense.

## 2 Contextualizando a Ecolinguística

O termo ecologia foi usado pela primeira vez pelo estudioso Ernst Haeckel (1834-1919) na sua obra *Generelle Morphologie der Organismen*, no ano de 1866 e passou a referir-se ao estudo das inter-relações entre os seres vivos e o meio de que fazem parte. Por englobar todos os organismos que compõem um determinado espaço, a Ecologia ultrapassa os limites da Biologia, expandindo-se para a Linguística e a Sociolinguística, áreas nas quais as interações entre linguagem, sociedade e ambiente também são objeto de análise e reflexão (COUTO, 2007).

Einar Haugen inaugurou um novo campo de investigação ao propor definições sobre a relação entre a língua e o meio ambiente. Segundo Haugen, essa disciplina pode ser entendida como o “estudo das interações entre língua e seu meio ambiente”, enfatizando que “o meio ambiente de uma língua é a sociedade que a utiliza como um de seus códigos” (HAUGEN, 1972, p. 325 apud COUTO, 2007, p. 19). Essa definição inicial abriu caminhos para o desenvolvimento de diferentes abordagens nesse campo, ao passar a olhar a língua como algo que está inserido em um ecossistema ambiental e social, trazendo diferentes perspectivas que compartilham aspectos

## ECO-REBEL

naturais, sociais e mentais relacionados à língua, incluindo como ela se adapta e se relaciona ao seu contexto físico e cultural.

A Ecolinguística estuda tudo que está relacionado com língua e meio (ambiente). Assim, podemos entender que, no território, tudo está relacionado a tudo, dependendo apenas de como direcionamos nossos olhares para o todo que nos cerca.

Segundo Couto (2007; 2016), as línguas se adaptam ao ambiente e quanto mais pessoas as utilizarem mais elas se expandirão, enquanto a falta de falantes implicaria no desaparecimento de uma determinada língua. Em outras palavras, quanto mais o ser humano conhece e se relaciona com o mundo ao seu redor, mais rica se torna sua linguagem, o que nos remete novamente à relação entre língua e território.

Percebemos, então, que, dentro da teoria dos campos semânticos, cada língua pode trazer uma visão de mundo única para especificar algo ou alguma coisa da cultura a que pertence. Por exemplo, no português, o termo *manga* (fruta) possui diversas subclassificações, como *manga fiapo*, *manga rosa*, *de mesa*, *foice*, *maçã*, *manguita*, *coração* e *manteiga*. De modo semelhante, no idioma esquimó, a palavra *neve*, apresenta várias distinções para classificar os diferentes tipos dessa formação de cristais de gelo<sup>1</sup>, enquanto, em português, o termo se limita a um só significado. Conforme demonstrado, a língua se apresenta como um reflexo da percepção humana sobre a realidade e a natureza, evidenciando que para cada palavra há um objeto ou conceito específico a ser nomeado. Em síntese, as palavras emergem ligadas a um referente como uma resposta à necessidade de nomear aquilo que existe no mundo e interagir com esses seres.

Ao longo de sua evolução histórica, a Ecolinguística passou a ser designada por diversas nomenclaturas, como linguística ecológica, ecologia linguística, ecologia da língua ou ecologia das línguas. Essas diferentes designações refletem a multiplicidade de perspectivas e enfoques adotados pelos pesquisadores que, ao longo do tempo, ampliaram a compreensão sobre as interações entre a língua e os fatores socioculturais e ambientais. Cada termo destaca aspectos específicos dessa relação, seja enfatizando o papel ecológico da língua nas comunidades humanas, seja investigando a influência do contexto sociocultural na dinâmica linguística (COUTO, 2007). Portanto, a variedade terminológica observada na área não é meramente semântica, como também revela a riqueza teórica e metodológica da Ecolinguística, que continua a se expandir e a se

---

<sup>1</sup> Informação trazida de Lyons (1987).

diversificar conforme novas abordagens e preocupações socioambientais surgem no cenário global e acadêmico.

Em interface com essa disciplina, a Toponímia, parte da Onomástica que estuda os nomes próprios de lugares, abarca um estudo amplo (etimológico, histórico, social, cognitivo e outros) sobre os nomes de lugares que, por sua vez, são os nomes geográficos próprios de uma região, cidade, lugar, entre outros; são os resultados e os registros das interações entre as pessoas e seu ambiente através da linguagem. Durante todo o processo desta pesquisa, foi levada em consideração a relação existente entre léxico e ambiente, pautada no fazer onomasiológico, bem como na perspectiva ecolinguística, que percebe as inter-relações entre o povo, o território habitado e a língua falada por esse povo.

O grande número de fitotopônimos tem caráter revelador quanto à relação homem e ambiente. Nesse caso, a partir das análises dos dados do corpus, nota-se que o homem faz uso da flora e de tudo aquilo que faz parte do seu meio natural para dar nomes aos lugares, revelando tanto as inter-relações de caráter cognitivo como ecolinguístico, o que demonstra uma convergência teórica muito próxima entre esses dois campos da pesquisa linguística no viés da Toponímia.

Relacionada a esses fatores, a Ecolinguística, enquanto estudo das interações entre meio ambiente (físico, social e mental) e língua, manifesta-se nos diversos fenômenos da gênese da linguagem, uma vez que tanto a fauna e a flora, enquanto aspectos do meio físico, quanto fatores psicológicos influenciam o processo denominativo. Significa que o povo (P), inserido em um território (T), faz uso da língua (L) e de tudo aquilo que o cerca, seja social, físico ou mentalmente, para abarcar suas necessidades e nomear o lugar (COUTO, 2007).

### **3 Signo Toponímico e Linguística Cognitiva**

Desde os seus primórdios, a humanidade se relaciona com o meio ambiente e faz menção aos objetos do mundo via sistema denominativo. Esse comportamento gera termos linguísticos legitimadores de entidades, os quais passam ao estatuto de signos. Para Saussure, signo linguístico é “a união do sentido e da imagem acústica. Uma entidade psíquica de duas faces composta por um significado e por um significante” (SAUSSURE, 1916, p. 80). Assim, o significado está para as ideias (sentido/conceito) enquanto o significante está para a expressão (imagem). A respeito disto, Blikstein (1985, p. 20) assinala que “o signo seria, afinal, algo que substitui ou representa as coisas,

## ECO-REBEL

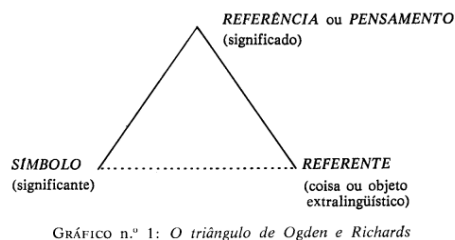
isto é, a realidade”. É necessário considerar fatores extralinguísticos, uma vez que eles são responsáveis por representar esta realidade.

Relacionado a isso, o “triângulo semiótico”, assim chamado por Ogden e Richards (apud Blikstein, 1985, p. 23), constitui-se de uma nova significação para a teoria de Saussure. Assim, foram acrescentados ao significante e significado a coisa (ou referente):

C. K. Ogden e Richards lançaram a figura do *referente*, isto é, a *coisa* extralinguística, que distinguem nitidamente de *referência* ou significado linguístico; ficavam assim superadas, aparentemente, as relações dicotômicas entre significante e significado, ou entre signo e realidade, ou ainda entre signo e pensamento, na medida em que o *símbolo* (signo, ou melhor, significante para Saussure), *referência* ou *pensamento* (significado para Saussure), e *referente* (coisa ou objeto extralinguístico) passavam a figurar numa relação triádica, esquematizada num triângulo que ficaria clássico na linguística e na semiologia (BLIKSTEIN, 1985, p. 23).

Para tanto, a Figura 1, representação do triângulo, é capaz de ajudar na compreensão e interpretação dos topônimos:

**Figura 01:** Triângulo de Ogden e Richards



**Fonte:** Blikstein (1985, p. 25).

Entretanto, mesmo após a inserção desses novos termos na teoria linguística, os fatores extralinguísticos continuaram esquecidos na pesquisa e análise. Mas Blikstein (1985, p. 39) acrescenta e insiste que há a “necessidade do recurso a uma dimensão anterior à própria experiência verbal para a detecção da gênese do significado”.

O topônimo funciona como signo linguístico ao atuar como identificador do espaço geográfico e por transmitir a relação existente entre o denominador e sua realidade (física, mental, social, cultural) sendo, portanto, motivado por fatores extralinguísticos como “características físico-geográficas e características antropoculturais, ligadas a aspectos psíquicos, históricos e culturais que o homem apresenta, enquanto ser individual e social” (SANTOS, 2019, p. 55), esclarecimento endossado por Andrade (2010, p. 134), ao afirmar que “o signo toponímico é

## ECO-REBEL

motivado, sobretudo, pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador”. Ou como ainda enfatizado a seguir:

É correto afirmar que o local, sua própria forma aparente, é referência motivacional para o nome. Nesse sentido, reafirmamos que a linguagem é o principal objeto de nossa inserção no meio em que vivemos: a seus aspectos, suas formas, culturas, a tudo aquilo que faz parte de nosso ambiente, seja ele físico, social ou mental” (MENDES; CASTRO, 2022, p. 06).

Corroborando com essa assertiva, Biderman (1998) esclarece que os nomes refletem suas causas motivacionais, que transparecem em dois momentos: no primeiro, o nomeador, a partir das motivações/interferências locais, sugere/escolhe um nome; no segundo, essa motivação é intrínseca ao ser, fazendo com que o sujeito-nomeador realize escolhas a partir de suas experiências. Ou seja, os nomes não são escolhas arbitrárias, mas resultado de uma interação entre influências externas e motivações do nomeador.

O linguista italiano Mario Alinei arguiu a questão da motivação no processo de nomeação dos elementos da realidade. Mostrou como o signo é motivado no momento de sua criação. Nesse momento de gênese, as características distintivas do referente serão individualizadas e ressaltadas, motivando o nome apostado a esse referente (BIDERMAN, 1998, p. 110).

Fica evidente, portanto, a caracterização do topônimo como um signo linguístico “toponímico” em razão da importância do processo conceptual de geração do termo com esse estatuto, em que o vincula a seu referente/lugar.

A Linguística Cognitiva, ao estudar os processos mentais que envolvem a compreensão e a produção da linguagem, contribui significativamente para o campo da Oronímia, ramo da Toponímia que se ocupa do estudo dos nomes de acidentes geográficos, como montanhas, serras, morros e colinas. Essa perspectiva cognitiva destaca que os nomes atribuídos a elementos orográficos refletem a forma como o ser humano percebe, categoriza e interpreta o elemento geográfico a seu redor.

Consideramos o que foi exposto, reiteramos que a escolha dos nomes não é arbitrária, mas necessariamente revela a relação simbólica e cognitiva entre o indivíduo e suas experiências/impressões sobre o ambiente.

## ECO-REBEL

A Linguística Cognitiva<sup>2</sup> surge, na década de 70, a partir do interesse pela significação no processo de categorização linguística e na inseparabilidade entre o cognitivo<sup>3</sup> e o social<sup>4</sup>. Significa dizer que os aspectos socioculturais e cognitivos estão imbricados quanto à reprodução da visão de mundo, principalmente na ação de conceituar, através do nome próprio. Estes, para Bréal (2008, p.126), “são os substantivos por excelência”, e passam por esse processo por serem “os mais significativos de todos, sendo os mais individuais” e por conceituarem aquilo que está ao redor dos seres, a sua visão-percepção.

Isso nos leva à definição, segundo Lakoff, de *frame*:

*Frames*<sup>5</sup> are mental structures that shape the way we see the world. As a result, they shape the goals we seek, the plans we make, the way we act and what counts as good or bad outcome of our actions. In politics our frames shape our social policies and the institutions we form to carry out our policies. To change our frames is to change all this. Reframing is social change (LAKOFF, 2004, p. 15).

As estruturas podem ser imagens mentais que partem de um conjunto sociocultural capazes de influir em e direcionar nossa capacidade de agir linguisticamente, de evocar expressões/enunciados reveladores de nossa cosmovisão, como quer que sejam.

A partir dessa abordagem, entende-se que o processo de nomeação oronímica está intimamente ligado às experiências sensoriais e culturais das comunidades que habitam determinado território. Os orônimos não apenas identificam pontos específicos na paisagem, mas

---

<sup>2</sup> A linguística cognitiva rejeita os postulados da linguística moderna decorrentes do princípio de autonomia da linguagem: entre outros, a separação entre conhecimento "semântico" (ou "linguístico") e conhecimento "enciclopédico" (ou "extralinguístico"), fundamentada no postulado da existência de um nível estrutural ou sistêmico de significação linguística (relativamente ao qual se considera que se podem e devem definir e analisar as categorias linguísticas), distinto do nível em que o conhecimento do mundo está associado às formas linguísticas (SILVA, 1997b, p. 02-03).

<sup>3</sup> Relativo ao processo mental de percepção, memória, juízo e/ou raciocínio (HOUAISS 2001-2007).

<sup>4</sup> Concernente à sociedade; relativo à comunidade, ao conjunto dos cidadãos de um país; coletivo (HOUAISS 2001-2007).

<sup>5</sup> *Frames* são estruturas mentais que moldam a maneira com que vemos o mundo. Como resultado, eles moldam os objetivos que traçamos, os planos que fazemos, a maneira que agimos e o que conta como resultados bons ou ruins de nossas ações. Na política, nossos *frames* moldam nossas políticas sociais e as instituições que formamos para implementar nossas decisões. Mudar nossos *frames* é mudar tudo isso. *Reframing* é mudança social (tradução nossa).

## ECO-REBEL

também carregam informações sobre a história, as crenças, as atividades econômicas e a relação afetiva das populações locais com esses espaços. Dessa maneira, a Linguística Cognitiva oferece uma lente teórica valiosa para compreender como o ser humano constrói significados e estabelece vínculos com o ambiente natural por meio da linguagem.

Ao pensarmos na ciência toponímica, especificamente sobre os orônimos, um dos aspectos relevantes no que diz respeito ao topônimo é a persistência histórica e sua diversidade semântica. Assim, fatores tanto físicos (aspectos geográficos, topografia, clima), quanto psicossociais (forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo) refletem-se na língua, que, dessa forma, sofre influências de três pontos:

Quanto ao seu assunto ou conteúdo, isto é, ao léxico; quanto ao sistema fonético, isto é, o sistema de sons com que opera para construir as palavras; e quanto à forma gramatical, isto é, aos processos formais e às classificações de ordem lógica ou psicológica que se usa quando se fala (SAPIR, 1969, p. 45).

Desse modo, o léxico sofre algumas interferências em sua estrutura morfológica que se tornam traços marcantes de seu contexto gerador. Entretanto, apenas aspectos linguísticos não são suficientes para a definição daquilo que motiva o nome do lugar. É necessário recorrer a outras formas de identificação associativas de ordem psicológica, as quais não dizem respeito ao acidente físico propriamente, mas à forma de percepção dos aspectos que podem ser encontrados em suas proximidades, como assinalado por Frago Gracia (1982, p. 25-26):

Un somero repaso al articulado de este capítulo onomástico revelará enseguida que unas veces se trata de genuinos nombres orográficos, en tanto que otras veces se estará ante acomodaciones más o menos cuajadas, también con similar sentido oronímico, en los usos léxicos de diferentes épocas, acomodaciones en su mayoría debidas a metáforas que se han visto propiciadas por la comparación de algunos relieves del suelo con partes del cuerpo humano o animal, y con objetos muy familiares al campesino. Por lo demás, la metaforización es un recurso creativo casi omnipresente en la oronimia, si bien al considerar este fenómeno es preciso distinguir, de un lado, el momento de la historia del vocablo en que ha tenido lugar y, de otro lado, el nivel de especialización que en este particular valor semántico ha adquirido la palabra en cuestión, no sólo por la intensidad con que se refleje en la toponimia, sino también en el léxico común<sup>6</sup>.

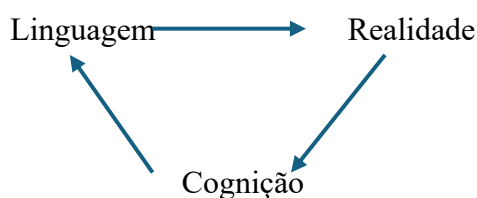
---

<sup>6</sup> Uma breve revisão dos artigos deste capítulo onomástico revelará imediatamente que ora são nomes orográficos genuínos, ora estaremos diante de acomodações mais ou menos coaguladas, também de sentido oronímico semelhante, nos usos lexicais de diferentes períodos, acomodações principalmente por metáforas que têm sido propiciadas pela comparação de alguns relevos no solo com partes do corpo humano ou animal, e com objetos muito familiares ao camponês. De resto, a metaforização é um recurso criativo quase onipresente (tradução nossa).

## ECO-REBEL

Frago Gracia ressalta o processo de criação dos nomes oronímicos decorrentes de associações comparativas de origem metafórica, seja tomando como fonte para essa comparação partes do corpo humano, o que tem orientado muitas metáforas, de partes de corpo de animais, como também de objetos que permeiam o espaço natural dos denominadores. Assim, o autor ressalta o caráter onipresente da metáfora no processo criativo de atribuição dos nomes, notadamente dos orônimos, no momento histórico que singulariza essa criação vocabular, como também no nível de especialização que adquiriu a palavra ao ser metaforizada como signo oronímico.

Nesse caso, no âmbito da perspectiva cognitiva, também se volta para a iconicidade via “metáfora” em relação às inter-relações existentes entre o ambiente sociocultural e as imagens conceituais que podem ser evocadas. Temos então, numa abordagem semântica:



Fonte: Baseado em Lakoff, 2004, p. 15

Para Lackoff (2004) as relações entre estrutura sintática e mundo objetivo são mediadas pela cognição. Correlacionando essa afirmação ao conceito toponímico, percebemos que há uma (re)integração ‘linguística’: construímos novos significados envolvendo aquilo (termos) que já conhecíamos antes. Ao analisarmos um orônimo, transparece a representação do mundo objetivo, o elemento geográfico, via termo genérico, e o nome próprio específico, gerando uma representação sígnica:

*Morro/Serra* - projeção do elemento geográfico, via termo genérico

*do Elefante/do Gado Bravo* - evocação de um nome, via termo específico

Percebemos que é necessário um conhecimento prévio responsável pela integração entre dois (ou mais) nomes, entendendo esses aspectos de forma separada (com um significado) e,

## ECO-REBEL

posteriormente, adjungida (fusão dos termos com um significado novo, criativo), passando a entender o nome como um todo, ou melhor, a representação do lugar enquanto um novo termo que foi gerado resultante dessa associação, o topônimo.

Na perspectiva desta análise, importa ressaltar que a relação de cada topônimo é disposta por dois elementos básicos, conforme apresentado anteriormente, que nos remetem ao tipo de acidente e ao nome que carrega. São eles: *termo genérico* e *termo específico*.

Ao designar, tradicionalmente, o nome próprio de lugar, o topônimo, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem os seus termos formadores (DICK, 1992, p. 10)

A linguagem é, pois, considerada como parte integrante da cognição<sup>7</sup>, capaz de justificar e categorizar a realidade física com base na realidade psicológica, o que quer dizer que interligamos o conhecimento linguístico àquilo que vemos, presenciamos e com que interagimos. Esses conhecimentos estão atrelados ao que vivenciamos social e culturalmente<sup>8</sup> e, a partir disso, correlacionamos essas experiências à construção de novos sentidos. Na ciência toponímica, principalmente com os nomes atribuídos à oronímia, as experiências do sujeito denominador são fortemente ligadas à sua visão-percepção a fim de descrever as sensações emergidas pelo que sugerem os acidentes físicos.

Nesse caso, tem-se a língua como instrumento para expressar ações, sentimentos, significações e interações em sociedade, elementos capazes de estabelecer categorias na estrutura da língua. À categoria dos orônimos, integram-se elementos geográficos como montanhas, montes, colinas, maciços de montanhas, cordilheiras e afins, pois todos possuem características básicas da categoria 'orotopônimo'. Para esse conjunto, outras categorias vão surgindo em um processo de nomeação icônica: orônimos que acionam nomes de animais, de objetos da cultura material, de partes do corpo humano, de eventos do mundo e outros. Segundo Chiavegatto, "as formas da língua acionam um conjunto de processos aparentemente simples, que operam sobre bases de

---

<sup>7</sup> Processo ou faculdade de adquirir um conhecimento; percepção; ato ou efeito de conhecer (Houaiss, 2001-2007).

<sup>8</sup> Foi com Edward Sapir em 1921, com o livro *A linguagem* (1972) que pela primeira vez foi ressaltada a relação estreita entre língua e cultura. Afirmava o antropólogo que havia uma coesão qualquer entre a língua e o povo que dela se utiliza para a comunicação, observação que brotou da experiência de fazer a descrição das línguas indígenas ágrafas, em meio a culturas diferenciadas, em fase de extinção (CHIAVEGATTO, 2009, p. 79).

conhecimentos subjacentes na memória ou presentes como contexto, nas situações comunicativas” (CHIAVEGATTO, 2009, p. 83).

Essas nomeações icônicas ocorrem, como afirmado, via associação por semelhança, em que um objeto, o ‘morro’, é tomado pela semelhança com outro ‘garrafão’ no processo denominador (Morro do *Garrafão*); ou associação por contiguidade/proximidade/presença de um elemento geográfico ‘serra’ com um objeto, animal etc ‘gado bravo’ (Serra do Gado Bravo). Diversos são os elementos acionados nesse processo associativo: animais, de objetos da cultura material, de partes do corpo humano, de eventos do mundo e outros.

Assim, os processos motivacionais cognitivos e as construções linguísticas abrangem correspondências metafóricas e metonímicas interligando cognição e linguagem, em que esta se materializa principalmente acionando os nomes que subjazem ao vocabulário comum dos interactantes.

#### **4 Análise dos dados oronímicos**

Uma das principais perguntas feitas por pesquisadores da área toponímica diz respeito à motivação no processo de nomeação dos lugares. É fato que a necessidade de dar nomes aos acidentes sempre existiu. O que nos move agora é a tentativa de entender os mecanismos que impulsionam os seres humanos em suas escolhas lexicais para constituir o orônimo, o que se verificou no âmbito das categorizações toponímicas e da iconicidade.

Muitos não sabem a razão da atribuição do nome ou sua motivação. Assim, alguns topônimos e, principalmente, os orônimos são relativamente desconhecidos pelos moradores, justificando-se que as forças motivacionais e as influências que antes cercavam os acidentes físicos podem se apagar diante das marcas do tempo. Estas discussões se fazem, neste caso, de extrema importância para que esses fatores permaneçam vivos na memória social. É necessário, portanto, buscar e interpretar seus significados e motivações para que este conhecimento não fique apenas no passado e possa seguir com as novas gerações.

Com este propósito, apresentam-se os dados que foram extraídos de um Produto Técnico-Tecnológico (MENDES, 2022), cujo material tem sido portfólio para outras investigações e publicações, inclusive para esta pesquisa, que demonstra dois fatores imanentes dos orônimos: primeiro, a *não-arbitrariedade* desses nomes; em seguida, a *iconicidade* neles presente, seja por semelhança, seja por contiguidade. São dezesseis os nomes que compõem a análise do Quadro 1.

## ECO-REBEL

O critério de escolha desses orônimos foi a relevância que esses acidentes físicos têm para as comunidades locais. Muitos são pontos turísticos, locais históricos e lugares que servem como pontos de referência para os moradores que fazem parte da comunidade.

**Quadro 01:** Orônimos sul-maranhenses

Orônimo	Classificação Toponímica (Dick, 1990)	Localização/Cidade	Caracterização Iconímica
1 Serra do <i>gado bravo</i>	Zootopônimo	Balsas	O termo expressa uma relação metonímica. A história revela que o local servia como passagem para o gado e, a partir desse fato, recebeu esse nome como forma de referenciar o local de uso social em relação às atividades do sertão maranhense. O nome do lugar expressa relação de contiguidade com os animais que o habitavam.
2 Serra do <i>Timbó</i>	Fitotopônimo	Balsas	O referente motivador são as plantas que estão presentes no local, estabelecendo uma relação de contiguidade, de presença. De forma metonímica, a flora passa a representar o local de uso social pelo nome.
3 Serra do <i>Ginete</i>	Ergotopônimo	São Félix de Balsas	Nesta região era muito comum a presença e locomoção de vaqueiros que levavam gado. <i>Ginete</i> , segundo o dicionário Houaiss, significa <i>sela</i> . O que quer dizer que os usuários da língua fazem uso de seu léxico cotidiano e o reutilizam para representar os lugares onde vivem ou por onde passam. Metonímia.
4 Serra do <i>Arco</i>	Ergotopônimo	Fortaleza dos Nogueiras	Este objeto de uso inicialmente indígena demonstra como a língua também é um repertório de heranças culturais e linguísticas. No caso do orônimo em aputa, é também uma forma icônica por semelhança, de representação, visto que a serra imita a forma de um arco, uma associação metafórica.
5 Morro <i>Redondo</i>	Morfotopônimo	Feira Nova	Acionando conceitos metafóricos, a forma física circular do acidente demonstra a existência de aspectos icônicos imagéticos durante o ato de atribuir nomes aos lugares.
6 Vão do <i>Buriti de Dentro</i>	Fitotopônimo	São Félix de Balsas	A abundância dessa fruta no local faz com que, a partir de uma associação de contiguidade, por presença dela em um espaço especificado – associação metonímica - o denominador faça uso desse termo léxico para denominar seu habitat.
7 Morro do <i>Chapéu</i>	Ergotopônimo	Carolina	Assim como outros acidentes físicos, o Morro do Chapéu faz parte do parque ecológico da Chapada das Mesas. O termo específico <i>do</i>

## ECO-REBEL

			<i>Chapéu</i> é atribuído em razão da similaridade existente entre o lugar e esse elemento de cultura material, em uma relação de semelhança, metafórica.
8 Serra do <i>Penitente</i>	Animotopônimo disfórico	Balsas	Os orônimos também são representativos da cultura espiritual e psíquica do nomeador. Traços da “penitência” foram historicizados e estão ou estiveram presentes de alguma maneira na serra, de forma que foram acionados cognitiva e linguisticamente ao nome, o que marca a metonímia.
9 Serra da <i>Enxada</i>	Ergotopônimo	Alto Parnaíba	Os elementos materiais da cultura sertaneja prestam-se como referentes para os nomes dos lugares. O acionamento relaciona-se mais pela presença do objeto da cultura material em algum momento, indicando a metonímia.
10 Morro do <i>Garrafão</i>	Ergotopônimo	Tasso Fragoso	Ponto turístico da cidade de Tasso Fragoso, o Morro do Garrafão recebe esse nome em razão de fatores icônicos de semelhança, metafóricos, na forma de concepção e atribuição do nome, pois para os moradores locais o elemento geográfico reflete o referente garrafão, chamando-lhes a atenção.
11 Morro do <i>Elefante</i>	Zootopônimo	Tasso Fragoso	Também ponto turístico dessa cidade, o Morro do Elefante talvez seja o que mais representa os fatores icônicos de semelhança nos orônimos aqui estudados. A forma física do acidente em muito se assemelha ao animal que dá nome ao local, estabelecendo-se uma concepção metafórica de acionamento e atribuição de nome.
12 Serra <i>Vermelha</i>	Cromotopônimo	Sambaíba	A terra, com essa cor característica, de forma metafórica serve como elemento motivador para a atribuição desse nome. Mas também pode ser concebido pela presença do tipo de solo, estendendo-se a uma concepção metonímica.
13 Morro da <i>Ferrugem</i>	Litotopônimo	Balsas	A coloração da terra é traço desse elemento geográfico e reflete-se no nome do lugar. Novamente percebe-se uma concepção metafórica, mas também metonímica.
14 Morro do <i>Fogo</i>	Igneotopônimo	Riachão	Semelhante à cor do fogo, o local recebe esse nome elencando fatores metafóricos. Percebe-se também concepção metonímica na forma de atribuição do orônimo, em que a presença do fogo pode ter sido um fator de atribuição do nome.
15 Morro da <i>Foice</i>	Ergotopônimo	Riachão	Os objetos da cultura material usados como ferramentas de trabalho e sobrevivência da população muito são acionados para indicar

## ECO-REBEL

			presença nos lugares denominados, indiciando uma extensão metonímica.
16 Morro <i>do Tamanduá</i>	Zootopônimo	Carolina	Nesse termo oronímico há uma relação de contiguidade, metonímica, tendo em vista o local ser habitado pelo animal que o nomeia, numa relação de presença, contiguidade.

**Fonte:** as autoras (2025).

Há diversas formas de se investigar as motivações toponímicas, partindo de suas características. A função do topônimo, enquanto um nome próprio de lugar, é distinguir um lugar entre os outros. Entretanto, suas motivações são, por vezes, desconhecidas pela comunidade local, podendo ser vistas apenas como um nome comum, um nome vazio/opaco.

Os resultados da pesquisa revelam primeiramente que os municípios representados nesta pesquisa são pertencentes à Mesorregião Sul Maranhense, Microrregião do Gerais de Balsas (Alto Parnaíba, Balsas, Riachão e Tasso Fragoso), Microrregião da Chapada das Mangabeiras (Sambaíba e São Félix de Balsas) e Microrregião de Porto Franco (Carolina). Esses municípios possuem uma rica orografia, impactando positivamente no desenvolvimento do turismo ecológico e em pesquisas científicas diversas sobre fauna, flora, cursos d'água, inclusive no estudo linguístico de seus nomes.

O primeiro nome do sintagma toponímico, o termo genérico, leva-nos à indicação e classificação dos tipos de elementos geográficos; o segundo, o próprio topônimo, o termo específico, à classificação taxonômica dos acidentes, a exemplo de Serra *da Enxada* (elemento da cultura material humana), Serra *do Caititu*, Morro *da Macaca* e Serra *dos Porcos* (acionamento da fauna), Morro *Vermelho* (aciona as cores do solo), Vão *do Buriti* (aciona a flora circundante). O primeiro termo (serra, morro, vão) refere-se aos objetos do mundo, os elementos geográficos também chamados de “genéricos”, os quais nos indicam os tipos de acidentes e não são levados em consideração dentro das taxonomias de Dick (1990) que categorizam os nomes. Os nomes que vêm após o termo genérico (*Enxada, Caititu, Porcos, Vermelho, Macaca, Buriti*) são conhecidos como termo específico, pois identificam, particularizam e singularizam os locais denominados face aos outros acidentes, relacionando-os, muitas vezes, ao próprio meio ambiente que referem, a coisa denominada.

As categorizações toponímicas, exceto animotopônimos e ergotopônimos, são de natureza física, acionando para a forma dos nomes a presença dos animais, das plantas, dos minerais, das

## ECO-REBEL

formas geográficas e do fogo, ressaltando essa interdependência do processo conceptual denominador com os elementos constituintes da natureza. Os objetos da cultura material e os estados d'alma (Serra do Penitente) também foram conceptualmente acionados para denominar o meio ambiente, morros e serras e outras elevações.

Dos 16 (dezesesseis) termos oronímicos analisados, 08 (oito) expressam uma concepção metafórica, em que um termo fonte é acionado para denominar um novo referente em função de relações de semelhança entre o objeto fonte e o objeto alvo da denominação. Do total dos nomes, 11 (onze) termos oronímicos expressam relação de presença, de contiguidade, estabelecendo uma relação metonímica.

Observe-se que os acionamentos metafóricos e metonímicos não são excludentes entre si. As duas formas conceptuais podem ser acionadas para atribuição de um único nome, como em *serra Vermelha*, em que presença/contiguidade e cor/imagem são coocorrentes semanticamente no sentido de geração desse termo. Esta apreensão também ocorre em Castro (2012), ao analisar os nomes dos municípios maranhenses, verificando que a relação metonímica ainda é mais básica na gênese dos nomes de lugares do que a metafórica.

É a partir dessa ação de gerar nomes, portanto, que a humanidade categoriza e organiza sua realidade, fazendo uso de elementos linguísticos capazes de referenciar os acidentes físicos (e humanos) de uma região. Assim, é possível afirmar que existe uma relação icônica, seja de semelhança ou de contiguidade, entre lugar e nome próprio, como um “princípio pelo qual se considera que existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem, na linguagem humana” (NEVES, 2004, p. 103). Para esta autora, a forma linguística implica uma motivação icônica refletida no lugar representado. Isso porque o denominador lança mão de aspectos descritivos do lugar, como em morro *do Elefante* cujo nome, o orônimo, é dado segundo a semelhança das características físicas que o referente aparenta ter com o animal; e ainda de aspectos associativos, com a relação de presença/contiguidade, como em serra *do Gado Bravo*, referente à fauna, e vão do *Buriti de Dentro*, referente à flora local, demonstrando que tanto aspectos puros descritivos quanto aspectos associativos contribuem com a motivação nominal. “É o caso da vegetação brasileira, que contribuiu com tantos nomes para a toponímia fitonímica, ou dos próprios animais que, independentemente de um determinado espaço, definido como habitat próprio, o distinguem pela sua presença, isolada ou em bandos” (DICK, 1990, p. 41).

## ECO-REBEL

Existe, além de tudo, uma relação imanente e necessária entre o homem (nomeador), a língua (léxico) e seu ambiente (aspectos motivacionais), como defendem pesquisadores de perspectiva ecolinguística (COUTO, 2007; 2014, FRAGO GRACIA, 1982; SAPIR, 1969; MENDES, 2022). Nesse sentido, Frago Gracia assinala que, após um referente geográfico ter recebido um nome próprio, “lo conservan en la actualidad, sí se registrará, en cambio, la abrumadora mayoría de los topónimos específicos de elevaciones del terreno, o de los que, bien por metaforización tardía bien por motivación semántica originaria, son orónimos en el sentido estricto de la palabra”<sup>9</sup> (FRAGO GRACIA, 1982, p. 27). O orônimo funciona então como signo linguístico que traduz a imagem do lugar propriamente ou de elementos que compõem o espaço em sua totalidade, sendo gerado tendo como base conceptual aspectos semântico-metonímicos e semântico-metafóricos apreendidos do meio ambiente físico, social, cultural. No âmbito da perspectiva cognitiva e da Ecolinguística, volta-se para a iconicidade via “metáfora” em vista das inter-relações existentes entre o ambiente sociocultural e as imagens conceituais que os denominadores evocaram do ambiente em que habitam.

Comparar uma coisa à outra, estabelecendo analogia a um nome existente e dando significado ao acidente físico, faz parte do ser humano, pois é por meio desse processo que se constrói significados, estabelecem-se associações e reforça-se a percepção de mundo compartilhada dentro de seu contexto cultural, ou seja, “O povo transporta para objetos inanimados adjetivos cuja ideia empresta ao homem” (BRÉAL, 2008, p. 95). É o processo de significação que atribui um nome em analogia a outro já existente, conhecido como metáfora. Através da metáfora transpomos novos significados que, mediante uma palavra, designa um novo objeto, nesse caso, um acidente físico tido como topônimo. Por sua vez, “a significação é o processo que associa um objeto, um ser, uma noção ou um acontecimento a um signo capaz de os evocar [...] O signo é, portanto, um excitante – os psicólogos dizem um estímulo, cuja ação sobre o organismo provoca a imagem memorial de um outro estímulo” (Guiraud, 1986, p. 15).

o elemento linguístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada (DICK, 1990b, p. 34).

---

<sup>9</sup> Conservam-no na atualidade, como registro da maioria dos topônimos específicos de elevações do terreno, ou daqueles que, seja por metaforização tardia ou por motivação semântica original, são orónimos no sentido estrito da palavra (tradução nossa).

Percebe-se que a motivação dos orônimos considera, além da relação homem-língua-ambiente, aspectos sociais, históricos, linguísticos e culturais que impulsionaram a escolha lexical, como em *Morro da Ferrugem*, *Morro do Fogo*, *Morro da Foice* e *Serra do Penitente*. Nesse sentido, Castro & Facco Piovesan (2021) enfatizam que estudar o léxico de uma língua contribui para recuperar aspectos linguísticos, culturais e identitários de uma comunidade e para conhecer as concepções de vida desse grupo. A toponímia é, portanto, uma forma de expressão linguístico-social e histórico-cultural de um grupo da região em que o orônimo está localizado.

A respeito do caráter icônico na toponímia, é notória a construção de uma imagem visual a partir do nome que representa o lugar. Segundo Dick (1994<sup>a</sup>, p. 874) “a relação dialética nome/lugar desencadeia no usuário um processo de construção de uma imagem visual que reproduz o que os símbolos icônicos do aglomerado (...) denotam”. É partindo dessa perspectiva que ressaltamos a iconicidade de nomes como *Morro do Garrafão* e *Morro do Chapéu*, lugares que refletem em seu aspecto físico a mesma forma daquilo que motivou a atribuição de um nome, um termo fonte. Diante disso, verificamos que a nomeação de um acidente físico é conceitualmente motivada, envolvendo diversos aspectos associativos e de inter-relação que dizem respeito tanto à vida do nomeador, quanto ao lugar de seu referente, além das interações entre esse indivíduo e o ambiente.

Em síntese, pode-se afirmar que há uma certa unidade de perspectiva entre Toponímia, Ecolinguística e Iconicidade aplicável ao estudo oronímico. A análise dos dados permitiu evidenciar a íntima relação entre esses campos de estudos, pois os nomes dos lugares refletem o meio ambiente físico e sociocultural, demonstrando como a língua se adapta ao território e como os fenômenos naturais e culturais são incorporados ao léxico toponímico. Na perspectiva ecolinguística, a nomeação dos lugares revela não apenas uma relação de contiguidade com elementos da flora, fauna e cultura material, mas também a presença marcante de associações metafóricas e metonímicas.

### **5 Considerações Finais**

Os nomes analisados mostram que a iconicidade desempenha um papel fundamental na formação dos orônimos, ao estabelecer uma relação de semelhança entre a forma física dos acidentes geográficos e objetos ou seres conhecidos pelos habitantes locais. Essa iconicidade, muitas vezes expressa por meio de metáforas visuais, reforça a conexão cognitiva e ecossistêmica

## ECO-REBEL

entre o espaço geográfico e a percepção humana. Sobre os processos icônicos, no que diz respeito à nomeação dos elementos orográficos, o destaque é dado aos processos metafóricos e metonímicos, influências capazes de evidenciar a forma, a imagem, a fauna, a flora entre outros fatores que são rememorados por meio do nome.

Além disso, a não arbitrariedade dos nomes indica que o ato de nomeação é motivado por fatores ambientais, históricos e culturais, evidenciando a importância da linguagem toponímica como um registro das interações entre o ser humano e seu ambiente. Dessa forma, a Toponímia se configura como um campo privilegiado para estudos ecolinguísticos, ao demonstrar como os seres humanos, por meio da linguagem, constroem e perpetuam significados associados ao território em que habitam.

Por fim, este trabalho evidenciou ainda como a Toponímia, ao dialogar com a Ecolinguística e a Linguística Cognitiva, reflete a interação complexa entre o ser humano e o ambiente em que vive. A análise dos orônimos demonstrou que os nomes de lugares não são designados de forma arbitrária, mas surgem de um processo conceptual influenciado por fatores sensoriais, culturais, históricos e geográficos.

### Referências

- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. In: *Filologia e língua portuguesa*. S. Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP, nº 2, 1998, p.105.
- BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- BRÉAL, M. *Ensaio de semântica: Ciências das significações*. Campinas: Editora RG, 2008.
- CASTRO, M. C. D. de. *Maranhão: sua toponímia, sua história*. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil, 2012, 474 p.
- CASTRO, M. C. D. de; FACCO PIOVESAN, M. H. Representaciones de la identidad, la memoria y la historia: topónimos de los espacios públicos de Balsas: Maranhão-TRAD. *Onomástica desde América Latina*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 176–199, 2021.
- CHIAVEGATTO, V. C. Introdução à Linguística Cognitiva. *Matraga*, v.16, p. 77-97, n.24, jan./jun. 2009.
- COUTO, H. H. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Thesaurus: Brasília, 2007.

## ECO-REBEL

DICK, M. V. P. A. *Toponímia e Antrotoponímia no Brasil*. Coletânea de textos. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1992.

FRAGO GRACIA, J. A. Toponímia navarroaragonesa del Ebro (IV): *Orónimos*. *Archivo de Filología Aragonesa* 30/31: 23–62. Institución Fernando el Católico. Zaragoza, 1982.

GUIRAUD, P. *A semântica*. São Paulo: Difusão Editorial, 1986.

LAKOFF, G. *Don't think of an elephant*. White River Junction: Chelsea Green Publishing, 2004.

LYONS, J. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MENDES, G. M. Guia Topo-oronímico para a mesorregião sul maranhense. *Produto técnico-tecnológico*, PPGLe – Uemasul. Imperatriz: Uemasul, 2022.

MENDES, G. M.; CASTRO, M. C. D. de. Análise morfológica e motivação dos orônimos de Tasso Fragoso-MA. *Signótica*, v. 34, 2022.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

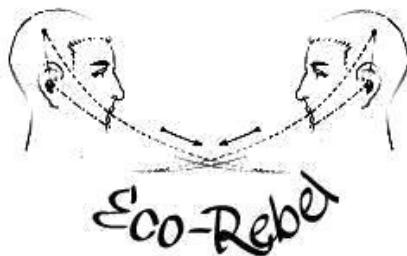
SAPIR, E. Língua e ambiente. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SANTOS, M. M. dos. Toponímia e interdisciplinaridade: uma proposta de estudo do léxico para turmas do 6º ano do ensino fundamental. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Acre, 2019.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Paris: Payot, 1916.

Aceito em 15 de julho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.



## ECOLOGIA DE CONTATO DE LÍNGUAS À LUZ DA TEORIA ECOLÓGICA DE PRESSÕES EM DACAR

Djiby Mane (UnB)

**Abstract:** As a linguistic mosaic, Senegal is an example of complex linguistic ecologies. In Senegalese territory, there are languages of different status, with a super-central language (French, the official language), central languages used in the media and in bilingual education, and peripheral languages used only in contexts of intra-ethnic interaction. As for the central languages, only Wolof seems to be widely spoken nationwide, especially in the large cities (Dakar, for example), to the detriment of the others. Using a qualitative methodology with the application of a questionnaire via Google Forms and in compliance with the language ecology theory of Couto (2007) and Calvet (1987, 2004, 2005, 2021) and the pressure ecology theory of Terborg, Velazquez & Trujillo (2021) and Trujillo Tamez & Terborg (2009), the present study analyzes the pressures of Wolof on minority languages in Dakar, the administrative and economic capital of Senegal. It is concluded that, despite being threatened by Wolof in Dakar, minority languages remain vital in their natural niches – in the interior of the country –, where they are characterized by the P-T-L tripod, that is, a population living in their territory and interacting through their own language.

**Key-words:** Complex linguistic ecology; Pressions ecology theory; Super-central language; Peripheral languages; Senegal; Wolof.

**Resumo:** Por ser um mosaico linguístico, Senegal é um exemplo de ecologias linguísticas complexas. No território senegalês têm-se línguas de diferentes *status*, sendo uma língua supercentral (francês, língua oficial), as línguas centrais utilizadas na mídia e na educação bilíngue e as línguas periféricas utilizadas apenas em contextos de interação intraétnica. No tocante às línguas centrais, apenas o wolof parece ser de difusão nacional, sobretudo, nas grandes cidades (Dacar, por exemplo), em detrimento das demais. Fazendo uso de metodologia qualitativa com aplicação de questionário via *Google Forms* e em observância à teoria da ecologia das línguas de Couto (2007) e Calvet (1987, 2004, 2005, 2021) e à *teoría de ecología de presiones* de Terborg, Velazquez & Trujillo (2021) e Trujillo Tamez & Terborg (2009), o presente estudo analisou as pressões do wolof sobre as línguas minoritárias em Dacar, capital administrativa e econômica do Senegal. Concluiu-

se que, apesar ameaçadas pelo wolof em Dacar, as línguas minoritárias continuam vitais em seus nichos naturais – no interior do país –, onde são caracterizadas pelo tripé P-T-L, ou seja, população morando em seu território e interagindo por meio de uma linguagem própria.

**Palavras-chave:** Ecologias linguísticas complexas; Teoria de ecologia de pressões. Línguas centrais; Línguas periféricas; Senegal; Wolof.

### 1. Considerações iniciais

Dacar, capital do Senegal, assim como grande parte das cidades africanas, possui um mosaico linguístico, com línguas de diversos *status*, sendo uma língua oficial (servindo de instrumento de comunicação dentro e fora dos limites territoriais e socioculturais da sua comunidade de origem) e as demais, entre as quais, as línguas nacionais (veiculares usadas na alfabetização e educação bilíngue) e as línguas vernáculas (faladas no seio familiar). Tais línguas referem-se, conforme o modelo gravitacional de Calvet (2016), às línguas supercentrais (francês, árabe), centrais (wolof, serer, fula, mandinga, diola) e periféricas, em geral, consideradas minoritárias.

A urbanização desenfreada em Dacar, aliada à falta de investimento estatal nas demais regiões, têm levado as pessoas a migrarem para essa capital, provocando o contato de povos diferentes com suas respectivas línguas e culturas (SENEGAL, 2022).

Capital política, econômica, administrativa e cultural do Senegal desde a independência do país em 1960, Dacar concentra 80% das empresas industriais e comerciais e, aproximadamente, um quarto da população total do país, ou seja, um total de 4.042.225 habitantes (SENEGAL, 2022).

Diante dessa situação de contato de línguas em centros urbanos como Dacar, algumas línguas como, por exemplo, o wolof, são mais utilizadas em relação às demais, o que acaba gerando um problema na escolha da língua de interação, sobretudo, em famílias exogâmicas. Tal situação competitiva leva uma língua a ser um lobo para as demais. Assim, em suas famílias, muitos falantes nativos de certas línguas minoritárias só falam wolof e/ou francês com seus filhos em detrimento de suas línguas maternas.

Urge ressaltar que o futuro de uma língua depende muito do valor que seus falantes em geral e, em particular, os mais jovens, lhe atribuem. Assim sendo, é importante refletir sobre os perigos que as línguas minoritárias correm. O presente estudo tem por objetivo analisar as pressões que sofrem as línguas minoritárias em Dacar, em relação ao wolof, falado local, regional, nacional e transnacionalmente.

Para a realização da empreitada, fez-se uso da metodologia qualitativa com a aplicação de questionário via *Google Forms*, tendo como partícipes famílias senegalesas morando em Dacar. No tocante à fundamentação teórica, foram de fundamental importância os autores Couto (2007), Calvet (1987, 2004, 2005, 2021), Terborg, Velazquez & Trujillo (2021), Trujillo Tamez & Terborg (2009) e Kremnitz (1981).

No que segue, busco abordar, além das considerações iniciais e finais, a ecologia das línguas, o ecossistema linguístico do Senegal, a metodologia da pesquisa e a análise dos dados coletados via questionário.

## 2. Bases teóricas

### 2.1. Ecologias de Línguas

Por se tratar de analisar as pressões que sofrem as línguas minoritárias em Dacar, urge entender a ecologia de línguas<sup>1</sup> nessa região norte do Senegal.

Formada por pessoas oriundas das diferentes regiões do país, Dacar constitui uma ecologia linguística complexa, que se refere, por um lado, ao bilinguismo e multilinguismo e, por outro lado, à língua padrão, dialetos e linguagens especiais (COUTO, 2007).

O bi/multilinguismo – também chamado de ecologia linguística complexa<sup>2</sup> ou glotodiversidade – no mundo significa que as línguas estão em contato constante. O contato de línguas é um fenômeno que pode ser encontrado em uma região ou em um país, ou mesmo entre indivíduos que vivem em um ambiente bi- ou multilíngue. Assim, nenhum país do mundo, nenhuma comunidade possui homogeneidade linguística. Pelo contrário, dada a multiplicidade de línguas, o multilinguismo é a norma. Mesmo os ambientes aparentemente monolíngues estão sujeitos às variações dialetais ou socioletais.

O contato de línguas nunca se dá entre sistemas linguísticos abstratos e desencarnados. Na realidade, são falantes de línguas diferentes com suas respectivas línguas que, através das suas competências bilíngues ou multilíngues, das suas práticas e das suas interações (sociais e

---

<sup>1</sup> Diz respeito “[...] às migrações de populações, provocando contato de povos e respectivas línguas mutuamente inteligíveis” (COUTO, 2007, p. 281).

<sup>2</sup> “Um domínio político (*polity*), um estado, que delimita determinado espaço (no qual convivem diversas línguas) como sendo o seu território” (COUTO, 2007, p. 281).

linguísticas), são os “lugares” e os atores do contato linguístico, ou seja, o contato de línguas ocorre somente entre indivíduos em situação de interação.

As ecologias linguísticas complexas, caracterizadas pela convivência de várias línguas de *status* diferentes em um mesmo território, geram pressões entre as línguas, resultando em um fenômeno de expansão de algumas e ameaça de extinção de outras. Diante das situações de pressões, o destino de todas as línguas, sejam elas oficiais/supercentrais, veiculares/centrais ou de menor difusão (vernáculos/periféricas), depende de um certo número de fatores, incluindo as necessidades linguísticas das populações para o seu desenvolvimento e as funções sociais, econômicas, culturais e geográficas desempenhadas por essas línguas.

### 2.2. Fatores de contato e expansão de línguas

Existem vários fatores de expansão das línguas, resultantes do contato de povos diferentes com suas respectivas línguas e culturas em um determinado território, situação em que Calvet (1987) identifica seis fatores, quais sejam: 1) geográfico; 2) urbano; 3) econômico; 4) religioso; 5) militar; 6) político. No presente estudo dedica-se especial atenção aos fatores geográfico, demográfico e econômico.

#### 2.2.1. O fator geográfico

O contato de línguas pode ter causas geográficas. Por exemplo, nas fronteiras de duas comunidades linguísticas, os indivíduos podem ser obrigados a deslocar-se e utilizar a sua língua materna, por vezes, a da comunidade vizinha.

A cidade é um lugar de mistura de línguas onde surgiria uma língua *ad hoc*, respondendo a uma necessidade veicular, ou a língua local dominante, no intuito de satisfazer a interação interétnica, como aponta Calvet (2021, p. 343):

[...] o papel unificador da cidade que funciona como uma bomba sugando o multilinguismo e cuspidando o monolinguismo. E, a nível nacional, é na maioria das vezes a capital que unifica o país em torno da sua língua ou da sua forma linguística regional<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> No original francês: "Ce qui frappe le plus dans l'ensemble de ces études est qu'elles font apparaître le rôle

A cidade é, por excelência, uma ecologia de contato de línguas que tende a desempenhar um papel unificador, isto é, o papel de homogeneizar as línguas. Em situações de ecologias linguísticas complexas, em geral, surge uma língua de uso interétnico. Por exemplo, em Dacar, o Wolof é uma língua franca, utilizada nas interações entre as populações, mas é também a língua franca em nível.

Estruturalmente, a cidade se opõe à aldeia, uma vez que aquela representa uma forma elementar e primária de um espaço social estruturado. Do ponto de vista linguístico, tem-se uma tendência a um desequilíbrio entre a cidade (multilinguismo/ecologia linguística complexa) e a aldeia (monolinguismo/ecologia linguística simples).

É importante ressaltar que a oposição cidade *versus* vilarejo não pode ser resumida à dicotomia multilinguismo e monolinguismo, uma vez que em muitas cidades pequenas coexistem duas ou mais línguas devido ao seu caráter bi/pluriétnico. Além disso, os vilarejos são geralmente porosos à circulação de populações vizinhas, podendo, assim, compreender e até falar línguas diferentes das suas. Logo, tanto a cidade como o vilarejo podem ser exemplos de ecologias linguísticas complexas.

### 2.2.2. O fator demográfico

Nas variáveis referentes ao fator demográfico, o número de falantes de uma língua constitui um fator determinante no poder dessa língua. Além disso, a capacidade de absorção de forças migratórias e a distribuição das línguas no espaço são aspectos de fundamental importância.

Dacar é uma região wolófona, ou seja, nele predomina o uso do wolof, falado por mais de 80% da população senegalesa. É a cidade mais populosa do país, com aproximadamente um quarto da população do país, perfazendo um total de 4.042.225 habitantes (SENEGAL, 2022). Tal densidade populacional se deve à migração de indivíduos de diferentes origens, principal motivo da coexistência de várias línguas na cidade, pois, para lá transportam suas línguas, acarretando um espaço urbano caracterizado pela pluralidade linguística e populacional.

---

*unificateur de la ville qui fonctionne comme une pompe aspirant du plurilinguisme et recrachant du monolinguisme. Et, à l'échelon national, c'est le plus souvent la capitale qui unifie le pays autour de sa langue ou de sa forme linguistique régionale"* (CALVET, 2021, p. 343).

### 2.2.3. O fator econômico

A população de Dacar tem aumentado constantemente pela chegada de habitantes de todas as regiões do Senegal, pelas ondas de migração e pelas políticas geográficas do país (CALVET, 2021).

[..] as cidades aumentaram em número e em população, e continuarão a aumentar, segundo as previsões, sobretudo nas zonas mais ricas em línguas (na África, na Ásia), que constituem locais de contato e de conflitos: atraem pessoas rurais ou provincianas que vêm para ganhar a vida e muitas vezes perdem suas línguas ao longo de algumas gerações<sup>4</sup> (CALVET, 2021, p. 342).

Sem dúvida, a cidade é um espaço de convivência e hierarquia social e espacial de populações e locais de contato de línguas e variedades linguísticas. Assim, devido à sua função política e econômica, Dacar, como a maioria das grandes cidades do mundo, funciona como polo de atração de migrantes em busca de melhor situação de vida.

Em Dacar, uma região wolófona do Senegal, houve uma mudança na ecologia das línguas com a chegada de fluxo migratório, quer a trabalho para os funcionários estatais, quer à procura de emprego, acarretando o contato com as populações das diversas regiões do país com suas respectivas línguas.

Das 14 regiões administrativas do Senegal, Dacar representa 46% da atividade econômica do país. Tal cenário tem mudado com a chegada do atual governo eleito em março de 2024, ao criar oito polos econômicos, no intuito de não somente diminuir e evitar os fluxos migratórios para Dacar, mas também de gerenciar e explorar os recursos e as potencialidades de cada polo.

### 2.3. Modelo ou teoria da ecologia de pressão

Em Dacar, diversas línguas vernáculas sobrevivem ao lado das principais línguas de comunicação (wolof e francês). Tal pluralidade linguística se dá pela riqueza linguístico-cultural

---

<sup>4</sup> No original francês: “Depuis lors, les villes ont augmenté en nombre et en population, et continuerons d’augmenter, selon les prévisions, en particulier dans les zones les plus riches en langues (en Afrique, en Asie), qui constituent donc des lieux de contacts et de conflits: elles attirent des ruraux ou des provinciaux qui viennent à la fois y gagner leur vie et souvent y perdre en quelques générations leurs langues” (CALVET, 2021, p. 342).

## ECO-REBEL

do Senegal, pela única condição de as populações minoritárias utilizarem, além da sua língua materna, o Wolof em quase todo o território nacional.

Em uma situação de ecologias linguísticas complexas, como Dacar, as línguas competem entre si, acarretando as pressões de uma língua política, econômica, social e geograficamente majoritária sobre as línguas consideradas minoritárias. Sobre a questão, Terborg, Velázquez & Trujillo (2021, p. 30) asseveram:

O contato de línguas cria relações heterogêneas e conflitos entre falantes de línguas conhecidas como majoritárias e de prestígio *versus* línguas minoritárias e ameaçadas. Fenômenos desvantajosos para os falantes são percebidos na língua e ao mesmo tempo provêm da língua, pois podem impactar fenômenos desvantajosos, o que faz com que eles aumentem. Desta forma, os fenômenos desvantajosos e o enfraquecimento da linguagem formam um círculo vicioso numa ecologia como um sistema complexo<sup>5</sup>.

A dicotomia línguas majoritárias-línguas minoritárias é uma relação de poder entre pessoas (P) em situação de contato com suas respectivas línguas (L) em um território (T). Tal fenômeno é perceptível em grandes cidades de muitos países da África, onde, pela falta de investimento de alguns governos no interior, as capitais acabam se tornando ponto de atração em detrimento das pequenas cidades, favorecendo o contato de povos advindos das mais diferentes regiões. Com o tempo, as línguas minoritárias acabam sendo engolidas pelas majoritárias devido às pressões, como, por exemplo, em Dacar, onde todos se identificam como wolof, língua dominante na cidade.

As pressões mostram-se como um dos resultados do contato de línguas, que se caracteriza pela competição revelada ou não de duas ou mais línguas em um mesmo território. São algo atualmente perceptível no continente africano, onde um grande número de línguas que, no entanto, resistiram à colonização, se encontram ameaçadas por certas línguas africanas (majoritárias), como, por exemplo, o wolof do Senegal, falado nacional e transnacionalmente. A esse respeito,

---

<sup>5</sup> No original francês: “*El contacto de lenguas crea relaciones heterogéneas y conflictos entre los hablantes de lenguas denominadas como mayoritarias y de prestigio contra minoritarias y amenazadas. Los fenómenos en desventaja para los hablantes se perciben en la lengua y al mismo tiempo viene de la lengua, ya que pueden repercutir en fenómenos poco ventajosos, lo que causa que estos se incrementen. De esta forma los fenómenos desventajosos y el debilitamiento de la lengua forman un círculo vicioso en una ecología como sistema complejo*” (TERBPRG; VELÁZQUEZ; TRUJILLO, 2021, p. 30).

## ECO-REBEL

Calvet (2004, p. 288) afirma que “[...] a cidade, e em particular a capital, é uma grande devoradora de línguas, atrai pessoas rurais ou provincianas que vêm tanto para ganhar a vida quanto para perder suas línguas em algumas gerações”<sup>6</sup>.

O wolof é tão “perigoso” para as línguas “minoritárias” como o inglês (hipercentral) ou o francês (supercentral), porque não é considerada uma “língua estrangeira” e tem o prestígio das grandes línguas africanas, encontradas, em geral, nas grandes cidades.

Quando povos diferentes com suas respectivas línguas entram em contato em um determinado espaço geográfico, os grupos minoritários acabam sofrendo pressões do(s) grupo(s) majoritário(s).

Para analisar as pressões linguísticas, Trujillo Tamez & Terborg (2009, p. 128) criaram o modelo da ecologia de pressão, que “[... nos permite explicar como as línguas podem estar numa relação equilibrada (manutenção da língua) ou desequilibrada (deslocamento)”<sup>7</sup>.

Em situações de ecologia de contato de línguas, tem-se uma competição entre as línguas, em que de cada uma tenta se impor. Em tal ação, a relação de desequilíbrio se dá quando os falantes mantêm suas línguas maternas, ao passo que a relação desequilibrada ocorre quando alguns falantes abandonam suas línguas em favor da língua dominante política, econômica, cultural, social e geograficamente.

O modelo da ecologia de pressão (TERBORG, 2006) se assemelha à “guerra de línguas” (CALVET, 1981), pois, ambas expressões constituem uma metáfora conveniente, porque as próprias línguas não podem fazer a guerra nem as pressões. Nesse caso têm-se falantes de línguas diferentes que competem entre si, gerando relações conflitantes através das relações entre as suas línguas.

De acordo com Kremnitz (1981, p. 65-66):

Há um conflito linguístico quando duas línguas claramente diferenciadas se chocam, uma como politicamente dominante (emprego oficial, emprego público) e outra como politicamente dominada. As formas de dominação

---

<sup>6</sup> Do original: “[...] *la ville, et en particulier la capitale, est une grande dévoreuse de langues, elle attire des ruraux ou des provinciaux qui viennent à la fois y gagner leur vie et y perdre en quelques générations leurs langues*” (CALVET, 2004, p. 288).

<sup>7</sup> No original francês: “[...] *permite explicar cómo las lenguas pueden estar en una relación equilibrada (mantenimiento de la lengua) o desequilibrada (desplazamiento) [...]*” (Trujillo Tamez; Terborg, 2009, p. 128).

## ECO-REBEL

vão desde aquelas que são claramente repressivas [...] até aquelas que são politicamente tolerantes e cuja força repressiva é essencialmente ideológica [...].<sup>8</sup>

De fato, em situação de conflito linguístico, as línguas surgem como símbolos de dominação política, econômica, social e cultural. Assim, tanto a “guerra das línguas” quanto a “ecologia das pressões” ilustram a questão do conflito linguístico.

### 3. Contexto metodológico do estudo

A metodologia aqui adotada é de cunho qualitativo que, segundo Creswell (2010, p. 26), “[...] é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. Assim, a pesquisa qualitativa é constituída por práticas de linguagem, discursos em várias línguas, tipos e vários gêneros, orais e escritos (ordinário, profissional, literários etc.).

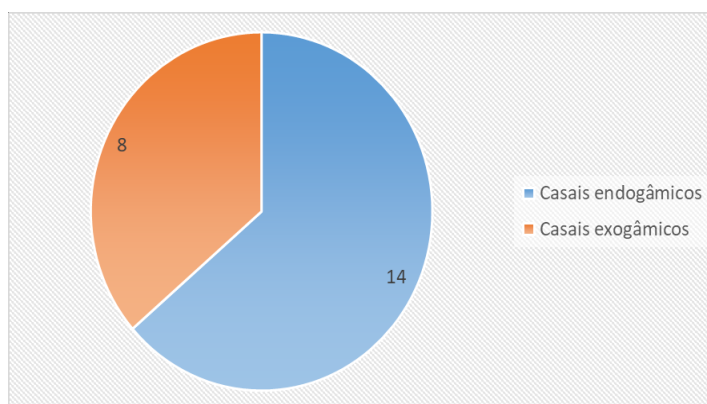
O estudo foi realizado na cidade de Dacar – capital administrativa e econômica do Senegal. É a cidade mais importante do país em nível político, econômico e comercial, constituindo, por isso, o principal receptáculo da migração das populações, onde se encontram todos os representantes dos diferentes grupos étnicos do país.

Foram escolhidas famílias residentes em Dacar, quer tenham aí nascido, quer para tenham migrado e constituído família, sendo identificados dois tipos de casais, a saber: 1) endogâmico (quando os cônjuges são da mesma etnia) e 2) exogâmico (quando os cônjuges são de diferentes etnias), conforme evidencia o gráfico 1, a seguir.

---

<sup>8</sup> No original francês: “*Il y a conflit linguistique quand deux langues clairement différenciées s'affrontent, l'une comme politiquement dominante (emploi officiel, emploi public) et l'autre comme politiquement dominée. Les formes de la domination vont de celles qui sont clairement répressives [...] jusqu'à celles qui sont tolérantes sur le plan politique et dont la force répressive est essentiellement idéologique [...]*” (KREMnitz, 1981, p. 65-66).

Gráfico 1 – Casais pesquisados



Fonte: elaboração própria.

Foram entrevistadas 22 famílias em diferentes grupos étnicos senegaleses morando em Dacar, compostas por 14 casais endogâmicos e quatro exogâmicos para a observação de práticas linguísticas. Tais casais pertencem a nove grupos étnicos, quais sejam: 1) balanta; 2) bambara; 3) diola; 4) fula; 5) mandinga; 6) manjaco; 7) serer; 8) soninké; 9) wolof.

A pesquisa se deu de modo *online*, em forma de autoavaliação, entre setembro e outubro de 2024, fazendo uso de questionário contendo nove questões, abordando as dimensões social, linguística, interativa, contextual e avaliativa. Todas as questões foram fechadas, para facilitar a participação na pesquisa e na análise dos dados. O questionário foi aplicado via Google Forms.

#### 4. Resultados e discussão

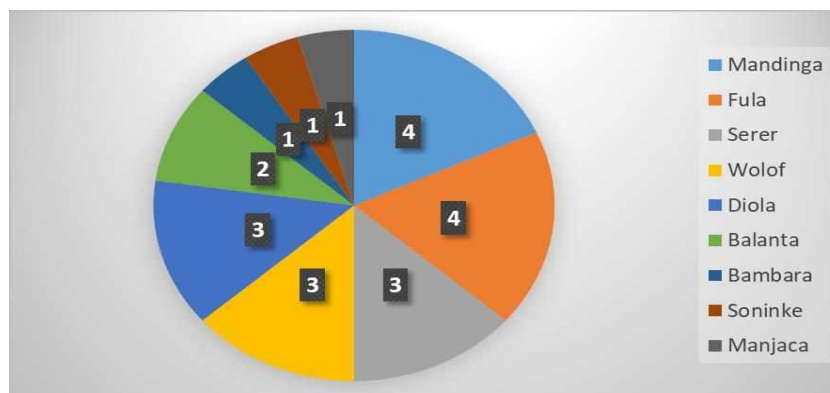
A seguir, têm-se os dados obtidos via questionário contendo nove perguntas aplicado a 22 famílias senegalesas que vivem em Dacar, capital do Senegal. Trata-se da apresentação dos resultados da pesquisa bem como da discussão deles.

##### 4.1. Resultados

Na pergunta 1 (Qual a sua etnia?), das 22 famílias, quatro famílias se declararam mandinga e fula; três famílias se declararam serer, wolof e diola; duas famílias se declararam balanta; uma família cada se declarou bamabra, soninké e manjaca, como atesta o gráfico 2, a seguir.

## ECO-REBEL

Gráfico 2 – Grupos étnicos das famílias pesquisadas

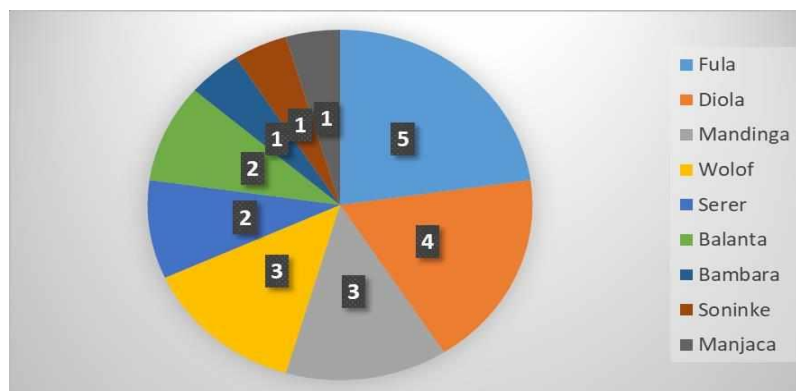


Fonte: elaboração própria.

A maior percentagem de mandingas e fulas se deve ao fato de serem grupos étnicos conservadores, que preferem casamentos endogâmicos.

Em relação à pergunta 2 (Qual a etnia do seu cônjuge?), o gráfico 3, a seguir, aponta que cinco casais afirmaram a condição fula; quatro casais afirmaram a condição diola; três casais afirmaram as condições mandinga e wolof; dois casais afirmaram as condições serer e balanta; um casal cada afirmou as condições bambara, soninké e manjaca.

Gráfico 3 – Etnia do cônjuge

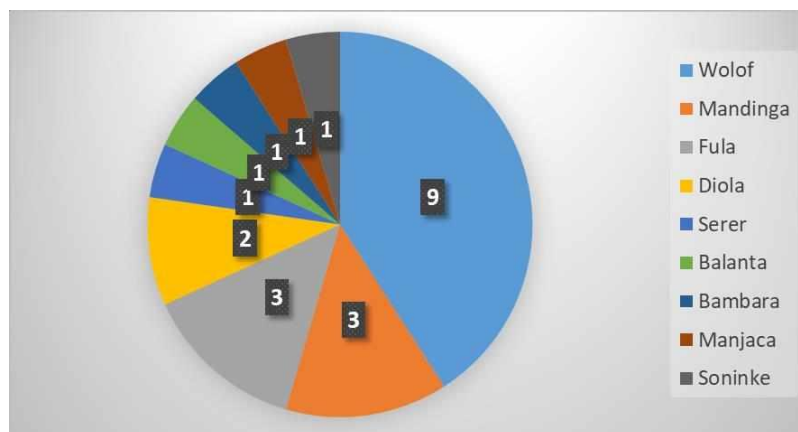


Fonte: elaboração própria.

A pergunta 2 possibilitou perceber os tipos de casais supracitados, sendo fula, diola, mandinga e balanta, presentes entre os casais endogâmicos em relação aos demais grupos étnicos.

Na pergunta 3 (Que língua(s) vocês falam em família?), os dados no gráfico 4, a seguir, evidenciam que os casais endogâmicos não falam necessariamente suas línguas maternas em casa.

Gráfico 4 – Língua falada em família



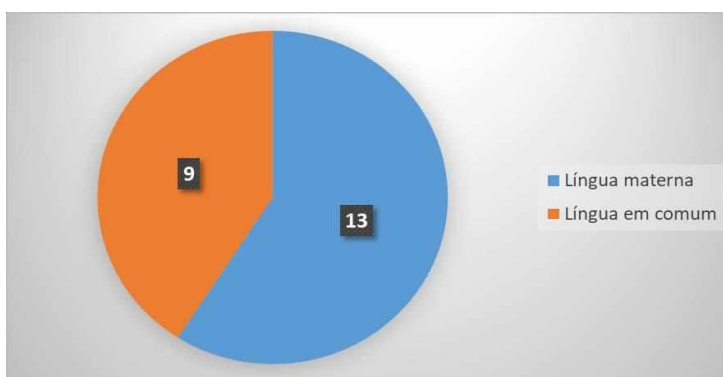
Fonte: elaboração própria.

Dessas famílias, nove falam wolof em casa, três falam mandinga e fula, duas falam diola, e uma família cada fala balanta, bambara, manjaco e Soninké.

Por ser o Wolof uma língua franca, as demais línguas acabam tendo dificuldades para se estabelecerem na comunicação social, sobretudo, em Dacar, o que caracteriza um problema geral da gestão linguística nas áreas urbanas. N capital, especialmente a maioria etnolinguística apresenta alguma tendência a abandonar a sua língua materna em favor do wolof (língua veicular), tendência em casais exogâmicos.

Para justificar sua motivação sobre a língua falada em casa, tem-se a pergunta 4 (Quais os motivos que o levam a tal escolha?), onde o gráfico 5, a seguir, evidencia que 13 casais afirmaram que é a sua língua materna e nove casais afirmaram que é a única língua que eles têm em comum.

Gráfico 5 – Motivos sobre a escolha da língua falada em família



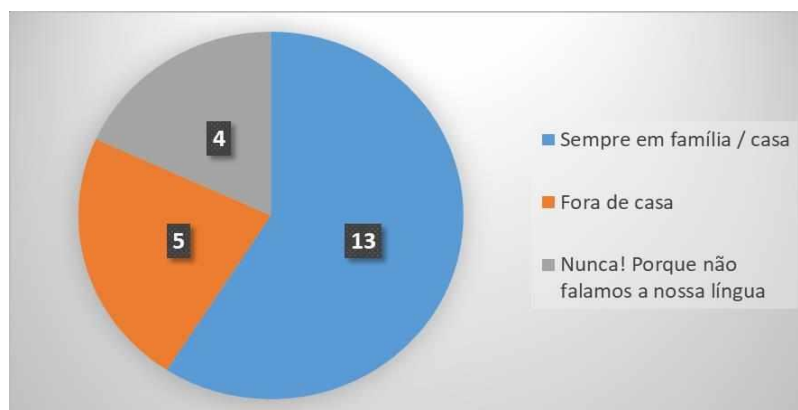
Fonte: elaboração própria.

## ECO-REBEL

Para casais endogâmicos, por exemplo, as pessoas preferem falar a sua língua materna em casa, no intuito de preservá-la, como é o caso das línguas wolof, fula, diola e balanta. Mesmo assim, eles acabam fazendo uso do wolof. Quanto aos casais exogâmicos, eles recorrem mais ao wolof para se comunicar. Assim, as respostas à pergunta 4 evidenciam a manutenção da comunicação em wolof em grande parte das famílias.

Em resposta à pergunta 5 (Quando você fala sua língua materna?), o gráfico 6, a seguir, evidencia que 13 casais afirmaram falar sua língua materna em casa por serem endogâmicos; cinco casais fazem uso da língua materna fora de casa, como, por exemplo, em encontros com familiares; e, quatro casais afirmaram nunca fazer uso da língua materna em casa por serem casais exogâmicos ou por não falarem a mesma língua (os casais exogâmicos tendem a falar wolof por ser a língua veicular na capital).

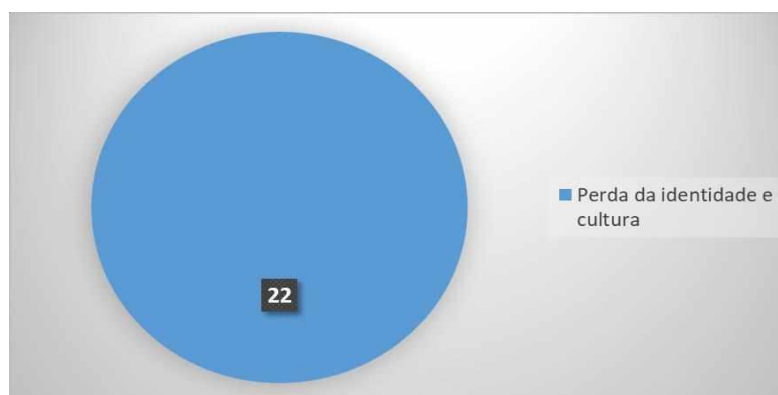
Gráfico 6 – Frequência no uso da língua materna



Fonte: elaboração própria.

Para a pergunta 6 (O que você acha que perde por não falar sua língua materna?), tanto os casais endogâmicos quanto os exogâmicos ressaltaram, conforme o gráfico 7, a seguir, trataram da importância de se falar a língua materna, enfatizando a relação língua-cultura, uma vez que a perda de uma língua implica a perda da cultura, isto é, da identidade.

Gráfico 7 – Preservar a materna

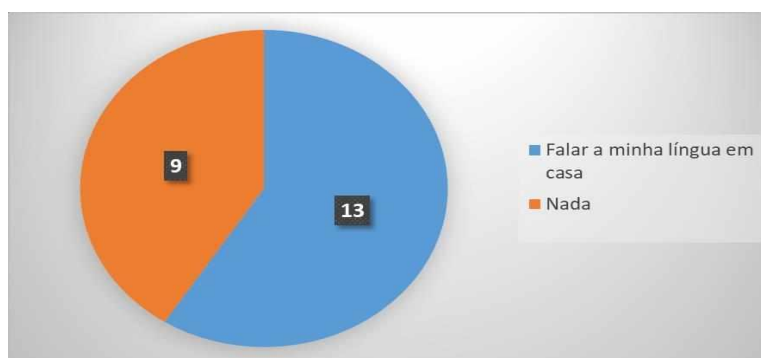


Fonte: elaboração própria.

Ante o exposto, tal perda é nítida para os casais exogâmicos, que acabam optando por falar uma língua que não é a sua, prejudicando a sua e preservando a outra (no caso, em geral, o wolof). Quem não fala sua língua, corre o risco de perdê-la, bem como a cultura envolvida.

Na pergunta 7 (O que você está fazendo para que sua família fale sua língua materna?), o gráfico 8, a seguir, evidencia que 13 casais afirmaram falar sua língua materna em casa, ao passo que nove casais afirmaram que não estão fazendo nada a respeito, ou seja, não falam a sua língua materna.

Gráfico 8 – Solução para falar sua língua materna



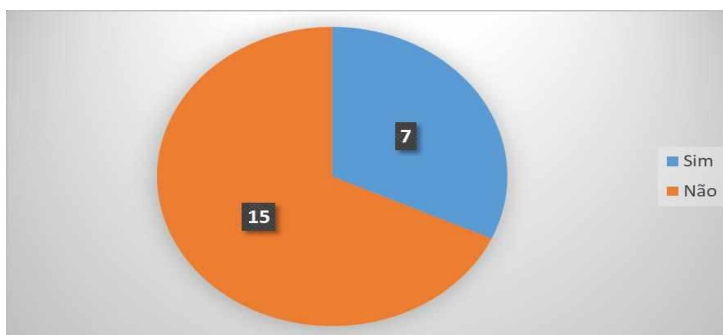
Fonte: elaboração própria.

Ante o exposto, os 13 casais endogâmicos supracitados afirmaram falar a sua língua materna em família, para mantê-la viva. Já os nove casais exogâmicos afirmaram não falar a língua materna pela falta de domínio da mesma ou por não a ter em comum.

## ECO-REBEL

No tocante à pergunta 8 (Você está ciente do desaparecimento da sua língua materna?), o gráfico 9, a seguir, atesta que sete casais afirmaram ter consciência da possível extinção de sua língua materna, uma vez que não a falam, ao passo que 15 casais se manifestaram pela impossibilidade do desaparecimento da língua materna, uma vez que fazem uso dela em casa.

Gráfico 9 – Consciência sobre a possível extinção da língua materna



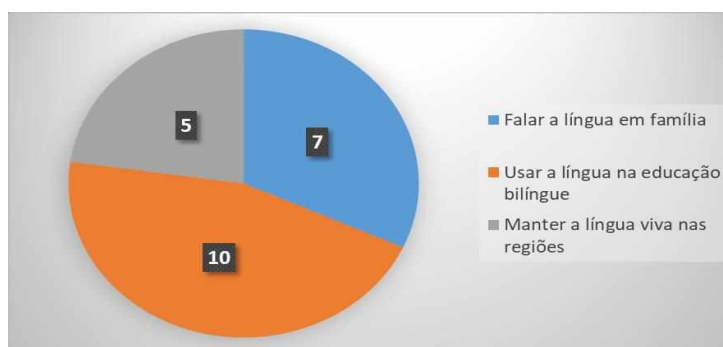
*Fonte: elaboração própria.*

Ante o exposto, para aqueles que falam sua língua materna em casa e a ensinam aos seus filhos, apesar da morte de uma língua ser um fenômeno natural, sua língua não corre risco de morte, ou seja, independentemente de sua vitalidade, assim como os seres humanos, toda língua está sujeita à morte.

Uma vez que grande parte dos partícipes da pesquisa manifestou preocupação com a extinção das línguas nas perguntas anteriores, na pergunta 9 (Que soluções recomenda para salvaguardar a sua língua materna?), o gráfico 10, a seguir, evidencia que sete casais afirmaram que a solução para proteger suas línguas é falá-la em família; 10 casais afirmaram que ela precisa ser utilizada na educação bilíngue; três casais se manifestaram pela manutenção dessas línguas nas regiões onde são faladas, isto é, melhor observância dos nichos ecolinguísticos fora de Dacar, que se caracterizam pelo tripé PTL (povo, território e língua).

## ECO-REBEL

Gráfico 10 – Solução para salvaguardar a língua materna



Fonte: elaboração própria.

### 4.2. Discussão

Historicamente e, ainda hoje, em algumas cidades senegalesas, dentro de cada grupo étnico ou de cada família, a pertença a uma determinada comunidade tem por base a língua vernácula, que cumpre os objetivos de integração e reconhecimento da identidade comunitária. Em tempos passados, as línguas veiculares ou francas somente eram utilizadas em contextos extrafamiliares, ou seja, quando o indivíduo já não lograva interagir em sua língua materna e/ou na língua do outro.

Devido à migração de indivíduos para os grandes centros urbanos, como, por exemplo, Dacar, tem-se a mudança na realidade, uma vez que as línguas vernáculas já não aparecem sempre na vanguarda das línguas maternas. As crianças urbanas estão cada vez mais adquirindo o wolof como sua primeira língua. Elas não têm mais a língua dos pais como primeira língua, mesmo quando o casal é endogâmico.

O wolof geralmente é reservado para certos domínios de predileção, aqueles relacionados ao poder: administração, escola (educação bilíngue), comércio, política e nas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICS). As demais línguas (minoritárias) são geralmente destinadas às comunicações individuais, na família. Elas podem até ser legalmente reconhecidas com certos privilégios como línguas nacionais ao lado do wolof, como, por exemplo, eiola, fula, mandinga e serer, utilizadas na educação bilíngue, mas essa igualdade não é traduzida na prática.

Utilizado como instrumento de poder, o wolof impõe a unificação linguística em Dacar, assim como em todo o território nacional senegalês. Tal política sempre correspondeu a um sentimento de superioridade dos falantes do wolof em relação às demais línguas, como atesta a

expressão “*lak kat la*” (é falante de outra língua), utilizada para se referir àquele que fala wolof com sotaque.

Diante de uma situação de ecologias linguísticas complexas (multilinguismo), como é o caso no Senegal, as línguas competem no mesmo espaço geográfico para chegar o mais próximo possível das ecologias linguísticas simples (unilinguismo).

Em Dacar, a língua dominante (wolof) tende a tornar-se única por ocupar todo o espaço, tanto na função de comunicação interpessoal como nas funções de identificação, promoção social e unidade nacional. Tal supremacia deve-se à “balança do poder” funcionar a seu favor por ser uma das principais línguas nacionais do Senegal.

Terborg, Velázquez & Trujillo (2021, p. 155) afirmam: “De acordo com a teoria da ecologia da pressão, quem detém o poder está em condições de exercer maior pressão. E esse poder é mais exercido em igreja, clínica, reunião comunitária e loja”<sup>9</sup>.

A presença do wolof se faz sentir em situações que detêm o poder como, por exemplo, nas mesquitas, nos hospitais (onde os médicos se dirigem aos pacientes em wolof), nas feiras, nos comércios onde a maioria dos comerciantes é falante de wolof ou o usam como língua comercial.

De acordo com as respostas obtidas na pergunta 3, muitas famílias se esforçam por transmitir o wolof dentro da família em detrimento de suas línguas maternas. Ao lado da língua wolof, as línguas fula e mandinga também são transmitidas pelos pais aos filhos em Dacar.

A cidade é, em essência, o lugar onde muitas pessoas entram em contato, com o que sua inter-relação levará a uma homogeneização das línguas utilizadas. Com a sua urbanização, o multilinguismo em Dacar está se tornando um monolinguismo, mesmo que artificial, uma vez que o wolof continua sendo a língua da interação inter e intraétnico.

A esse respeito, Calvet (2005, p. 25) afirma:

Depois da urbanização, a cidade se torna um lugar de unificação linguística. Mas também uma tendência de os falantes de línguas minoritárias cederem à pressão das línguas dominantes e deixarem de transmitir aos seus filhos línguas que consideram inúteis, especialmente nas cidades<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Do original: “*De acuerdo con la Teoría de Ecología de Presiones, quien ostenta el poder está en condiciones de ejercer mayor presión: • Iglesia, Clínica, Reunión comunitaria y Tienda*” (Terborg; Velázquez; Trujillo, 2021, p. 155).

<sup>10</sup> No original francês: “*L’urbanisation ensuite, la ville étant un lieu d’unification linguistique. Mais aussi une tendance des locuteurs de langues minoritaires à céder face à la pression des langues dominantes et à ne plus transmettre à leurs enfants des langues qu’ils estiment inutiles, surtout dans les villes*” (CALVET, 2005, p. 25).

## ECO-REBEL

A preferência pelo uso do wolof em Dacar se deve ao fato de os falantes das demais línguas acabarem sofrendo uma pressão ligada à pressão socioeconômica de uma comunidade linguística dominante (wolof). Além disso, outras situações, como, por exemplo, os casamentos exogâmicos, desempenham papel importante no uso do wolof na família. Além disso, os casais endogâmicos que não residem em seu ambiente cultural tendem a adotar o wolof.

Em ecologias linguísticas complexas em grandes localidades como, por exemplo, Dacar, as línguas exercem pressões procurando se impor, isto é, cada uma tentando suplantar sua rival e inferiorizá-la. Se esta resistir, resulta em pressões porque é uma questão de vida ou morte. Por outro lado, se as línguas envolvidas em situação de contato reivindicarem um território exclusivo, a paz linguística parece provável, como é o caso de muitas línguas com nichos ecolinguísticos em outras regiões do país (Futa, conhecida como um território fulófono; Pacao, um território mandingófono; e, Balantacunda, um território balanta, por exemplo), assim como em países vizinhos ao Senegal (Gâmbia, Guiné Bissau, Mali e Maurîtânia).

A língua materna pode estar ameaçada de extinção em Dacar, mas é importante ressaltar que grande parte das línguas senegalesas tem dois nichos: um nicho na capital, Dacar, que parece estar ameaçado, e outro nicho nas regiões, onde elas se mantêm em total vitalidade. Sobre a questão, Calvet (2005, p. 25) afirma:

Ou seja, estamos talvez a caminhar para a coexistência de dois tipos de nichos ecolinguísticos: por um lado, áreas multilíngues residuais na Melanésia e em áreas rurais africanas ou indianas e, por outro lado, cidades tendencialmente monolíngues que manifestam diferentes formas do que é hoje uma única língua<sup>11</sup>.

É importante ressaltar que as línguas minoritárias em Dacar têm seus principais nichos ecolinguísticos nas demais regiões e cidades do interior do Senegal, onde se caracterizam pelo tripé P (populações), L (línguas) e T (território). Assim, nas respostas à pergunta 9, os participantes da pesquisa ressaltaram que suas línguas maternas não correm o risco de morte, uma vez que possuem nichos ecolinguísticos próprios.

---

<sup>11</sup> No original francês: “*C’est-à-dire que nous allons peut-être vers la coexistence de deux types de niches écolinguistiques: d’une part, des zones plurilingues résiduelles en Mélanésie et aussi dans des zones rurales africaines ou indiennes et, d’autre part, des villes tendanciellement monolingues manifestant des formes différentes de ce qui est aujourd’hui une seule langue*” (Calvet, 2005, p. 25).

## 5. Considerações finais

A ecologia de contato de línguas em Dacar possibilitou identificar o comportamento linguístico das populações. Com efeito, um estudo realizado com 22 casais destacou as pressões do wolof sobre as demais línguas naquela localidade.

Atualmente, Dacar apresenta-se como um espaço urbano multilíngue e multiétnico por excelência, ou seja, muitas línguas vernáculas coexistem e são transmitidas, ao mesmo tempo que competem com outras línguas de intercompreensão e integração na cidade (no caso, wolof, fula, diola, mandinga, serer, balanta etc.).

Diante dessa situação do contato de línguas, muitas línguas minoritárias enfrentam um problema real de transmissão dentro das famílias em Dacar, devido às pressões do wolof. Nesse sentido, UNESCO (2008, p. 8) ressalta: “Nossa língua sai em lamentações porque seus próprios filhos a abandonaram, deixando-a sozinha com seu pesado fardo”<sup>12</sup>. Com efeito, o desejo de transmitir a língua vernácula como marca de identidade entra em conflito com as necessidades de comunicação cotidiana em um contexto multiétnico e com o desejo de integração na sociedade dominante.

O perigo que correm as línguas minoritárias não está ligado apenas ao número de seus falantes, mas também à situação de seu contato com o ambiente cultural agressivo da cidade, isto é, à pressão do wolof. Por ser a principal língua nacional, é importante ressaltar a vernacularização dessa língua em Dacar e sua veicularização no interior do Senegal (periferia). Assim, tem-se em Dacar o efeito fusional do Wolof, a língua de todos em uma comunidade urbana que se organiza em torno dos usos estabilizados desta língua.

A urbanização de cidades como Dacar é a força motriz da expansão do wolof como língua veicular. Sua utilização em qualquer cidade periférica faz sentido em referência à utilização no centro, Dacar e, por extensão, em todo território nacional.

Em Dacar, a apropriação vernácula do wolof parece ter resultado na estabilização de uma língua comum, em detrimento das línguas minoritárias. Segundo Calvet (1981, p. 93), “[...] é com essas pequenas negações que começam os grandes abandonos”<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Do original: “*Notre langue se répand en lamentations parce que ses propres enfants l’abandonnent, la laissant seule seule avec son lourd fardeau*” (UNESCO, 2008, p. 7).

<sup>13</sup> No original francês: “*C’est peut-être par/ces petits reniements quotidiens que commencent les grands/abandons*” (CALVET, 1981, p. 93).

## ECO-REBEL

Se a língua constitui um patrimônio, é preciso concordar em pagar o preço para protegê-la. Assim, tem-se por responsabilidade comum garantir que nenhuma língua morra contra a vontade da comunidade que a utiliza e que o maior número possível de línguas, independentemente de seu *status*, seja salvo e transmitido às gerações futuras.

Ante o exposto, a fim de evitar o desaparecimento das línguas minoritárias, o presente estudo propõe:

- A descrição sistemática de todas as línguas, o que requer um forte compromisso político por parte daqueles que estão no poder;
- A adoção de uma política explícita e mais responsável, visando garantir a promoção e proteção equitativa das 37 línguas presentes no território senegalês;
- A sensibilização das populações em geral e as minorias linguísticas em particular, para as questões da salvaguarda da glotodiversidade;
- O uso de todas as línguas descritas, isto é, línguas nacionais, na educação bilíngue, respeitando o tripé povo (P), território (T) e língua (L), muito nítido em muitas regiões do Senegal;
- A promoção de programas de transmissões de rádio e TV nas respectivas línguas, visando proporcionar oportunidades de expressão às respectivas comunidades em Dacar e nos nichos ecolinguísticos, bem como sensibilizar os jovens e as crianças para a necessidade de falar e compreender suas línguas maternas.

### Referências

CALVET, Louis-Jean. *Les langues véhiculaires*. Paris: Presses Universitaires de France, 1981.

\_\_\_\_\_. *La guerre des langues et les politiques linguistiques*. Paris: Payot, 1987.

\_\_\_\_\_. La diversité linguistique: enjeux pour la Francophonie. *Hermès: La Revue*, n. 40, p. 287-293, 2004. DOI: <https://doi.org/10.4267/2042/9561>

\_\_\_\_\_. Les voix de la ville revisitées. *Sociolinguistique urbaine ou linguistique de la ville?* Revue de l'Université de Moncton, v. 36, n. 1, p. 9-30, 2005. DOI: <https://doi.org/10.7202/011987ar>

\_\_\_\_\_. Contacts de langues et geopolitique des langues romanes. *Cadernos de Letras da UFF* Dossiê: Línguas e culturas em contato n° 53, p- 29-38 29, 2016.

\_\_\_\_\_. Ville. *Langage & Société*, p. 341-344, 2021.

<https://doi.org/10.3917/l.s.hs01.0342>

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KREMnitz, Georg. Du «bilinguisme» au «conflit linguistique». Cheminement de termes et de concepts. *Langages*, 15<sup>e</sup> année, n° 61, 1981. Bilinguisme et diglossie. pp. 63-74; doi: <https://doi.org/10.3406/lgge.1981.1868>.

SENEGAL. Ministère de L'économie, du Plan et de la Coopération. Agence Nationale de la Statistique et de la Démographie. *Annuaire de la Population du Sénégal: année 2022*. Dacar, abr. 2023. Disponível em:

[https://www.ansd.sn/sites/default/files/2023-04/ANNUAIRE%20POPULATION%202022\\_vf\\_DSdS.pdf](https://www.ansd.sn/sites/default/files/2023-04/ANNUAIRE%20POPULATION%202022_vf_DSdS.pdf)

TERBORG, Roland. La “ecología de presiones” en el desplazamiento de las lenguas indígenas por el español. presentación de un modelo. *Forum: Qualitative Social Research*, v. 7, n. 4, 2006.

<https://doi.org/10.17169/fqs-7.4.167>

TERBORG, Roland; VELÁZQUEZ, Virna; TRUJILLO, Isela (Coords.). *Presiones que obligan a los hablantes de lenguas originarias, indígenas y minorizadas a abandonar sus lenguas*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Escuela Nacional de Lenguas, Lingüística y Traducción, 2021.

TRUJILLO TAMEZ, Isela; TERBORG, Roland. Un análisis de las presiones que causan el desplazamiento o mantenimiento de una lengua indígena de México: el caso de la lengua mixe de

## ECO-REBEL

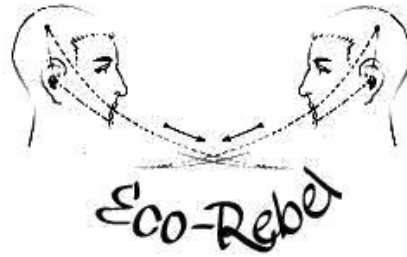
Oaxaca. *Cuadernos Interculturales*, Universidad de Playa Ancha, Viña del Mar, v. 7, n. 12, p. 127-140, 2009. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/552/55211259007.pdf>

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC, AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). *La Journée Internationale de la Langue Maternelle (JILM): rapport sur les activités des Etats membres en faveur de la diversité linguistique et du développement de l'éducation multilingue, 2000-2007*. Paris: UNESCO, 2008. 38.

Aceito em 17 de julho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.



## **ECOIDEOLOGIA: IDEOLOGIA DA VIDA COMO SUPRAIDEOLOGIA**

Ubirajara Moreira Fernandes (*Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista*)

**Abstract:** The objective of this article is to show that human beings are not the center of life on the face of the earth. Their ideologies of various types must be filtered through the ideology of life, called eco-ideology or bio-ideology. A large part of human ideologies has been the cause of devastation of life forms on the face of the earth, which may lead to the end of human life itself, as their lives are part of life in general. Therefore, for their own good, or for their own survival, it is important to respect not only animal and plant life but also their abiotic bases.

**Key-words:** Humanism; Animalism; Vegetalism; Inorganicism; Life on the face or earth; Ideologies; Ecoideology.

**Resumo:** O objetivo deste artigo é mostrar que o ser humano não é o centro da vida na face da terra. Suas ideologias dos mais diversos tipos devem ser filtradas pela ideologia da vida, chamada ecoideologia ou bioideologia. Grande parte das ideologias humanas têm sido causa de devastação das formas de vida na face da terra, o que pode levar ao fim da vida dos próprios humanos, pois sua vida é parte da vida em geral. Portanto, para seu próprio bem, ou para sua própria sobrevivência, é bom que respeite não só a vida animal e a vegetal, mas também suas bases abióticas.

**Palavras-chave:** Humanismo; Animalismo; Vegetalismo; Inorganicismo; Vida na face da terra; Ideologias; Ecoideologia.

## 1. Introdução

Gostaria de começar este artigo explicando os termos do título, uma vez que eles não são muito conhecidos. Ecoideologia é a ideologia adotada pela Linguística Ecosistêmica (LE) e pela Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE), de que esta revista é um porta-voz. Os dois princípios fundamentais da ADE são justamente (a) defesa incondicional da vida e (b) luta contra sofrimento evitável. Vale dizer, tudo tem a ver com a vida, motivo pelo qual a ecoideologia tem sido chamada também de bioideologia, isto é, ideologia da vida, através da qual todas as demais ideologias são vistas; todas estão subordinadas a ela. Por esse motivo, ela é uma supraideologia,

Em Fernandes, Silva & Couto (2025) foram usados os conceitos de humanidade, animalidade, vegetalidade e inorganicidade. Trata-se de níveis da realidade vital, que podem ser estudados como tais. No presente artigo vou falar de humanismo, animalismo, vegetalismo e inorganicismo como maneiras de encarar os seres dos quatro níveis. Melhor dizendo, trata-se de quatro posturas ideológicas sobre esses níveis, no sentido positivo de ideologia discutido na seção 2. Nenhuma das duas séries de termos está sendo usada no sentido de inorgânico, orgânico e superorgânico do evolucionista Herbert Spencer (1820-1903), que defendia o darwinismo social, nem no do antropólogo Alfred L. Kroeber (1876-1960). Segundo Kroeber, a cultura está no nível do superorgânico, é algo distinto que não pode ser reduzido a nenhum dos outros dois níveis. Poderíamos estabelecer o seguinte quadro, em que “visão da realidade” é o conjunto de ideias (ideologia) sobre a respectiva realidade, conjunto que revela o modo pelo qual a vemos.

<b>nível da realidade</b>	<b>inorgânico</b>	<b>vegetal</b>	<b>animal</b>	<b>humano</b>
<b>tipo de realidade</b>	inorganicidade	vegetalidade	animalidade	humanidade
<b>visão da realidade</b>	inorganicismo	vegetalismo	animalismo	humanismo

Na LE e na ADE tudo isso é visto de uma perspectiva um tanto diferente. Na verdade, elas não seguem os três conceitos do evolucionismo nem os rechaça inteiramente. As duas reconhecem que a língua apresenta três dimensões, donde a existência do ecossistema linguístico natural, do mental e do social (COUTO, 2015). O mesmo vale para a cultura em geral, de que a língua faz parte, fato amplamente discutido em Couto (2018), onde se encontram muitas outras referências bibliográficas.

Como última observação introdutória, gostaria de dizer que os quatro pares de termos utilizados neste artigo ainda não são usuais na língua portuguesa. Sei que há muita resistência ao uso de neologismos, o que não acontece em língua inglesa com a mesma intensidade. Vale a pena lembrar que os seis termos estão perfeitamente dentro das regras sistêmico-morfológicas que constituem o conhecimento dos falantes, embora até agora fossem palavras inativadas (MAKKAI, 1993). O que eu fiz foi simplesmente ativá-las, mesmo não sendo um Guimarães Rosa.

### 2. Ideologia

Na Introdução estão mencionados pelo menos dois tipos de ideologia. Nesta seção do artigo vou me valer basicamente do capítulo “Ideologia” do livro que meu amigo Hildo H. do Couto publicou em coautoria com Elza Kioko do Couto e Lorena Borges. O capítulo não só define o termo, mas também traça seu perfil histórico. Nota-se que há duas concepções básicas de ideologia, uma positiva e uma negativa. A concepção positiva é a original e recua ao enciclopedista Destutt de Tracy (1754-1836), criador do termo. Para ele, ela era a ciência das ideias, inclusive ideias de grupos sociais. A concepção negativa recua a Napoleão (1769-1821) que, de admirador de Tracy e seu grupo, passou a considerá-los meros praticantes de “ideologia”, que para ele não passava de metafísica desligada da vida prática. Karl Marx (1818-1883) retomou o termo mais ou menos nesse sentido. Para ele ver o mundo ideologicamente é vê-lo às avessas, ou de cabeça para baixo. Um exemplo seria considerar as ideias da elite de um país como se fossem as de toda sua população, tomando-se a parte pelo todo (COUTO, COUTO & BORGES, 2015, p. 65-79). Isso está muito bem discutido da perspectiva sociológica em Löwy (1985).

De qualquer forma, as ideologias são inevitáveis, fazem parte de nosso cotidiano, mas, como já notado, a Linguística Ecosistêmica e a Análise do Discurso Ecosistêmica as veem sempre pelo filtro da ecoideologia da visão ecológica de mundo (VEM), a ideologia da vida, a bioideologia como já observado. Não nos esqueçamos que Biologia é a ciência da vida.

Vejamos o caso da mulher que é maltratada, espancada e até assassinada por um marido ou companheiro violento. A ideologia feminista defende, com toda razão, a prisão imediata desse homem. A ecoideologia, por seu turno, procuraria alguma maneira de resolver esse conflito pela não violência, como fazia Gandhi. Afinal, prisão é um tipo de violência. Algemar o agressor e levá-lo imediatamente para a prisão pode fazer com que ele volte mais violento após ser solto em uma audiência de custódia. Proibi-lo de não se aproximar da mulher até tantos metros tampouco funciona, pois normalmente não há uma barreira física nem um policial armado na porta para impedir que ele desrespeite essa restrição. Porém, se for possível convencê-lo de que ir para a prisão não é uma boa opção, por exemplo, após mantê-lo detido por umas duas noites, pode ser que funcione melhor a médio e longo prazo. Depois disso é bem provável que ele não queira correr o risco de ficar anos a fio trancafiado em um presídio.

Pode acontecer de o homem ser de uma violência sem limites, que nada teme ou respeita. Nesse caso, não há outra solução. Ele deve ser algemado e levado para a prisão. Esse último recurso visa a defender a vida da mulher e evitar que ela sofra nas mãos dele. Ela é a vítima, ele o agressor. Portanto, o sofrimento dela deve ser tratado com prioridade, frente ao dele na cadeia. Ficar ele encarcerado é um mal menor do que ela ser agredida e correr o risco de ser assassinada. Os graus de sofrimento fazem parte dos princípios da ADE.

A edição online da *Folha de São Paulo* de 19/07/2025 informa que uma menina indígena (warao) venezuelana de 12 anos, grávida de oito meses, morreu em Betim (MG) em 13/07/2025 de choque refratário devido a um parto cirúrgico (cesariana) de emergência. Uma semana após o parto o bebê

ainda estava vivo e internado em estado estável. Nesse caso, qual das duas vidas deve ter prioridade? Pelo menos nos estágios iniciais, a ADE recomendaria dar prioridade à vida da menina. A gravidez resultou de uma violência contra ela, o que já lhe causou grande sofrimento. Nesses estágios iniciais, o sacrifício do feto implicaria menos sofrimento do que o da criança engravidada violentamente. Mas, por se tratar de situações-limite, casos como esses devem ser analisados caso a caso, levando em conta toda a situação.

A seguir apresento as principais ideologias que podem ser vistas pelo binóculo da ecoideologia. São elas o humanismo, o animalismo, o vegetalismo e o inorganicismo. A maioria delas se ramifica em sub-ideologias.

### 3. Humanismo

A ideologia do humanismo deve ter existido provavelmente desde a evolução do *homo erectus* para o *homo sapiens*, provavelmente entre 100 e 300 mil anos atrás. Essa ideologia está muito bem exposta no famoso dito de Protágoras (490-420 a.C.), segundo o qual “O homem é a medida de todas as coisas; das que são enquanto são e das que não são enquanto não são”. No renascimento (séc. XIV-XVI), ela passou a ser, digamos assim, a ideologia oficial, rechaçando o escolasticismo, o misticismo e o dogmatismo da religião, valorizando a razão, a ciência e a natureza.

Houve alguns movimentos que em grande parte deram seguimento ao ideário do renascimento. Um deles é o mercantilismo (séc. XV/XVI e XVIII), da época das chamadas grandes navegações, com a criação e exploração comercial de colônias. Foi nessa época que surgiram os estados modernos. Eles deviam acumular riqueza, sobretudo sob a forma de ouro e prata, e controlar o comércio para garantir esse acúmulo. O mercantilismo foi duramente criticado por Adam Smith (1723-1790). Outro movimento é o iluminismo (séc. XVII e XVIII), que consistia na valorização da razão, da ciência e do conhecimento para “iluminar” a vida em sociedade e fomentar o progresso. Sobrepondo-se a essas duas ideologias, houve também a revolução científica (séc. XVI-XVIII), relacionada a nomes como Galileu Galilei (1564-1642), Isaac Newton (1643-1727), René Descartes (1596-1650), Nicolau Copérnico (1473-1543) e Francis Bacon (1561-1626), entre outros. Bacon é sabidamente um dos iniciadores da metodologia científica (indutiva, empirista). Todos esses movimentos se enquadram na ideologia do humanismo, que tem os humanos como centro das atenções.

De final do século XIX até meados do século XX houve o materialismo dialético e o marxismo, formulados por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), movimentos que explicitamente se enquadram na ideologia do humanismo. Por fim, a esmagadora maioria das filosofias atuais são humanistas. Com isso não quero dizer que o humanismo é um mal. O problema é que ele frequentemente leva ao antropocentrismo, com menosprezo pelos demais tipos de vida, como as dos animais não humanos e a dos vegetais.

## ECO-REBEL

O pensador atual Noah Yuval Harari tem uma opinião nada positiva sobre o humanismo. Para ele, "a primeira onda de colonização dos *sapiens* foi um dos maiores e mais rápidos desastres ecológicos a acometer o reino animal", foi uma "tragédia ecológica". O *homo sapiens* virou um "assassino em série da ecologia", "o novo megapredador". A consequência foi que "na mesma época em que o *homo sapiens* foi elevado a um status divino pelas religiões humanistas, os animais de criação deixaram de ser vistos como criaturas vivas capazes de sentir dor e sofrimento e passaram a ser tratados como máquinas" (HARARI, 2020, p. 100-107, 108, 109).

Harari vai mais longe em sua visão pessimista sobre o humanismo. De modo um tanto sarcástico, ele diz: "Não acredite nos abraçadores de árvores que afirmam que nossos ancestrais viveram em harmonia com a natureza. Muito antes da Revolução Industrial, o *Homo sapiens* já era o recordista, entre todos os organismos, em levar as espécies de plantas e animais mais importantes à extinção". Culminando tudo isso, a própria "Revolução Industrial ... libertou a humanidade de sua dependência do ecossistema a sua volta". Como consequência, "nosso planeta, um dia verde e azul, está se tornando um shopping center de plástico e concreto" (HARARI, 2020, p. 109, 469).

Ao longo do livro Harari faz diversas outras asserções que contestam o antropocentrismo implícito no humanismo. Vejamos apenas mais uma: "Os humanistas acreditam que a natureza única do *Homo sapiens* é a coisa mais importante do mundo e determina o significado de tudo que acontece no universo" (HARARI, 2020, p. 310). Mesmo que o humanismo se manifeste sob o manto de alguma outra ideologia, a essência é sempre a mesma. Passemos em revista alguns dos avatares pelos quais o humanismo tem se manifestado.

Um primeiro grupo desses avatares é o das ideologias políticas. Entre elas temos o socialismo, o sionismo, o nazismo e o fascismo. Todas essas ideologias pertencem ao nível social. Nem é necessário entrar nos pormenores de cada uma delas. Elas são sobejamente conhecidas por qualquer pessoa bem informada. Aqui entraria também o chauvinismo patriótico. Há muitas outras ideologias políticas; à medida que a sociedade avança, surge nova ideologia.

Um segundo grupo de ideologias que se enquadram no humanismo é constituído pelas ideologias religiosas. No ocidente as três mais fortes são o cristianismo, o islamismo e o judaísmo, se é que podemos considerar os dois últimos como ocidentais. Mais para o oriente, sobressaem-se o hinduísmo, com várias subdivisões, e o budismo. Talvez possamos incluir aí também taoísmo, embora ele pareça mais uma filosofia de vida em harmonia com a natureza do que uma religião. O confucionismo, sim, é claramente uma ideologia, quando não porque procura justificar as hierarquias, estatais ou não.

O terceiro grupo é o do que poderíamos chamar de ideologias atitudinais. Uma das mais conhecidas é o elitismo, segundo a qual algumas pessoas se consideram de elite, logo, mais refinadas, ricas e poderosas do que o comum dos mortais. Mas, existem outras, como a que poderíamos chamar de aulicismo (de *áulico* = corte) que, na verdade, é muito parecido com o elitismo. O egocentrismo é a atitude que leva algumas pessoas a se considerarem o centro de tudo. Ele é primo primeiro do egoísmo, que se opõe ao altruísmo.

## ECO-REBEL

No quarto grupo poderíamos enquadrar as ideologias diversóforas (contra a diversidade de qualquer tipo). Entre elas temos a gerontofobia/velhofobia e a gordofobia. Algumas são também de gênero, como a homofobia, o machismo/androcentrismo, o sexismo, a misoginia. Mas, há também ideologias diversóforas, como o feminismo, o ecofeminismo, o movimento LGBTQIA+ etc.

Em quinto lugar temos as ideologias étnicas. Por exemplo, os gregos se consideravam o único povo civilizado, todo o resto era bárbaro. Para eles povos que não falavam grego só faziam “br-br”, onomatopeia de que derivou a palavra “bárbaro”. O etnocentrismo é a manifestação mais conspícua desse grupo de ideologias, que se manifestavam de maneira bem clara na cultura grega, mas, até certo ponto em diversos outros povos, que têm um racismo enraizado e apresentam uma grande xenofobia contra imigrantes de outras “raças”.

Nota-se que muitas das ideologias que acabam de ser mencionadas se entrecruzam. Nenhuma delas se enquadra de maneira estanque em determinada categoria. Um bom exemplo seria a intersecção que pode ser notada entre nazismo e etnocentrismo.

Por fim, gostaria de acrescentar que em 10 de dezembro de 1948 a Organização das Nações Unidas aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). O objetivo era reconhecer os direitos fundamentais de todos os seres humanos, independentemente de origem, credo, raça, gênero e condição social. Vale dizer, visava a contornar vários vieses implícitos em muitas das ideologias diversóforas mencionadas acima. Apesar de bem intencionada, porém, a DUDH não deixa de valorizar o antropocentrismo e ignorar as demais formas de vida na face da terra, como a dos animais não humanos, dos vegetais e de suas bases abióticas. É disso que vou falar nas três seções seguintes.

### 4. Animalismo

Dada a arrogância humana, o animalismo não tem merecido a mesma atenção que se vê dedicada ao humanismo ao longo do tempo, embora possam ser pinçadas, desde a Antiguidade, vozes clamando no deserto que os animais também sofrem e não devem ser maltratados. Um dos primeiros exemplos é Pitágoras (570-495 a.C.). Ele achava que os animais têm alma e que ela se transmite de geração em geração. Bem mais tarde Rousseau (1712-1778) se manifestou sobre o assunto e, em termos mais incisivos, Voltaire (1694-1778). Eles contestavam Descartes (1596-1650), que achava que os animais são como máquinas, não têm alma, logo, não sentem dor. Se não sentem dor, não é necessário ter compaixão por eles, concluem os infligidores de maus-tratos.

Mais ou menos na mesma época, o polímata escocês John Oswald publicou o livro *The Cry of Nature or an Appeal to Mercy and Justice on Behalf of the Persecuted Animals* (1791). O pensador utilitarista britânico Jeremy Bentham (1748-1832) achava que os animais têm os mesmos direitos que os humanos. Em sua opinião, a questão não é se eles pensam ou falam, mas se eles sofrem. Até o filósofo alemão Schopenhauer (1788-1860) se manifestou contra experimentos com animais,

## ECO-REBEL

defendendo a ideia de que a ética deve incluí-los. Enfim, o pensador britânico Henry Salt defendeu explicitamente o direito dos animais no livro *Animals' Rights: Considered in Relation to Social Progress*, de 1892. Ele se manifestou claramente contra a caça esportiva.

Houve outras manifestações em prol da vida dos animais, mas eu gostaria de terminar com as ideias do filósofo norueguês Arne Naess, criador da Ecologia Profunda. Em toda sua obra Naess se manifestou a favor da defesa da vida na face da terra, vida sem adjetivos. Ele afirma que todo ser vivo está sempre à procura da própria autorrealização e que os animais humanos não têm o direito de impedir os animais não humanos de atingi-la. Vejamos duas recomendações que ele faz aos seguidores da Ecologia Profunda, e a todo mundo, por sinal. A primeira diz: “Não inflija sofrimento desnecessário em outros seres vivos” (NAESS, 1989, p. 171). A segunda afirma: “Tenha compaixão pelos seres sencientes” (NAESS, 2002, p. 45). Tudo isso é confirmado por um provérbio alemão que diz o seguinte: “Não maltrate um animal por prazer; ele sente dor como você” (ver FERNANDES; SILVA; COUTO, *neste volume*). O volume 22, n. 1-4, 1979, da revista de Filosofia *Inquiry* fundada por Arne Naess, é inteiramente dedicado ao direito dos animais. Eis o título de dois artigos: “The rights of wild things”, “The right not to be eaten” etc.

Existem diversos movimentos cujo objetivo é a defesa dos animais. Podemos começar pela Declaração Universal dos Direitos dos Animais, proclamada em 1978 pela UNESCO. Esta declaração reconhece que todos os animais têm direitos à vida, ao respeito e à proteção, e que nenhum animal deve ser submetido a atos cruéis. Porém, o artigo 9º diz que “Quando o animal é criado para alimentação, ele deve de ser alimentado, alojado, transportado e morto sem que disso resulte para ele nem ansiedade nem dor”. Vale dizer, essa Declaração não dá o passo seguinte, o de recomendar o não consumo de produtos animais. Para os vegetarianos essa declaração é só parcialmente válida. Como me disse um deles certa feita, o veganismo “evita derramamento de sangue”, embora a maioria das pessoas não se preocupe com isso.

A exemplo de vários países mundo afora, também no Brasil muitas cidades têm algum tipo de sociedade protetora dos animais. Em termos de legislação, o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima tem o Departamento de Proteção, Defesa e Direitos Animais. Em 12/02/1998 foi criada a Lei Federal nº 9.605 (chamada de Lei de Crimes Ambientais). O Artigo 29 estabelece que “Matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente, ou em desacordo com a obtida: Pena - detenção de seis meses a um ano, e multa”. O Artigo 32 acrescenta que “Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos: Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa”.

Está em discussão o Projeto de Lei 25/24 que torna infração gravíssima o abandono de animais em vias públicas (ruas, estradas etc.). O infrator pode levar 7 pontos na CNH e multa de R\$ 293,47. Pode também perder o direito de dirigir por até 18 meses. Tomara que esta lei seja aprovada no Parlamento e sancionada pelo Presidente da República. Infelizmente, porém, vemos amiúde notícias e imagens de pessoas soltando animais nas ruas. Às vezes vemos também alguém

maltratando algum animal. Enfim, já que essas pessoas não têm compaixão pelos animais, que sintam o resultado no bolso e no direito de ir e vir no seu querido carro. Isso significa menosprezar a vida dos animais não humanos, atitude que o filósofo australiano Peter Singer chamou de especismo.

### 5. Vegetalismo

Como ideologia, o vegetarianismo é ainda muito mais ignorado do que o animalismo, embora da perspectiva da botânica e ciências afins as plantas sejam bastante estudadas, além dos animais da perspectiva zoológica. Mas, ignorá-las ideologicamente não se justifica, assim como não se justifica ignorar os animais não humanos no mesmo sentido. Afinal, as plantas são o início da vida da maioria das espécies vivas.

Eraldo M. Costa Neto e Ana C. E. Lins afirmam que “o reino das plantas é usualmente estudado a partir da visão antropocêntrica, pela qual todos os organismos que compõem a biosfera são inferiores aos seres humanos, os quais são considerados, segundo a organização hierárquica clássica da biologia, como a espécie ápice do processo evolutivo”. Os autores acrescentam que os humanos as veem “como meros objetos que existem para nos fornecer alimento e matérias-primas empregadas na indústria farmacêutica, cosmética, na construção civil, como fonte de energia (carvão, petróleo etc.), entre outros fins”. Porém, ressaltam, “as plantas atuam como reguladoras do ciclo do carbono e da água” (COSTA NETO; LINS, 2022, p. 101).

As raras pesquisas nesta área têm discutido, sobretudo, se as plantas comunicam entre si, se sentem dor (sofrem), se reagem a estímulos do ambiente, se têm inteligência etc. Vejamos perfunctoriamente cada um desses tópicos, começando pelo que parece mais óbvio a “comunicação das plantas”.

Peter Wohlleben, afirma que “Uma única árvore não forma uma floresta, não produz um microclima equilibrado; fica exposta, desprotegida contra o vento e as intempéries. Por outro lado, muitas árvores juntas criam um ecossistema que atenua o excesso de calor e de frio, armazena um grande volume de água e aumenta a umidade atmosférica – ambiente no qual as árvores conseguem viver protegidas e durar bastante tempo” (WOHLLEBEN, 2017, p. 11). Nesse sentido, outros autores já falaram em sociedade das plantas, ou sociedade vegetal. Ora se vivem em sociedade, certamente comunicam-se entre si. Na própria botânica já se falava dessa comunicação, como se pode ver em Costa Neto & Lins (2022). Wohlleben (2017) afirma que as plantas de uma espécie e de uma população se interligam por suas raízes, inclusive ajudando plantas vizinhas. Aliás, existem ciências destinadas justamente a essa comunicação, como a Fitossemiótica.

Saber se as plantas sofrem, sentem dor é uma questão mais difícil. Há muita divergência de opinião entre os estudiosos. Provavelmente elas não sentem dor, pelo menos no sentido da humanidade e da animalidade, por não disporem de um sistema nervoso nem de um cérebro, mas apresentam reações a estímulos do ambiente, como fazem o girassol e a dormideira. Pesquisas indicam que se

## ECO-REBEL

uma planta é ferida, emite sinais que a levam a ter reações químicas de autoproteção. Tanto que há autores que dizem que elas são seres sencientes.

Se as plantas são sencientes ou não, se sofrem ou não, não importa. O que importa é que elas são seres vivos, e a vida na face da terra merece ser respeitada, admirada e reverenciada. Lembremos que o princípio primeiro da ADE é defesa incondicional da vida, defesa recomendada também pela Ecologia Profunda.

A reação das plantas a estímulos do meio em que se encontram parece bem mais óbvia. O próprio comportamento dos já mencionados girassol e dormideira é uma prova disso. Na época da seca, as plantas definham. Na região das savanas e do cerrado brasileiro, elas chegam a parecer que estão mortas. Porém, assim que chegam as chuvas, elas florescem com bastante vigor. A própria botânica trata desse tópico.

Se as plantas têm inteligência ou não já é algo altamente discutível. Porém, a Ecologia Profunda nos diz que todo ser vivo está sempre à procura da própria autorrealização. Por exemplo, o que leva o João-de-Barro a construir uma casinha que protege as crias de predadores? O acesso ao interior dessa casinha passa por um corredor, com curvas. Mais espantoso são as colmeias das abelhas. Elas apresentam uma arquitetura altamente complexa e sofisticada. A Neurobiologia Vegetal, outra ciência dedicada à “inteligência das plantas” tem revelado que “as plantas aprendem, recordam e decidem, sem possuírem cérebros” (COSTA NETO; LINS, 2022, p. 102). Na *Wikipedia* pode-se ler que “a percepção e inteligência das plantas pode ser traçada a 1848, quando o psicólogo experimental alemão Gustav Theodor Fechner sugeriu que as plantas são capazes de emoção, de modo que elas poderiam ter um grande florescimento mediante conversa, atenção e carinho” ([https://en.wikipedia.org/wiki/Plant\\_rights](https://en.wikipedia.org/wiki/Plant_rights)). Porém, pesquisas acadêmicas têm demonstrado que isso não é verdadeiro.

Quer isso seja verdade, quer não, as plantas fazem parte da cadeia da vida, como foi discutido intensamente pelo ecologista americano Aldo Leopold. Elas alimentam os herbívoros, que alimentam os carnívoros. Portanto, devem ser respeitadas e protegidas. Devemos evitar seu emurchecimento, definhamento e morte. Para a Análise do Discurso Ecológica, as plantas devem ser respeitadas pelo simples fato de serem seres vivos. Vimos que essa subteoria da Linguística Ecológica tem como princípios fundamentais a “a defesa incondicional da vida”, e “a luta contra sofrimento evitável”.

Vejamos a questão da defesa e legislação sobre as plantas. Eu encontrei na internet duas propostas de Declaração Universal de Direito das Plantas, as duas feitas de modo bastante amador e aparentemente laico e insipiente. Uma delas contém 9 artigos e é razoavelmente bem redigida; a outra conta com 22, precedidos de uma longa lista de considerandos, mas tudo muito primitivo. De qualquer forma, elas revelam que existem gatos pingados aqui e ali que se preocupam com o assunto.

## ECO-REBEL

Se a Seção II do Capítulo V da Lei Federal nº 9.605 (Dos Crimes Contra o Meio Ambiente) tratou dos “Dos Crimes contra a Fauna” (de que salientei dois Artigos), a Seção II trata “Dos Crimes contra a Flora”. Do Artigo 38 ao Artigo 50, essa lei fala, por exemplo, de destruição de florestas de preservação permanente, de provocar incêndio em floresta ou outros tipos de vegetação, de cortar ou transformar em carvão madeira de lei, de destruir ou danificar florestas nativas, plantadas, fixadoras de dunas ou protetoras de mangues. Para cada uma dessas atividades, consideradas crimes, são previstas punições severas, chegando até à prisão por alguns anos.

Existem até mesmo leis que falam de “proteção e direito das plantas”, mas no sentido de garantir o lucro de quem as cultiva. É o caso da Lei de Propriedade Industrial (LPI) e a Lei de Proteção de Cultivares (LPC), cujo objetivo principal é garantir o direito de “propriedade intelectual para cultivares, que são variedades vegetais novas, homogêneas e estáveis. A proteção da cultivar abrange o material de reprodução da planta e assegura ao titular o direito de reprodução comercial no território nacional”, como estabelecido na Lei 9.456/97. Tudo no sentido do que foi criticado por Leopold (1989), de acordo com o qual tudo é governado por interesses econômicos, não pelo respeito nem pela preservação da vida vegetal, e da vida em geral na face da terra.

É importante lembrar que além da devastação de florestas para a pecuária e a plantação de grãos, existem ainda as queimadas, os longos períodos de estiagem cada vez mais frequentes e cada vez mais intensas, a maioria delas provocadas por humanos. Tudo isso leva a uma diminuição da vida vegetal. Enfim, o tópico do vegetalismo foi apenas tangenciado. Quem desejar ver mais investigações sobre ele pode começar lendo Costa Neto & Lins (2022) e a vasta literatura aí mencionada.

### 6. Inorganicismo

A inorganicidade é composta pelo solo (a terra), as águas, o ar (que compreende os ventos). São os componentes abióticos para a existência da vida, que se manifesta no nível da animalidade, da vegetabilidade e da humanidade. A maneira de olharmos para eles constitui o inorganicismo, o animalismo, o vegetalismo e o humanismo. Como adiantado na Introdução, trata-se de posturas ideológicas sobre os quatro níveis. Na presente seção, vou falar um pouco sobre a ideologia da inorganicidade, ou seja, o inorganicismo.

De modo geral, as ciências sociais não muito simpatizantes da inclusão do mundo físico, a inorganicidade, em seus estudos. Mas, como amplamente defendido pelo ecologista americano Aldo Leopold, a ideologia dos três primeiros níveis, que inclui a vegetabilidade e a animalidade, não pode ser ignorada. Afinal, a humanidade está inclusa nelas.

Infelizmente, as situações históricas em que foram levados em conta provocaram distorções inaceitáveis, tais como as ideias de Montesquieu e de Gobineau, o nazismo de Hitler, o darwinismo social e outros. No entanto, existem estudos sérios que partem justamente da inorganicidade visando o bem de todos os seres vivos, não apenas os do próprio grupo como fazia o arianismo

## ECO-REBEL

nazifascista. Um exemplo de bom uso dos componentes abióticos dos ecossistemas é a antropogeografia de Friedrich Ratzel, iniciada no final do século XIX. Ela mostrava o papel do mundo físico (a geografia em seus termos) no surgimento da cultura, a despeito de sua visão antropocêntrica. Para ele e seguidores, “o homem é um produto da face da terra”. Por isso, ele “não pode mais ser estudado cientificamente desligado da terra que cultiva [...] ou dos mares sobre os quais navega, assim como o urso polar ou o cactus do deserto não podem ser compreendidos fora de seus ambientes” (SEMPLE, 1911, p. 1, 2). Essa última asserção implica inclusão, ainda que indireta, da animalidade e da vegetalidade.

Os fundadores da Ecologia (estudo das interações entre os organismos vivos e seu habitat) também foram na mesma direção, a começar do proponente do termo, Ernst Haeckel. Ao definir Ecologia como “ciência das relações do organismo com o mundo externo”, ele salientou que parte delas é de natureza orgânica, parte de cunho inorgânico, às quais o organismo precisa se adaptar. As primeiras são “as propriedades físicas e químicas de um lugar, o clima (luz, calor, relações de umidade e de eletricidade da atmosfera), os nutrientes inorgânicos, as condições da água e do solo etc”. As segundas são constituídas pelas relações do organismo “com todos os outros organismos com os quais ele entra em contato”. Haeckel acrescenta que algumas dessas relações são favoráveis ao organismo, outras, desfavoráveis” (HAECKEL, 1866, p. 286).

O criador do conceito de ecossistema, Arthur G. Tansley também defende ideias parecidas. No seu texto clássico em que propôs o conceito, ele afirma que

*Nossos preconceitos humanos nos forçam a considerar os organismos (no sentido do biólogo) como as partes mais importantes desses sistemas, mas, certamente os ‘fatores inorgânicos também são parte; não poderiam existir sistemas sem eles e há um intercâmbio dos tipos mais variados no interior de cada sistema, não apenas entre organismos, mas entre o orgânico e o inorgânico* (TANSLEY, 1935, p. 299).

Pouco mais tarde, um dos maiores ecólogos disse do ecossistema:

*O ecossistema, ou sistema ecológico, é considerado uma unidade de organização biológica constituída de todos os organismos de uma dada área (isto é, ‘comunidade’) interagindo com o meio físico de modo que o fluxo de energia conduz a estruturas tróficas características e ciclos materiais no interior do sistema* (ODUM, 1972, p. 28).

Enfim, até mesmo nos manuais de introdução à Ecologia e à Biologia se define o ecossistema como composto de uma população de organismos vivos, seu habitat ou meio ambiente, além das interações que aí se dão. O ecossistema é o palco em que se representa o drama da vida e, como palco, é formado inicialmente pelo ambiente físico.

Especificamente da perspectiva ideológica, alguns ecólogos e outros pensadores têm tentado retomar o que para os grupos étnicos tradicionais era evidente: que o solo, a terra, a montanha, os rios, os lagos, o ar, os ventos devem ser reverenciados, pois são vivos. Aldo Leopold, por exemplo, falava em pensar como uma montanha (*Thinking like a mountain*). Diante da morte de uma loba

## ECO-REBEL

que ele presenciou e mudou toda sua visão sobre o mundo, ele disse que “somente a montanha tem vivido o suficiente para ouvir os uivos da leoa” (LEOPOLD, 1989, p. 129). O formulador da Ecologia Profunda, Arne Naess, era um grande admirador das montanhas, que gostava de escalá-las a fim de perceber a grandeza que elas nos mostram.

Em nossa linguagem coloquial ainda se notam restos do telurismo natural existente em muitas pessoas. Por exemplo, quando alguém quer dizer que concorda com determinada ideia mencionada por outrem, pode dizer: “Na minha terra isso significa tal e tal, diz-se isso ou aquilo”. Na África existem provérbios que expressam ideias aparentemente contraditórias, mas que revelam conhecimento do que se passa no mundo inorgânico. Um deles diz que o rio enche o mar; o outro afirma que é o mar que enche o rio. Os dois estão corretos. O que se vê objetivamente são os rios correndo para o mar, mas, sobretudo depois dos estudos de meteorologia, sabemos que a água dos mares evapora formando nuvens, que são levadas de volta para o interior da terra firme, os chamados rios aéreos. Essas nuvens produzem chuvas que alimentam os rios e irrigam a terra, num ciclo de vida constante.

Infelizmente, porém, a ação humana está subvertendo grande parte dessa ordem natural das coisas. Estamos poluindo e degradando o meio ambiente, provocando um aquecimento global que está acelerando grande parte de tudo de ruim que estamos causando no nosso habitat, a ponto de cidades como Pequim, Nova Délhi e outras estarem tão poluídas que causam muitos problemas de saúde em seus habitantes.

Além disso, o nível da água dos córregos, lagos e rios está diminuindo de modo crescente, com alguns deles já secos ou sazonalmente secos. Grandes porções do globo estão desertificadas (deserto do Saara, da Arábia, de Gobi, de Atacama etc.). A tantas vezes mencionadas acima Lei nº 9.605 fala Da Poluição e Outros Crimes Ambientais na Seção III, fala disso. Mas, como sempre, nem no Brasil nem nos demais países em que existem leis equivalentes, as recomendações legais permanecem letra morta.

Como disse Aldo Leopold, “a ética da terra simplesmente expande os limites da comunidade para incluir o solo, as águas, as plantas e os animais ou, coletivamente, a terra”, no sentido de “nossa terra” (LEOPOLD, 1989, p. 204). O inorgânico (bases abióticas) é a base para o vegetal, que provê vida para os animais, de que os humanos fazem parte. Não há nenhuma razão para nossa arrogância antropocêntrica, não somos os reis da criação. O que há é a criação, no sentido religioso medieval, inorgânica, orgânica e superorgânica.

### 7. Discussão

Um amigo me disse que assim que tomou consciência de que a terra em que moramos era redonda, esférica e pairava no espaço, começou a pensar que ela era um ser vivo. Para ele, as rochas (pedras) seriam os ossos, a terra o músculo, as águas o sangue, e o vento a respiração. Tudo que um ser animal precisa ter e é tido como óbvio pelos pequenos grupos étnicos tradicionais. Mas, muito

## ECO-REBEL

mais tarde, depois que virou um pesquisador acadêmico, esse amigo descobriu que o químico James Lovelock escreveu um livro em 1979, intitulado *Gaia: A New Look at Life on Earth (Gaia: Um novo olhar sobre a vida na terra)*, defendendo exatamente a ideia de que a terra é um ser vivo, mostrando ele e os grupos étnicos tradicionais estavam certos.

Lovelock e colegas defenderam a tese de que há interação entre todos os níveis (inorgânico, vegetal, animal não humano e animal humano) e que o inorgânico exerce influência sobre os outros três, assim como eles exercem influência sobre ele. Infelizmente, a ação do animal humano sobre o não humano, o vegetal e o inorgânico está aumentando cada vez mais. O nome disso é devastação do ambiente vital (*Lebensraum*) pelos humanos, que estão destruindo o barco em que navegam.

A despeito das boas intenções das sociedades protetoras dos animais, a despeito da defesa dos direitos deles até por grandes pensadores, a despeito de algumas leis, na realidade continua havendo maus-tratos aos animais, devastação da flora e do mundo abiótico (solo, águas, ar). Mas, o que deveria existir é o que recomenda Aldo Leopold: “uma ética da terra muda o papel do *homo sapiens* de conquistador da terra da comunidade para membro pleno dela” (LEOPOLD, 1989, p. 204), tomando-se comunidade no sentido do ecossistema chamado de comunidade biológica em Ecologia, que é formado pela totalidade de seres vivos como parte do meio em que vivem, também conhecida como biocenose. Ela é diferente do ecossistema chamado de sociedade, que compreende seres de uma única, como os humanos por exemplo.

A Linguística Ecosistêmica e a Análise do Discurso Ecosistêmica que dela faz parte preveem que sem T (território, terra) não há P (povo, população) e sem P não há L (língua, vida social). Sem as bases abióticas (inorganicidade) não há plantas, sem plantas não há animais, sem animais não há ser humano. Este último forja muitas coisas artificiais na fíúza de que são mais importantes do que as coisas da natureza. Porém, vale a pena lembrar que o senhor disse a Adão que ele vinha do pó e ao pó retornaria (*Gênesis* 3,19). A ideia de que não somos superiores aos demais seres, aí inclusos os do mundo inorgânico (pó), recua aos tempos em que a cristandade acredita que teria começado a vida face da terra.

Repitamos, a LE e a ADE não negam a existência de ideologias políticas, religiosas, de gênero, de raça e outras mencionadas acima, mas vê todas elas filtradas pela ecoideologia, a ideologia da vida. A ADE se apropriou de praticamente todos os princípios da Ecologia Profunda, que defende a vida de todos os seres.

A ecoideologia vai além da ética axiológica, que apenas trata de valores (morais, estéticos, religiosos). A ética que ela segue é deontológica, que trata do dever, da obrigação moral e da ação correta. Na Linguística Ecosistêmica e na Análise do Discurso Ecosistêmica, isso significa recomendação para defender incondicionalmente a vida e lutar para evitar qualquer tipo de sofrimento evitável, tais como assassinatos, ferimentos, torturas físicas, espancamentos, socos, beliscões, torturas psicológicas, calúnias, difamações etc. Isso vale não apenas para a humanidade, mas, *mutatis mutandis*, também para a animalidade, a vegetabilidade e a inorganicidade. Ressalte-se, no entanto, que há graus de sofrimento, de modo que no nível da humanidade um beliscão

(sofrimento físico) é muito menos grave do que uma tortura psicológica ou uma desmoralização da pessoa perante o grupo em que convive mediante calúnias, difamações etc. Enfim, defende-se o milagre da vida.

### Referências

COSTA NETO, Eraldo; LINS, Ana C. Estellita. O que as plantas nos ensinam? Algumas considerações sobre a relação entre seres humanos e o reino vegetal. *ECO-REBEL* v. 8, n. 2, p. 100-125, 2022. Acessível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/44295/33871>

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honório do. Linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>

COUTO, Hildo Honório do. Ecossistema cultural. *ECO-REBEL* v. 4, n. 01, p. 12-26, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9914/8757>

COUTO, Hildo H.; COUTO, Elza Kioko; BORGES, Lorena. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.

FERNANDES, Ubirajara M.; SILVA, Márcio M. G.; COUTO, Hildo do. Eventos extremos, antropocentrismo e biocentrismo vistos pela ADE. *ECO-REBEL* v. 11, n. 2, 2025. Acessível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel>

HAECKEL, Ernst. *Generelle Morphologie der Organismen. Allgemeine Grundzüge der organischen Form-Wissenschaft, mechanisch begründet durch die von Charles Darwin reformirte Descendenz-Theorie*. Bd. 2: *Allgemeine Entwicklungsgeschichte der Organismen..* Berlin: Druck und Verlag von Georg Reimer, 1866.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens - Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2020.

LEOPOLD, Aldo. *A sand county almanac and sketches here and there*. New Oxford: Oxford University Press, 1989 (1ª ed. 1949).

LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: Elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

## ECO-REBEL

MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics: ¿Toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* Londres: Pinter, 1993.

NAESS, Arne. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

NAESS, Arne. *Life's philosophy: reason and feeling in a deeper world*. Athens: The University of Georgia Press, 2002.

ODUM, Eugene. The strategy of ecosystem development. In: SMITH, Robert Leo (org.). *The ecology of man: An ecosystem approach*. New York: Harper & Row, p. 28-38, 1972.

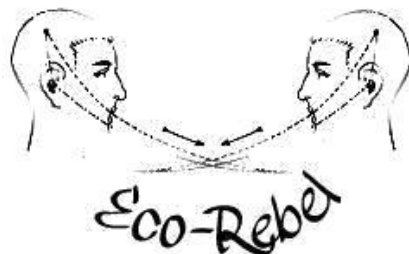
SEMPLE, Ellen. *Influences of geographic environment on the bases of Ratzel's system of anthropogeography*. New York: Henry Holt & Company, 1911.

TANSLEY, Arthur G. The use and abuse of vegetational concepts and terms. *Ecology* v. 16, n. 3, p. 284-307, 1935.

WOHLLEBEN, Peter. *A vida secreta das árvores*. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

Aceito em 20 de julho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.



## **IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DE PARQUES EÓLICOS NO NORDESTE DO BRASIL: UM ESTUDO DE TEXTOS-DISCURSOS NA VISÃO DA LINGUÍSTICA AMBIENTAL**

---

Naziozênio Antonio Lacerda (UFPI)

**Abstract:** The objective of this study is to analyze the socio-environmental impacts caused by the installation of wind farms in northeastern Brazil. The study is based on environmental linguistics, in intersection with ecosystem discourse analysis. The methodology takes into account ecomethodology and netnography. The research corpus consists of five speech-texts produced by different sources and published on the internet. The results show that wind farms cause environmental, mental, economic and social impacts. It is concluded that there is a need to build socio-environmental safeguards as a harmonization strategy through language (L) to establish communion in the lives of the population (P) that inhabits the affected territories (T).

**Keywords:** Socio-environmental impacts. Wind farms. Northeast of Brazil. Environmental linguistics. Socio-environmental safeguards.

**Resumo:** O objetivo deste estudo é analisar os impactos socioambientais provocados pela instalação de parques eólicos no nordeste do Brasil. O estudo fundamenta-se na linguística ambiental, em interseção com a análise do discurso ecossistêmica. A metodologia leva em conta a ecometodologia e a netnografia. O *corpus* da pesquisa constitui-se de cinco textos-discursos produzidos por diferentes fontes e divulgados na internet. Os resultados mostram que os parques eólicos provocam impactos ambientais, mentais, econômicos e sociais. Conclui-se que há necessidade da construção de salvaguardas socioambientais como estratégia de harmonização por meio da língua (L) para estabelecer a comunhão na vida da população (P) que habita os territórios afetados (T).

**Palavras-chave:** Impactos socioambientais; Parques eólicos; Nordeste do Brasil. Linguística ambiental; Salvaguardas socioambientais.

### 1. Introdução

A energia eólica é a transformação da energia do vento em energia útil, abrangendo a utilização de aerogeradores para produzir eletricidade, moinhos de vento para gerar energia mecânica ou velas para impulsionar veleiros.

Existem basicamente dois tipos de usinas que constituem os parques eólicos: a usina eólica *onshore* (instalada na terra) e a usina eólica *offshore* (fora da terra, instalada no mar). Recentemente o governo federal promulgou a Lei nº 15.097, de 10 de janeiro de 2025, que regulamenta o aproveitamento do potencial energético *offshore* no país (BRASIL, 2025).

De acordo com a ABEEólica (2025), a energia eólica no Brasil teve seu primeiro indício em 1992 com o início da operação comercial do primeiro aerogerador instalado no Brasil, que foi resultado de uma parceria entre o Centro Brasileiro de Energia Eólica (CBEE) e a Companhia Energética de Pernambuco (CELPE), localizado no arquipélago de Fernando de Noronha, em Pernambuco.

Atualmente o setor conta com 33,7 GW (gigawatt) de capacidade instalada, 1.104 parques eólicos, mais de 11.728 aerogeradores em operação em 12 estados da federação e está organizado e representado pela Associação Brasileira de Energia Eólica e Novas Tecnologias (ABEEólica), uma entidade privada, sem fins lucrativos, sediada em São Paulo-SP, que congrega e representa a indústria de energia eólica no Brasil, *onshore* e *offshore*, incluindo mais de 140 empresas de toda a cadeia produtiva: investidores em parques eólicos, fabricantes de aerogeradores, fabricantes de componentes e fornecedores de serviços.

Neste estudo, o nosso interesse recai sobre a energia eólica proveniente de aerogeradores montados em torres instaladas em parques eólicos pela importância ambiental, econômica, social e ecolinguística que esses empreendimentos assumem no contexto do nordeste brasileiro.

A energia eólica é considerada uma fonte limpa, renovável e abundante em nosso país, com destaque, pela quantidade de parques instalados, para as regiões Nordeste e Sul. Todavia, a região Nordeste é a principal produtora de energia eólica, respondendo por 93% de toda a capacidade instalada no Brasil. Por ser uma energia proveniente da natureza, mais precisamente do vento, seu processo de produção não emite gases de efeito de estufa, porém, apesar de ser uma energia considerada limpa, provoca impactos socioambientais e discursivos.

Há diferentes trabalhos publicados sobre os impactos dos parques eólicos no nordeste do Brasil, entre os quais podemos citar: “Impactos ambientais de parques eólicos no semiárido baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas”, de Almeida (2003); “Impactos socioambientais da

implantação dos parques de energia eólica no Brasil”, de Gorayeb, Brannstrom & Meireles (2019) e “Impactos negativos da energia eólica”, de Guitarrara (2023). No entanto, não identificamos pesquisa sobre a temática no âmbito da linguística ambiental.

Justificamos a realização desta pesquisa pelos seguintes motivos: aumento significativo da implantação de parques eólicos na região nordeste do Brasil; surgimento de impactos socioambientais nas áreas onde as usinas eólicas foram instaladas; e circulação de textos-discursos com posicionamentos da população atingida, manifestando o sofrimento decorrente de problemas causados pelos parques eólicos.

Assim, o objetivo geral deste estudo é analisar os impactos socioambientais provocados pela implantação de parques eólicos no nordeste do Brasil. Para atingir este objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: caracterizar os impactos ambientais, mentais, econômicos e sociais causados pelos parques eólicos à luz da linguística ambiental; discutir a não comunhão, dificuldades na adaptação, não consideração da diversidade e falta da visão de longo prazo reveladas pelos textos-discursos selecionados; e repensar salvaguardas socioambientais para estabelecer a comunhão no diálogo entre as comunidades de fala (CF) das comunidades tradicionais e dos grupos empresariais que atuam no ramo de energia eólica.

O estudo fundamenta-se na linguística ambiental (COUTO, 2019), em intersecção com a ecolinguística, linguística ecossistêmica e análise do discurso ecossistêmica (COUTO; COUTO; FERNANDES, 2021; COUTO, 2020; SILVA, 2020).

Estruturamos este artigo nas seguintes seções: A energia eólica na região nordeste do Brasil; Parques eólicos no nordeste do Brasil: impactos socioambientais positivos e negativos; Linguística ambiental: uma abordagem interseccional; Ecometodologia: materiais e métodos, e Análise e discussões.

## **2. A energia eólica na região nordeste do Brasil**

A região nordeste do Brasil possui condições ambientais que favorecem a implantação de parques eólicos por uma conjunção de fatores. Os ventos que sopram no território nordestino são de alta intensidade (velocidade de 12 metros por segundo, o que corresponde a mais de 40 km/h, quando o mínimo exigido é de 6 metros por segundo, o que equivale a pouco mais de 20 km/h), constantes, unidirecionais e de baixa turbulência, características que contribuem para aumentar a eficiência das turbinas dos geradores eólicos.

## ECO-REBEL

Na visão de Costa (2018), em estados como Bahia, Piauí e Pernambuco a exploração da energia eólica ocorre mais no interior, em áreas montanhosas, de grande altitude, nos ecossistemas caatinga e mata atlântica, ou mais precisamente no que sobrou desses biomas. Em Pernambuco e na Paraíba, há instalações em brejos de altitude, que constituem verdadeiras ilhas de vegetação úmida em meio ao ecossistema seco da caatinga, onde a vegetação existente são resquícios da mata atlântica primária. No Ceará e no Rio Grande do Norte, há usinas situadas em ambientes litorâneos, atingindo áreas costeiras de manguezais, restingas e dunas, provocando efeitos devastadores para pescadores, marisqueiras e ribeirinhos.

Essa caracterização panorâmica da instalação de usinas em diferentes ambientes dos estados nordestinos reflete a complexidade da dinâmica socioambiental da energia eólica na região. Porém, conforme mostramos no Quadro 1, com dados de 2024, mesmo diante dessa complexidade há um crescimento exponencial da produção de energia eólica nos diversos estados que formam a região.

**Quadro 1 – Estados nordestinos que mais produziram energia eólica no Brasil em 2024**

<b>Posição</b>	<b>Estado</b>	<b>Produção</b>
1º	Bahia	10,01 GW
2º	Rio Grande do Norte	9,74 GW
3º	Piauí	4,03 GW
4º	Ceará	2,57 GW
5º	Pernambuco	1,17 GW
6º	Paraíba	992 MW
7º	Maranhão	426 MW
8º	Sergipe	34 MW

Fonte: Adaptado de Casarin (2024) e atualizado pelo pesquisador

Observamos que os dados podem ser atualizados frequentemente motivados pela expansão da atividade dos ventos e rapidez com que os parques eólicos estão sendo instalados, contribuindo para a aceleração da produção de energia eólica no Nordeste, muitas vezes sem o devido acompanhamento e fiscalização, bem como sem que requisitos socioambientais sejam atendidos e cumpridos plenamente.

## ECO-REBEL

No Quadro 1, observamos que a Bahia encerrou 2024 como o estado com maior geração de energia elétrica a partir da fonte eólica na região (e no Brasil), ultrapassando o Rio Grande do Norte. Segundo a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), o estado foi responsável por 23% da expansão da matriz elétrica nacional no ano passado. Além disso, a Bahia foi selecionada pela empresa chinesa *Goldwind* Energia Renováveis (maior fornecedora de turbinas eólicas do mundo) para construção de uma fábrica de aerogeradores para produção de energia eólica, instalada no município de Camaçari, na região metropolitana de Salvador.

Outro aspecto que merece destaque é o fato de o Piauí ter dobrado a sua produção e assumido o posto de 3º maior gerador de energia eólica do Nordeste. A título de informação, atualmente o Piauí possui o maior parque de energia eólica em operação na América Latina: o complexo Lagoa dos Ventos, instalado nos municípios de Lagoa do Barro do Piauí, Queimada Nova e Dom Inocêncio, com 230 turbinas eólicas em atividade.

Também notamos uma ausência no Quadro 1: a ausência do estado de Alagoas. Explicamos que não consta o nome de Alagoas por ser o único dos nove estados nordestinos que ainda não gera eletricidade a partir da força dos ventos. Apesar de ser o último estado do Nordeste a licenciar um empreendimento de energia eólica devido a problemas na aprovação, Alagoas é o primeiro a ter a oportunidade de fazer isso seguindo os princípios de uma transição energética justa, inclusiva e sustentável, evitando possíveis impactos negativos que ocorrem nos demais estados da região mediante a adoção de salvaguardas socioambientais.

Apesar de a energia eólica ser considerada uma fonte renovável, apresentando-se como uma alternativa importante aos combustíveis fósseis e contribuindo para uma nova matriz energética, precisamos levar em consideração os impactos positivos e negativos que os parques de geração de energia eólica podem ocasionar.

### **3. Parques eólicos no nordeste do Brasil: impactos socioambientais positivos e negativos**

Em um contexto global marcado pelas preocupações com as mudanças climáticas, a energia eólica se alinha às metas de acordos e conferências internacionais sobre o meio ambiente, que incentivam os países a reduzirem suas emissões de carbono e a investirem em fontes renováveis. No entanto, a transição energética também exige um planejamento que considere os impactos ambientais, econômicos e sociais associados a essas tecnologias. Sendo assim, neste estudo buscamos compreender não apenas os benefícios técnicos e ambientais dos parques eólicos, mas também os

## ECO-REBEL

impactos socioambientais que emergem de sua implantação. No Quadro 2, fizemos um resumo desses impactos para possibilitar uma maior visualização gráfica dos problemas que ocorrem na região.

**Quadro 2 – Impactos socioambientais de parques eólicos no nordeste do Brasil**

Impactos	Descrição dos impactos socioambientais	
	Positivos	Negativos
Ambientais	A energia eólica é uma das que causam menos danos ambientais, com geração da energia através de fonte renovável e redução da emissão de gases do efeito estufa.	Alteração significativa da paisagem natural, fragilização do solo, desmatamento, perda de biodiversidade e desequilíbrio ecossistêmico com a supressão de <i>habitats</i> . Pássaros e morcegos se chocam com as hélices, e a colisão ocasiona a morte desses animais.
Mentais	Participação em discussões sobre desenvolvimento sustentável e energias renováveis. Aumento da autoconfiança das pessoas das comunidades. Entusiasmo inicial com a implantação dos projetos e empolgação com a esperança da melhoria de vida.	Impacto visual das torres eólicas, barulho ou ruído das turbinas e medo das peças ou das torres caírem, atrapalhando as atividades do dia a dia e até mesmo no descanso, o que reflete na saúde das pessoas, que passam a conviver com maior nível de insônia, estresse e transtornos psicológicos. Frustração de esperanças e expectativas.
Econômicos	Geração de empregos, dinamização da economia local, efeitos da energia eólica sobre o preço regional da energia e aumento da arrecadação tributária. Permite que o proprietário da terra desenvolva plantações ou criação de animais.	Destruição de territórios, desconstituição de atividades produtivas e desestruturação de modos de vida de subsistência. Em se tratando do setor primário, há riscos de prejudicar plantações e áreas destinadas ao extrativismo e à pesca.
Sociais	Realização de projetos sociais, culturais, de saúde e ambientais para desenvolvimento da população local. Ações de incentivo para prática de esporte aliada ao acompanhamento escolar.	Transformação da vida nas comunidades tradicionais, o que interfere na dinâmica social, nos hábitos, na expressão cultural e na forma como essas pessoas interagem com o meio. Rachaduras em casas residenciais próximas às torres ou de estradas para movimentação de máquinas e caminhões. Migração para povoação ou cidade (êxodo rural).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base em Guitarrara (2023) [com acréscimos e adaptações]

No Quadro 2, notamos que embora a energia eólica seja reconhecidamente uma fonte limpa e renovável de eletricidade não é inofensiva, uma vez que provoca impactos ambientais que não são desprezíveis. Há um falseamento do equilíbrio entre os aspectos positivos e os negativos gerados pela produção de energia eólica, cujas consequências podem ser evidenciadas nas objeções das comunidades espalhadas pelos diferentes estados nordestinos, revelando a falta de *compliance* ambiental (RIBAS; COSTA JUNIOR, 2019) e a necessidade da adoção de salvaguardas socioambientais (PLANO NORDESTE POTÊNCIA, 2024) para reduzir os danos causados aos sistemas ecológicos e sociais.

Na visão de Costa (2018), o modelo adotado para implantação da atividade econômica relativa à energia eólica vem causando problemas ao meio ambiente e às pessoas. O pesquisador explica que os parques eólicos têm deixado rastros de destruição na vida das comunidades atingidas nas diferentes fases de implantação dos projetos: obtenção do terreno (pela compra ou arrendamento), preparação da área (desmatamento, terraplanagem, compactação, abertura de estradas de acesso aos equipamentos), instalação dos aerogeradores e construção das linhas de transmissão.

No entanto, Costa (2018) reconhece que a produção de energia eólica é necessária, desde que preserve as funções e os serviços dos complexos sistemas naturais que combatem as consequências previstas pelo aquecimento global, sem afetar negativamente as populações locais e seus modos de vida.

Os impactos socioambientais podem ser pesquisados na perspectiva de diferentes ciências (Geografia, Ecologia, Economia, Direito Ambiental e outras), inclusive em abordagens interdisciplinares e transdisciplinares. No nosso caso, propomos um estudo na visão da linguística ambiental para entendermos o equilíbrio ou desequilíbrio (COUTO; FERNANDES, 2021) das questões ambientais na interação comunicativa das comunidades de fala (CF) das áreas afetadas.

#### **4. Linguística ambiental: uma abordagem interseccional**

As ideias seminais sobre linguística ambiental partiram do precursor Edward Sapir no ensaio clássico “Linguagem e ambiente” de 1911 (SAPIR, 2016). No entanto, possivelmente, o primeiro linguista a utilizar a expressão linguística ambiental por escrito tenha sido Maher em 1995, quando escreveu um capítulo de livro sobre o tema (MAHER, 1995). Pouco tempo depois, Harré, Brockmeier & Mülhäusler usam a expressão linguística ambiental só de passagem em um livro

publicado em 1998 que trata do discurso ambiental (HARRÉ; BROCKMEIER; MÜLHÄUSLER, 1998).

Em língua portuguesa, a primeira vez que ocorreu o uso da denominação linguística ambiental, no sentido que empregamos neste trabalho, deu-se por iniciativa de Couto em 2007, excetuando-se os empregos fora da linguística (COUTO, 2019).

Em se tratando da classificação da linguística ambiental dentro do quadro epistemológico aparentemente caótico da ecolinguística, Couto (2019) apresenta duas situações. Na primeira, o autor considera a linguística ambiental como um ramo da ampla área da ecolinguística em geral. Na segunda, classifica a linguística ambiental como um sub-ramo da análise do discurso ecossistêmica que, por sua vez, se insere na linguística ecossistêmica. Couto (2019, p. 101) argumenta que “a linguística ecossistêmica poderia ser um ponto, uma perspectiva de unificação ecológica das ciências da linguagem, com o que sairíamos do aparente ‘caos’ terminológico”. Com essa afirmativa, o autor esclarece que há muitas intersecções e sobreposições entre as subáreas da ecolinguística e admite que existe uma espécie de competição darwiniana entre elas.

O nosso entendimento dentro desse quadro epistemológico é de que a linguística ambiental é um ramo da ecolinguística que se intersecciona com a própria ecolinguística, a linguística ecossistêmica, a análise do discurso ecossistêmica e a análise do discurso ambiental, cuja posição assumimos nesta pesquisa.

Em termos conceituais, a linguística ambiental é o estudo, análise ou crítica de textos-discursos que tratam de temas ambientais, sejam ambientalmente corretos, acontecimentos antiambientais ou pseudoambientais (COUTO, 2019). Assim, podemos entender que a linguística ambiental é o estudo linguístico de questões que tenham a ver com o ambientalismo. Por este prisma, o objeto dos textos-discursos estudados pela linguística ambiental deve ter relação com o ambientalismo. Couto (2019) explica que a linguística ambiental pode ser feita por linguistas de qualquer orientação teórica ou por não linguistas, desde que usem um modelo teórico linguístico. Ainda acrescenta que a linguística ambiental pode se dedicar a textos-discursos que tratem de toda e qualquer questão ambiental, usando ou não um modelo teórico de cunho ecológico. Couto arremata afirmando que a linguística ambiental é ‘ambiental’ pelo objeto e não pela teoria nem pela metodologia adotada (COUTO, 2019). No nosso caso, o objeto são as questões socioambientais dos impactos dos parques eólicos.

## ECO-REBEL

Para fundamentação teórica desta pesquisa, procuramos nos embasar na linguística ambiental em uma abordagem interseccional com a ecolinguística, a linguística ecossistêmica e a análise do discurso ecossistêmica.

A ecolinguística inicialmente foi conceituada como o estudo das relações entre língua e meio ambiente (HAUGEN, 1972; COUTO, 2007), sendo depois atualizado para o estudo das interações verbais que se dão no interior do ecossistema linguístico (COUTO, 2013). Para a ecolinguística, a língua é o modo como os membros da comunidade interagem entre si, constituindo uma realidade biopsicossocial, por meio das inter-relações naturais, mentais e sociais.

A linguística ecossistêmica é a vertente brasileira da ecolinguística praticada sobretudo no eixo Brasília-Goiânia, que leva em conta o ecossistema linguístico, constituído de uma população ou de um povo (P), vivendo e convivendo em seu território (T) e interagindo os seus membros entre si e com o meio através da língua (L).

O estudioso da linguística ambiental pode usar conceitos e categorias da ecolinguística e da linguística ecossistêmica em suas análises de textos-discursos. Todos esses conceitos ou categorias têm a ver com o ecossistema. Um dos conceitos básicos é o de holismo, propriedade que faz com que o observador olhe para seu objeto de estudo como um todo e não apenas a parte que lhe interessa.

O estudioso da linguística ambiental pode usar conceitos e categorias da ecolinguística e da linguística ecossistêmica em suas análises de textos-discursos. Todos esses conceitos ou categorias têm a ver com o ecossistema. Um dos conceitos básicos é o de holismo, propriedade que faz com que o observador olhe para seu objeto de estudo como um todo e não apenas a parte que lhe interessa. No holismo, estão incluídos outros conceitos e propriedades, como interação, diversidade, adaptação, evolução, porosidade/abertura, redução/reúso/reciclagem e visão de longo prazo, entre outros (COUTO, 2020), aos quais acrescentamos a sustentabilidade.

Couto & Fernandes (2021, p. 19) afirmam que de acordo com “as categorias da Linguística Ecossistêmica, é importante distinguir os desequilíbrios que podem surgir nos ecossistemas natural, mental e social, porque não somos apenas seres animais (naturais); também temos uma vida mental e vivemos em sociedade”.

Para um linguista ambiental analisar discursos relativos a questões ambientais pode realizar uma intersecção com a análise do discurso ecossistêmica. Diferentemente do que fazem as análises do discurso tradicionais, que enfatizam questões de ideologia (política) e relações de poder, a análise

do discurso ecossistêmica enfatiza dois aspectos: 1 – defesa da vida (não apenas dos humanos, mas de todos os seres vivos); e 2 – luta contra o sofrimento evitável nos níveis natural, mental e social (SILVA, 2020). Na análise das questões ambientais, o estudioso deve considerar não apenas as interações harmônicas, que levam à comunhão, conceito central na linguística ecossistêmica e da visão ecológica de mundo (VEM) em geral, mas também as relações desarmônicas, conflituosas, que causam a descomunhão e devem ser resolvidas enfatizando a harmonização.

### **5. Ecometodologia: materiais e métodos**

Entendemos que esta pesquisa exige um olhar ecossistêmico e transdisciplinar. Por isso, adotamos a ecometodologia, com base em Garner (2004) e discutida por Albuquerque (2015), que possibilita uma visão holística do objeto de estudo. Para uma compreensão mais específica das inter-relações entre os impactos ambientais, mentais, econômicos e sociais, levamos em conta os métodos da focalização (GARNER, 2004), com aproximação do foco em aspectos específicos dos impactos socioambientais em estudo, e da netnografia (FERRO, 2015), pelo fato do nosso material de análise ter sido selecionado de textos-discursos que circulam na internet, todavia, tendo o cuidado e o compromisso de manter o rigor, a condução ética e a fidedignidade.

O *corpus* da pesquisa constitui-se de amostras de matérias publicadas em agências e portais, com foco nos impactos socioambientais dos parques eólicos; discursos institucionais de natureza ambiental (declarações de empresas do setor de energia e documentos de organizações que abordam a implantação dos parques) e depoimentos de profissionais especializados e de moradores das comunidades publicados nos textos-discursos selecionados.

Quanto às matérias publicadas, selecionamos cinco textos-discursos produzidos por diferentes fontes (agências e portais) e divulgados na internet entre 2019 e 2024 sobre a temática dos impactos dos parques eólicos no nordeste do Brasil, sem seguir a sequência cronológica da publicação, mas a ordem dos conteúdos: texto-discurso 1) “O pouco conhecido impacto negativo da energia eólica no Nordeste”, da agência BBC News Brasil, disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-49858734> ,

publicado em 06 out. 2019; texto-discurso 2) “Comunidades rurais do Nordeste enfrentam desafios causados por parques eólicos”, produzido pela organização Marco Zero Conteúdo e divulgado pelo portal Mongabay Brasil”, disponível em:

<https://brasil.mongabay.com/2023/10/comunidades-rurais-do-nordeste-enfrentam-desafios-causados-por-parques-eolicos/>, publicado em 19 out. 2023; texto-discurso 3) “Impacto das eólicas foi desigual para os nordestinos do semiárido, do portal Movimento Econômico”, disponível em: <https://movimentoeconomico.com.br/economia/energia/2024/07/30/o-impacto-das-eolicas-foi-desigual-para-os-nordestinos-do-semiarido/>,

publicado em 30 jul. 2024; texto-discurso 4) “Moradores de comunidades em Simões intensificam manifestações por descumprimento de acordos com empresas eólicas e prefeitura”, do portal InfoNews disponível em:

<https://infonewss.com/moradores-de-comunidades-em-simoes-intensificam-manifestacoes-por-descumprimento-de-acordos-com-empresas-eolicas-e-prefeitura/>

, publicado em 20 maio 2024; e texto-discurso 5) Energia eólica: relatório aponta medidas para reduzir impactos”, da agência Eco Nordeste, disponível em:

<https://agenciaeconordeste.com.br/energia-eolica-relatorio-aponta-medidas-para-reduzir-impactos/>,

publicado em 04 mar. 2024.

Esclarecemos que para realização deste estudo não submetemos projeto à plataforma Brasil para apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) por se tratar de uma investigação que utiliza informações de acesso público, divulgadas na internet sem restrição às buscas, não estando sujeitas a limitações relacionadas à privacidade, à segurança ou ao controle, o que está em conformidade com os artigos 1º, inciso II, e 2º, inciso VI, da Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016 (BRASIL, 2016). Em todo caso, tivemos a preocupação ética de não citar o nome de informantes, referindo-nos apenas à atuação profissional, seguida da comunidade, cidade e estado de origem. Nos procedimentos de análise, levamos em conta categorias da linguística ambiental, em intersecção com a ecolinguística, a linguística ecossistêmica e a análise do discurso ecossistêmica que emergem no discurso ambiental presente nos excertos dos textos-discursos selecionados.

### **6. Análise e discussões**

Em nossa análise e discussões, consideramos o discurso de empresas do ramo de energia eólica, pesquisadores, profissionais especializados e moradores das comunidades atingidas – na prática, os que sofrem as maiores consequências dos impactos negativos da implantação de parques eólicos, abrangendo diferentes estados para termos uma amostra representativa da região.

## ECO-REBEL

No excerto selecionado do texto-discurso 1 do *corpus* desta pesquisa, um pesquisador reconhece a importância da energia eólica, mas alerta que as fazendas eólicas têm um lado ruim que precisa ser compreendido pela sociedade:

Gerar energia renovável mediante a força dos ventos é uma importante estratégia para que o Brasil cumpra com suas metas de desenvolvimento sustentável e precisa ser estimulada, [...]. Mas, apesar de renovável, ela não é inofensiva à natureza. Há impactos sobre a fauna, principalmente morcegos e aves, que controlam pragas. Eles se chocam contra as pás das hélices e morrem (Pesquisador da UFPE, Recife-PE).

Na manifestação discursiva do pesquisador, percebemos os impactos ambientais negativos em razão da morte de aves e morcegos em decorrência de choques contra as pás das hélices das torres instaladas nos parques eólicos. Esta situação provoca impactos mentais, mediante a preocupação gerada nas pessoas. A morte desses animais traz também impactos econômicos porque eles se alimentam de insetos, que fazem parte de sua cadeia alimentar, desempenhando um controle natural desses seres invertebrados, pois o aumento da população de insetos em decorrência da morte de aves e morcegos pode prejudicar as plantações e afetar negativamente a produção agrícola, causando a diminuição da renda. Além disso, pode acarretar impactos sociais, como a diminuição da oferta de alimentos, causando fome e migração.

Do ponto de vista da linguística ambiental, em sua interseção com a ecolinguística e a linguística ecossistêmica, notamos a falta de uma visão holística na implantação dos parques eólicos, uma vez que não há uma visão do ecossistema como um todo, com as empresas voltando-se apenas para a instalação dos parques, sem preocupação com o meio ambiente e as consequências para a população local.

Com base na interseção da linguística ambiental com a análise do discurso ecossistêmica, verificamos a necessidade da luta em defesa da vida dos animais (aves e morcegos), o que está de acordo com a visão de Silva (2020).

No primeiro excerto selecionado do texto-discurso 2, constatamos que o povoado Enxu Queimado, no município de Pedra Grande, litoral do Rio Grande do Norte, alimentava grandes esperanças no parque eólico a ser instalado na comunidade, esperanças que foram frustradas logo que as hélices começaram a girar:

## ECO-REBEL

Eles [empresários das eólicas], quando chegaram aqui, fizeram reuniões com a comunidade e foi toda aquela propaganda muito bonita [...]. Disseram que íamos transitar normalmente nas áreas dos parques, que poderíamos criar gado e que os produtores rurais seriam beneficiados. Também prometeram um serviço social maravilhoso, porque tudo que eles pudessem fazer pela comunidade eles fariam. Mas a realidade é que não fizeram absolutamente nada (Pescadora e líder comunitária, povoado Enxu Queimado, Pedra Grande-RN).

No posicionamento da pescadora e líder comunitária, de início percebemos o impacto mental, a princípio positivo, de que houve “reuniões com a comunidade e foi toda aquela propaganda muito bonita”, assim como um impacto ambiental positivo em “que íamos transitar normalmente nas áreas do parque”, juntamente com um impacto econômico positivo, no sentido de que poderiam criar gado e que os produtores rurais seriam beneficiados, culminando com um impacto social positivo na promessa de “um serviço social maravilhoso”. Porém, depois vem a frustração com o desequilíbrio (COUTO; FERNANDES, 2021) gerado pelo não cumprimento das promessas, atingindo a dinâmica das famílias da comunidade e a perda de suas fontes de subsistência.

No segundo excerto destacado também do texto-discurso 2, temos o seguinte depoimento de um pescador da comunidade: “Nossa tradição era correr nas dunas e tomar banho nas lagoas, além de plantar e colher nas matas e várzeas [...] Mas a nossa área verde acabou. Eles passaram um ano inteiro só desmatando e destruindo os morros de areia para construir os parques” (Pescador, povoado Enxu Queimado, Pedra Grande-RN).

No discurso do pescador, notamos o impacto social provocado pelo parque eólico na comunidade, afetando a tradição de “correr nas dunas e tomar banho nas lagoas”, associado ao impacto econômico de prejudicar o plantio e a colheita nas matas e várzeas, em consequência do impacto ambiental do desmatamento e destruição dos montes de areia para construção do parque, acabando com a área verde da comunidade.

Em ambos os excertos do texto-discurso analisado, percebemos a falta de comunhão (COUTO, 2020) nas ações e no discurso da empresa de energia eólica e com os moradores de Enxu Queimado, gerando conflito socioterritorial, bem como na interação comunicativa, entre a instituição e a população da comunidade.

Nos excertos do texto-discurso 3, percebemos que os contratos de arrendamento firmados entre as empresas eólicas e os pequenos proprietários rurais refletem a desigualdade social.

No aspecto social, o maior problema está nos contratos que impõem restrições ao uso da terra pelas comunidades. Na assinatura dos contratos,

## ECO-REBEL

há uma disparidade entre quem tem uma assessoria jurídica com capacidade de pagar por isso e quem não tem. Os grandes latifundiários não têm contratos abusivos [...] A estipulação de remunerações irrisórias demonstra um abuso cometido frente à fragilidade dos núcleos familiares, oferecendo uma renda que não reflete o proveito econômico da atividade realizada na propriedade (Consultor ambiental, advogado e pesquisador da UFPB, João Pessoa-PB).

Em seu discurso, o consultor ambiental, especializado em direito econômico, alerta que o maior impacto social negativo provocado pelas empresas eólicas está nos contratos de arrendamento firmado entre os pequenos proprietários rurais. Isto desencadeia outros impactos negativos, a saber: ambientais, pelas restrições impostas ao uso da terra; econômicos, pelas “remunerações irrisórias”, que não refletem “o proveito econômico da atividade realizada na propriedade”, uma vez que a energia elétrica gerada na região é vendida por um preço elevado; e mentais, por discriminar os pequenos proprietários ou posseiros e tirar proveito de suas vulnerabilidades.

A respeito dessas situações contratuais, Costa (2018) explica que o discurso do ambientalmente correto esconde práticas socialmente injustas das empresas de investidores nas atividades eólicas, evidenciadas cada vez mais com o passar do tempo. Para implantação dos parques e complexos, as empresas dos ventos utilizam diferentes expedientes como a celebração de contratos draconianos, expressão da área jurídica que significa instrumentos excessivamente rigorosos, inflexíveis e desumanos, com cláusulas abusivas que beneficiam apenas uma das partes (as empresas eólicas). Essa situação é agravada pela compra de grandes extensões de terras e até com a apropriação indevida de áreas com características de terras devolutas e de uso coletivo.

Na visão da linguística ambiental, evidenciamos a questão do discurso ambientalmente correto, que esconde práticas maléficas, com a falta de sustentabilidade e da visão de longo prazo, bem como o desrespeito à diversidade.

No texto discurso-discurso 4, temos as manifestações de discurso e de reivindicações que ocorrem em comunidades no município de Simões-PI, localizadas na Chapada do Araripe (marco geográfico do relevo nordestino que fica na divisa de 3 estados: Ceará, Pernambuco e Piauí), com vários parques instalados que formam um grande complexo eólico.

Os moradores das comunidades Serra do Maracujá, Serra dos Cecílio, Serra dos Rafael e Serra do Jatobá protestam por descumprimento de acordos com duas empresas eólicas e a prefeitura municipal de Simões-PI.

## ECO-REBEL

Uma mulher residente na Serra do Maracujá, relatou a difícil situação em que vive com três filhos após a instalação do parque eólico: “Olha a situação da minha casa, será se tem como esperar mais tempo, já faz oito meses, imagina viver nessa situação com três crianças? (Agricultora e moradora da Serra do Maracujá, Simões-PI).

Em sua fala, a agricultura refere-se às rachaduras das paredes de sua casa em consequência dos impactos ambientais negativos causados pela instalação do parque eólico.

Outra mulher manifestou a sua indignação pelo descaso com as reivindicações da comunidade:

Estamos mais uma vez lutando. A empresa já esteve aqui e prometeu muitas coisas, mas até agora nada foi cumprido. O que está sendo feito é desigual: algumas pessoas recebem benefícios, enquanto outras são deixadas de lado. Não queremos confusão com a empresa, apenas o cumprimento das promessas feitas. Queremos respeito e estamos apenas exigindo nossos direitos. Quando a empresa chegou, prometeu reformar nossas casas e recuperar as estradas, mas até agora não tivemos respostas. O que pedimos é respeito. Antes da chegada da empresa, mesmo vivendo humildemente, tínhamos sossego, e agora nem isso nos resta (Agricultora e moradora da Serra dos Rafael, Simões-PI).

A agricultora expõe toda a situação de descaso das duas empresas dos ventos e da prefeitura municipal de Simões-PI com os moradores da comunidade, relatando os impactos mentais negativos dos parques eólicos, dizendo que a população atingida não quer confusão com a empresa, convive com a discriminação e revela a perda de sossego após a instalação do parque eólico. E acrescenta os impactos ambientais negativos (falta de reforma nas casas residenciais e recuperação das estradas), econômicos (algumas pessoas recebem benefícios e outras são deixadas de lado) e sociais (falta de respeito aos moradores e não cumprimento das promessas).

Por sua vez, uma das empresas dos ventos emitiu um comunicado, informando que “preza pelo diálogo aberto e transparente com a população e destaca que possui um projeto de longo prazo, de aproximadamente 30 anos, que traz diversos benefícios para o município, como geração de emprego e renda, e incentivo à economia local”. A empresa acrescenta que conta com todas as licenças exigidas pelos órgãos fiscalizadores e segue rigorosos padrões internacionais na implementação do parque eólico, que demonstra o potencial de Simões em contribuir com a transição energética no Brasil.

Com base na linguística ambiental (COUTO, 2019), entendemos que se trata de um discurso do pseudoambientalismo, que busca mascarar a realidade para enganar a sociedade e ludibriar a comunidade para continuar com os danos ao meio ambiente e à população local. Apesar do

## ECO-REBEL

comunicado emitido, a empresa não apresentou respostas satisfatórias e ainda acionou a justiça e protocolou ações judiciais na Comarca de Simões-PI contra os manifestantes. Como resultado, muitos moradores receberam intimações acompanhadas de ameaças de multas que chegam a R\$ 10.000,00 (dez mil reais), sendo pressionados a encerrar as reivindicações realizadas de forma pacífica e socialmente consciente.

Em nossa análise, percebemos a falta de *compliance* ambiental, que no entendimento de Ribas & Costa Júnior (2019) é um instrumento que tem papel relevante na busca do meio ambiente ecologicamente equilibrado, no qual empresa e moradores das comunidades devem estar em conformidade no cumprimento de normas, leis, acordos, regulamentos e políticas que tenham a ver com as questões ambientais, protegendo as empresas de riscos financeiros e reputacionais e respeitando o meio ambiente e os direitos das pessoas das comunidades.

Em se tratando da interação comunicativa, vemos que ocorre uma quebra do equilíbrio na comunidade de fala, causando desarmonia e gerando a descomunhão entre as empresas dos ventos e os moradores, resultando no sofrimento evitável da população local.

No texto-discurso 5, temos a preocupação com a energia eólica e a iniciativa da elaboração de um documento que aponta salvaguardas para reduzir impactos negativos dos parques eólicos na região nordeste do Brasil. O relatório (concluído em janeiro/2024), denominado Salvaguardas Socioambientais para Energia Renovável, é resultado de uma construção coletiva de medidas de mitigação propostas por mais de 30 entidades – a maioria de povos e de populações tradicionais do Nordeste.

Uma bióloga, representante de uma instituição que promove a justiça ambiental e que participou da elaboração do documento, referindo-se à praia de Icarai, em Amontada, no litoral cearense, afirma que a comunidade é uma das áreas impactadas pela implantação dos aerogeradores, que alteram a paisagem e a cultura local:

Tem uma Icarai antes e outra depois das eólicas, que deixaram a praia irreconhecível [...]. Agora existem latifúndios à beira-mar, que passou a ter restrição de uso comum, com a presença de motoqueiros que impedem o acesso dos pescadores [...]. Houve assédio e violência contra as mulheres e meninas que se encontravam em situação de vulnerabilidade. E hoje existe uma geração de filhos desses homens, mas que não têm o nome do pai na certidão de nascimento, porque ele foi (sic) embora após a obra (Bióloga e representante de instituição, praia de Icarai, Amontada-CE).

## ECO-REBEL

A bióloga aponta os impactos socioambientais na paisagem local onde foram implantadas as turbinas eólicas com a destruição das dunas e das lagoas que abrigavam aves, répteis e anfíbios, assim como a restrição para circulação das pessoas na área. E ainda cita a inexistência de um código de conduta e ética dos operários que trabalharam na implantação do parque eólico e deixam “os filhos sem pai”. E lamenta o fato de a comunidade não ter a quem responsabilizar por esse e outros impactos socioambientais porque, às vezes, os contratos se renovam automaticamente e as empresas mudam de dono sem que os moradores de Icarai de Amontada tomem conhecimento.

Um líder quilombola que colaborou com a elaboração das salvaguardas afirma que a comunidade não é contra a transição energética, nem os parques eólicos, mas sim a maneira como é feita a implantação dos empreendimentos: “A forma como ocorre não tem nada de limpa. É suja, impacta. É possível isso mudar, mas desde que seja pensado, construído também por nós” (Líder quilombola da comunidade Cumbe, Aracati-CE).

Uma liderança indígena de Tacaratu-PE e coordenador de uma organização dos povos indígenas, que participou da elaboração do documento de salvaguardas, relata os impactos observados: “Os aerogeradores fazem um barulho constante, que abala a saúde mental das pessoas que moram perto. Na aldeia Baixa do Lero (Tacaratu – PE) os moradores escutam dentro de casa”.

Outro problema apontado pelo indígena é o desaparecimento de plantas utilizadas em rituais sagrados: “Temos encontrado muita dificuldade em achar cansanção (uma urtiga), umbuzeiro, croá. O espaço onde tinha bastante cansanção é onde estão a usina solar e a eólica, mas com o desmatamento da caatinga não tem mais”. E acrescenta: “Nossa espiritualidade vem da natureza. Os impactos ambientais afetam nosso modo de vida, nossa cultura” (Alexandre Santos, liderança indígena do povo Pankararu, na aldeia Baixa do Lero, Tacaratu-PE).

O representante indígena aponta os impactos socioambientais de forma integrada, começando pelos impactos mentais causados pelo barulho dos aerogeradores, passando pelos impactos ambientais provocados pelo desmatamento da caatinga e destruição de plantas, culminando com os impactos sociais que afetam o modo de vida, a cultura e a espiritualidade.

Em nossa análise e discussões, constatamos que, diante de tantos impactos negativos provocados pela instalação dos parques eólicos, os ventos agora sopram em direção ao meio ambiente mental da língua. As comunidades se articularam no sentido de elaborar um documento, com a consciência de que “A crescente expansão de renováveis, da forma que tem sido feita, tem intensificado conflitos territoriais, gerado ameaças à biodiversidade, agravado injustiças e danos

socioambientais aos povos do campo, da floresta, das águas e aos seus ecossistemas” (Plano Nordeste Potência, 2024, p. 7).

Pelo que vimos, existe a necessidade urgente de salvaguardar vidas, ecossistemas, paisagens e atividades já existentes nos territórios afetados. Além de corrigir os rumos de planos e projetos, também é fundamental garantir reparação dos danos já causados, bem como a mitigação dos impactos socioambientais discutidos. As salvaguardas socioambientais constituem um relatório com propostas para contratos de uso da terra, licenciamento ambiental, outorgas para geração e transmissão de energia, além de uma seção específica sobre as linhas de transmissão, para subsidiar todos os setores e segmentos envolvidos.

Os resultados da pesquisa mostram que os parques eólicos provocam impactos ambientais, mentais, econômicos e sociais, evidenciados pelo desequilíbrio, dificuldades na adaptação, não consideração da diversidade e falta do holismo e da visão de longo prazo, o que motiva posicionamentos na luta pelo sofrimento evitável da população e em defesa da vida.

### **7. Considerações finais**

A escolha da área de um município para instalação de um parque eólico no nordeste do Brasil cria a ilusão de prosperidade, com a promessa da geração de emprego e aumento da renda, mediante o discurso de um pseudoambientalismo que funciona como uma propaganda enganosa. Há inclusive a cooptação do Estado, com financiamento de bancos oficiais, incentivos fiscais e facilitações no licenciamento ambiental, no afã de aumentar a arrecadação de tributos, elevar o PIB (Produto Interno Bruto) e faturar politicamente.

De início, acontece uma euforia na etapa de instalação dos equipamentos, com a execução das obras civis que atraem trabalhadores locais e de outras regiões, mas depois da conclusão ocorrem as demissões, ficando poucos postos de trabalho.

Para os moradores das comunidades, os parques eólicos pagam aluguéis apenas para os proprietários ou posseiros que cedem as suas terras, recebendo a remuneração de aproximadamente de R\$ 2.000,00 (dois mil reais) para cada torre instalada, por meio de contratos com a falta de *compliance* ambiental, sem transparência e com a falta de lisura nas cláusulas. As demais pessoas não recebem pagamento, mas sofrem todos os impactos socioambientais negativos. Essas pessoas poderiam ser beneficiadas pelas obras sociais e coletivas, caso as empresas cumprissem as suas promessas.

## ECO-REBEL

Muitos moradores das comunidades vivem nas imediações dos parques eólicos, têm suas casas, os terrenos e a própria saúde afetados, pagam caro pelas consequências e não obtêm qualquer remuneração, o que tem gerado desequilíbrio e quebrado a harmonia na interação entre os moradores, as comunidades e os representantes das empresas dos ventos.

Diante dessa realidade, surge a necessidade de criação de mecanismos de proteção contra os riscos, os danos e os impactos que esses empreendimentos impõem aos territórios e aos povos e comunidades que neles habitam, levando diferentes comunidades a construírem um documento denominado salvaguardas socioambientais.

Concluimos que há necessidade da construção de salvaguardas socioambientais como estratégia de harmonização por meio da língua (L) para estabelecer a comunhão entre a exploração do potencial eólico da região e a vida da população (P) que habita os territórios afetados (T), a fim de minimizar os impactos dos parques eólicos aos ecossistemas.

### Referências

ABEEólica. Associação Brasileira de Energia Eólica e Novas Tecnologias. Disponível em: <https://abeeolica.org.br/> Acesso em: 27 jan. 2025.

ALBUQUERQUE, Davi Borges. Palavras iniciais sobre metodologia em ecolinguística. *Via Litterae*, v. 7, n. 1, 2015, p. 131-142.

ALMEIDA, Rosana Batista. Impactos ambientais de parques eólicos no semiárido baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas. *Cadernos IHU Ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos*, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003) – São Leopoldo, RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.

BRASIL. Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016. Publicada no *DOU* nº 98, terça-feira, 24 maio 2016 – seção 1, p. 44, 45, 46. Brasília-DF, 2016.

BRASIL. Lei nº 15.097, de 10 de janeiro de 2025. Disciplina o aproveitamento de potencial energético offshore... *Diário Oficial da União – Edição Extra*, Ano CLXIII, n. 7-B, seção 1, 10 jan. 2025. Brasília - DF, 2025.

CASARIN, Ricardo. Quais estados brasileiros produzem mais energia eólica e solar. Portal solar. 02 maio 2024. Disponível em: <https://www.portalsolar.com.br/quais-estados-brasileiros-produzem-mais-energia-eolica-e-solar> Acesso em: 30 jan. 2025.

COSTA, Heitor Scalabrini. Energia eólica e os desafios socioambientais. *O Eco - Jornalismo Ambiental*. 2018. Disponível em: <https://oeco.org.br/analises/energia-eolica-e-os-desafios-socioambientais/> Acesso em: 26 jan. 2025.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

- COUTO, Hildo Honório do. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 14 (1), 2013, p. 275-313. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/22250/20296> Acesso em: 30 set. 2024.
- COUTO, Hildo Honório do. Linguística ambiental. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 05, n. 01, p. 96-112, 2019.
- COUTO, Hildo Honório do. Análise do discurso ecossistêmica – ADE. *Árboles y Rizomas*, Universidad de Santiago de Chile, v. II, n. 2 (julio-diciembre, 2020): 1-14.
- COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. *Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática* [recurso eletrônico]. Brasília: Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2021. Disponível em: <http://www.ecoling.unb.br/images/E5.pdf> Acesso em: 7 nov. 2024.
- FERRO, Ana Paula Rodrigues. A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível. *Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós*, ano 5, n. 19, ago. 2015, p. 1-5.
- GARNER, Mark. *Language: An ecological view*. Oxford: Peter Lang, 2004
- GUITARRARA, Paloma. Impactos negativos da energia eólica. Brasil Escola. 2023. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/impactos-negativos-da-energia-eolica.htm>. Acesso em: 19 out. 2024.
- GORAYEB, Adryane; BRANNSTROM, Christian; MEIRELES, Antonio Jeovah de Andrade (orgs.). Impactos socioambientais da implantação dos parques de energia eólica no Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2019. (Coleção Estudos Geográficos da UFC). Disponível em: [https://www.observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/wp-content/uploads/2019/07/livro\\_web.pdf](https://www.observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/wp-content/uploads/2019/07/livro_web.pdf) Acesso em: 26 jan. 2025.
- HAUGEN, Einar. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.
- HARRÉ, Rom; BROCKMEIER, Jens; MÜHLHÄUSLER, Peter. *Greenspeak: a study of environmental discourse*. Thousand Oaks, Cal.: Sage Publications, 1998.
- MAHER, John Christopher. The right stuff: towards an environmental linguistics. In: MAHER, J.; GAYNOR, Marilyn MacDonald (orgs.). *Diversity in Japanese culture and language*. Londres: Routledge, 1995, p. 95-117.
- MOREIRA, Roseilda Nunes; MARINHO, Luciana Freire de Lima; TEIXEIRA, Roberto Ney Ciarlini. Impactos socioambientais positivos e negativos: um estudo sobre a energia eólica no estado do Ceará. 20º ENGEMA - Encontro Internacional sobre Gestão Ambiental e Meio Ambiente (ENGEMA), 3 a 5 de dezembro de 2018 – FEA/USP, 2018. p. 1-15.
- PLANO NORDESTE POTÊNCIA. *Salvaguardas socioambientais para energia renovável*. Jan. 2024. Disponível em: <https://nordestepotencia.org.br/wp-content/uploads/2024/01/Salvaguardas-para-renovaveis.pdf> Acesso em: 07 nov. 2024.
- RIBAS, Felipe Santos; COSTA JUNIOR, Arlei. A importância do compliance ambiental para as empresas. Interfaces entre governança corporativa e impactos socioambientais. *RJLB*, Ano 5 (2019), n. 3, 581-610.
- SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: COUTO, Hildo Honório do Couto; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto; ARAÚJO, Gilberto Paulino de Araújo; Davi ALBUQUERQUE,

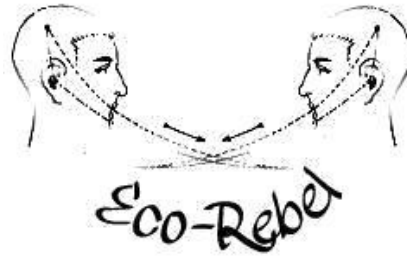
## **ECO-REBEL**

Borges de (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 2016.

SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e análise do discurso ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 06, n. 02, p. 90-106, 2020.

Aceito em 30 de junho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.



## VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE BIOCULTURAL POR MEIO DO ESTUDO DOS NOMES VERNACULARES DE PLANTAS E ANIMAIS

Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)

**Abstract:** The dialogue between ethnosciences and ecolinguistics, focused on the vernacular names of fauna and flora species, reveals the deep interconnection between linguistic diversity and the understanding of ecosystems. The vernacular names of animals and plants play a fundamental role in this dialogue, as they carry information about the characteristics, uses and behaviors of species, revealing the ethnoecological knowledge accumulated over generations. Ecolinguistics helps to understand how these vernacular names express the cultural relationship with nature, showing how language shapes the perception and interaction with ecosystems. Vernacular names often reflect not only the physical characteristics of species, but also their roles in the belief systems, diet and economy of the community. Thus, the study of these names allows access to a wealth of ecological knowledge that can be vital for the conservation of biodiversity. This dialogue between ethnosciences and ecolinguistics is essential for the preservation of traditional knowledge, since phytonyms and zoonyms are often at risk of disappearing along with the languages and cultures that originated them. The appreciation and documentation of this knowledge contributes to the conservation of biocultural diversity, recognizing that the protection of the environment is intrinsically linked to the preservation of the languages and cultural practices that keep this knowledge alive.

**Keywords:** Phytonymy; zoonymy; ethnotaxonomy

**Resumo:** O diálogo entre etnociências e ecolinguística, focado nos nomes vernaculares de espécies da fauna e flora, revela a profunda interconexão entre a diversidade linguística e a compreensão dos ecossistemas. Os nomes vernaculares de animais e plantas desempenham um papel fundamental nesse diálogo, pois carregam informações sobre características, usos e comportamentos das espécies, revelando o conhecimento etnoecológico acumulado por gerações. A ecolinguística ajuda a compreender como esses nomes vernaculares expressam a relação cultural com a natureza, mostrando como a linguagem molda a percepção e a interação com os

## ECO-REBEL

ecossistemas. Muitas vezes, os nomes vernaculares refletem não apenas características físicas das espécies, mas também seus papéis nos sistemas de crenças, na alimentação e na economia da comunidade. Assim, o estudo desses nomes permite acessar uma riqueza de conhecimento ecológico que pode ser vital para a conservação da biodiversidade. Esse diálogo entre etnociências e ecolinguística é essencial para a preservação de saberes tradicionais, pois muitas vezes os fitônimos e os zoônimos correm o risco de desaparecer junto com as línguas e culturas que os originaram. A valorização e documentação desses conhecimentos contribuem para a conservação da diversidade biocultural, reconhecendo que a proteção do meio ambiente está intrinsecamente ligada à preservação das línguas e das práticas culturais que mantêm esse conhecimento vivo.

**Palavras-chave:** Fitonímia; zoonímia; etnotaxonomia.

**Resumen:** El diálogo entre etnociencias y ecolingüística, centrado en los nombres vernáculos de las especies de fauna y flora, revela la profunda interconexión entre la diversidad lingüística y la comprensión de los ecosistemas. Los nombres vernáculos de animales y plantas juegan un papel fundamental en este diálogo, pues llevan información sobre las características, usos y comportamientos de las especies, revelando el conocimiento etnoecológico acumulado durante generaciones. La ecolingüística ayuda a comprender cómo estos nombres vernáculos expresan la relación cultural con la naturaleza, mostrando cómo el lenguaje moldea la percepción y la interacción con los ecosistemas. Los nombres vernáculos a menudo reflejan no sólo las características físicas de las especies, sino también sus roles en los sistemas de creencias, la dieta y la economía de la comunidad. Así, el estudio de estos nombres permite acceder a una riqueza de conocimientos ecológicos que puede ser vital para la conservación de la biodiversidad. Este diálogo entre etnociencias y ecolingüística es esencial para la preservación de los conocimientos tradicionales, ya que los fitónimos y zoónimos a menudo corren el riesgo de desaparecer junto con las lenguas y culturas que los originaron. La valorización y documentación de estos conocimientos contribuye a la conservación de la diversidad biocultural, reconociendo que la protección del medio ambiente está intrínsecamente ligada a la preservación de las lenguas y prácticas culturales que mantienen vivos estos conocimientos.

**Palabras-clave:** Fitonimia; zoonimia; etnotaxonomía.

### 1. Introdução

A interconexão entre diversidade linguística e ecossistemas é um tema de crescente relevância nas discussões acadêmicas contemporâneas (COUTO, 2007). A forma como os povos nomeiam e falam sobre a natureza pode moldar suas percepções e ações em relação ao meio ambiente (FILL; MUHLHAUSLER, 2001). Essa abordagem revela que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um agente de formação de pensamento e identidade cultural.

O diálogo entre etnociências e ecolinguística, particularmente em relação aos nomes vernaculares de animais e plantas, oferece uma janela única para compreender como as culturas

humanas interagem com o meio ambiente (COUTO, 2009). Os saberes tradicionais de diferentes culturas, focando na maneira como estas percebem e interagem com o mundo natural, refletem um *corpus* e uma *práxis* acumulados ao longo do tempo (POSEY, 1999). Por exemplo, comunidades indígenas têm uma relação intrínseca com as espécies da flora e fauna locais, desenvolvendo um entendimento profundo sobre os ciclos de vida, habitats e propriedades alimentícias e medicinais das espécies que habitam suas terras (HUNN, 1993).

### 2. Nomes vernaculares e os estudos em etnobiossistemática

Os nomes vernaculares desempenham um papel central nas inter-relações dos seres humanos com o mundo natural. Eles não são meras designações, mas carregam significados que englobam aspectos culturais, ecológicos e até espirituais (DA-SILVA, 2023). Ao estudar os nomes vernaculares, os pesquisadores em etnossistemática podem identificar correspondências e diferenças entre os saberes locais e os sistemas científicos, promovendo o diálogo entre saberes e contribuindo para a conservação da biodiversidade e do patrimônio cultural. Este é o caso da flor-mariposa ou lírio-borboleta (*Hedychium coronarium*, Zingiberaceae; Figura 1), macrófita aquática considerada exótica e invasora fora da região do Himalaia, seu centro dispersor (SANTOS et al., 2005). Devido à sua presença na cultura cubana, a flor-mariposa foi eleita, em 13 de outubro de 1936, pela Assembleia Legislativa do Poder Popular, como flor nacional e atributo pátrio (BITENCOURT; CORDOVEZ LÓPEZ, 2024).

Através dos nomes dados a animais e plantas, as comunidades expressam seu conhecimento e suas interações com esses seres. Por exemplo, a nomenclatura de uma planta medicinal pode incluir referências ao seu uso na medicina tradicional, indicando a importância dessa espécie para a saúde da comunidade (BERLIN, 1992). Exemplos: *Chenopodium anthelminticum*, *Cybistax antisyphilitica*, *Tripogandra diuretica*, *Phyllanthus urinaria* e *Smilax medica*. Com relação aos zoônimos, o nome atribuído a uma determinada espécie animal pode incorporar sua relação com a cadeia alimentar ou seu papel na cultura local, como em muitas culturas nas quais certos animais são considerados sagrados ou simbólicos.



Figura 1. Flor Mariposa (*Hedychium coronarium*). Fonte: <https://www.cubatesoro.com/flor-mariposa/>

## ECO-REBEL

A compreensão da formação linguística do nome de um organismo é essencial nos estudos de etnobiossistemática. O nome de um animal ou de uma planta aponta para um conceito, categoria ou táxon, que é um arquivo de história natural cheio de informação, uma vez que pode revelar, assim como, às vezes, obscurecer, como os processos de percepção, identificação e nomenclatura foram e estão organizados (DALY, 1998). Desse modo, a obtenção do vocabulário (léxico) adotado por determinada população local seria o primeiro passo para acessar as informações sobre os diversos domínios cognitivos que compõem a mente e uma forma de aproximação indireta da formação e difusão de conceitos relacionados ao universo pesquisado (ATRAN, 1990; BERLIN, 1992).

Pesquisa na área de etnoentomologia realizada com indígenas Pankararé, residentes no estado da Bahia, revelou 23 etnoespécies de “abeia” (COSTA NETO, 1998). Este lexema é semanticamente usado para se referir às vespas (Vespidae) e abelhas (Apidae) que produzem e estocam mel. Esse grupo diferencia-se dos demais insetos porque possuem significados múltiplos, especialmente devido ao seu valor mágico-medicinal. Espécies de Hymenoptera além de Apidae e Polistinae (Vespidae), tais como mangangás e abelhas e vespas solitárias, foram todas denominadas como “besouros”. Alguns deles são recebidos nomes locais. Por outro lado, vespas sociais com ninhos abertos (gêneros *Polistes* e *Apoica*) são chamados de “marimbondos”. Seus ninhos são usados na medicina popular (Figura 2): *Marimbondo-chapéu* e *marimbondo-caboclo* não são “abeias” porque não produzem mel.



Figura 2. Marimbondo-chapéu (*Apoica pallens*). Fotografia de Costa Neto (2006).

Os nomes vernaculares de espécies não apenas descrevem características físicas, mas também transmitem saberes sobre o comportamento e o habitat dos seres vivos, evidenciando um entendimento complexo do ecossistema. Isso fica evidenciado nos exemplos abaixo, todos registrados durante pesquisa de doutoramento realizada na comunidade de Pedra Branca, no estado da Bahia (COSTA NETO, 2003):

Formiga-taco-taco = *Porque ela só anda batendo a cabeça taco, taco.*  
*Quando ela vê a pessoa ela fica taco, taco, batendo.*

## ECO-REBEL

Formiga-boca-de-capim = *Porque ela faz a casa dela, entendeu? Ela vive no buraco, faz o buraco, né? E faz uma boquinha de capim, entendeu?*

*A gente mata porque tem medo de entrar em casa e virar cobra (R., 19 anos).*

*A história que eu sei do louva-a-deus é que ele vira outro inseto com o nome de cobra-de-cipó. Ela fica da cor do mato. É gerado do camará. Cai as pernas e vira a cobra-de-cipó. É uma cobra besta (Seu Z., 50 anos).*

*Já vi virá de camará. Já tem muito tempo. Eu era muito garotinha. Minha mãe mostrou à gente [...]. Ele ficou um pedaço era madeira mesmo do camará e outro pedaço já tinha as pernas, já tinha o olho, já tinha a carinha e já tava se bulindo e tava terminando de tirar do meio pra baixo. E o povo diz que vira cobra-de-cipó. Se é eu não sei [...]* (Dona M., 80 anos).

Pesquisa desenvolvida sobre percepção e usos de vespas por moradores do povoado de Pedra Branca, localizado no município de Santa Teresinha, Bahia, revela que características nominativas, como a morfologia do inseto, seu comportamento, o efeito da ferroada, o habitat e a estrutura do ninho, parecem ser significativamente importantes no processo de nomeação e diferenciação das etnoespécies (COSTA NETO, 2004). No que se refere à morfologia, as vespas são identificadas de acordo com a cor, tamanho e consistência do tegumento. Quando a característica nominativa é o habitat, as vespas são rotuladas de acordo com os substratos usados para construção de seus vespeiros (chamados localmente de “caixas”). Em relação à estrutura do vespeiro, os indivíduos percebem o formato, a consistência e o número de insetos observados na colônia para formar os nomes populares. Considerando todas essas características, registrou-se um total de 49 nomes usados para identificar as etnoespécies de vespas (Quadro 1). Essa abundância de nomes populares tem um propósito prático, pois é útil conhecer e diferenciar nominalmente as variedades de vespas que vivem na área para saber quais são as mais agressivas e quais são as menos perigosas.

Quadro 1. Marimbondos (N = 49) que ocorrem na região da Serra da Jiboia, Bahia, segundo as características nominativas salientadas pelos entrevistados.

Características nominativas	Morfologia	Cor	Marimbondo-vermelho, Marimbondo-preto, Marimbondo-caboclo, Marimbondo-enxofre, Marimbondo-mosquito-vermelho, Marimbondo-asa-branca, Marimbondo-faísca
		Tamanho	Marimbondo-mosquito, Marimbondo-jitaí, Marimbondo-mosquitinho, Marimbondo-miúdo, Marimbondo-joãozinho, Marimbondo-manezinho
		Consistência do tegumento	Marimbondo-de-couro

## ECO-REBEL

	Hábitat	Marimbondo-de-manga, Marimbondo-de-oco, Marimbondo-de-buraco, Marimbondo-mateiro	
	Estrutura do ninho	Formato	Marimbondo-pata-de-boi, Marimbondo-escopo, Marimbondo-bico-de-bule, Marimbondo-pé-de-bota, Marimbondo-tatu, Marimbondo-garrote, Marimbondo-saco-de-boi, Marimbondo-sussubera, Marimbondo-capanga-de-garrote, Marimbondo-peito-de-moça, Marimbondo-chapéu, Marimbondo-ovo-de-boi, Marimbondo-cunhão-de-garrote, Marimbondo-palmatória, Marimbondo-percarta, Marimbondo-de-pote, Marimbondo-peito-de-vaca, Marimbondo-de-purrão, Marimbondo-joão-de-barro
		Consistência	Marimbondo-farinha-seca
	Número de indivíduos presentes	Marimbondo-três-irmãos, Marimbondo-dois-irmãos, Marimbondo-sete-homens, Marimbondo-dois-amigos, Marimbondo-três-amigos	
	Comportamento	Marimbondo-sanharó, Caçador, Cavalo-do-cão, Marimbondo-exu	
	Efeito da ferroadada	Marimbondo-tapa-guela, Mangangá	

### 3. O papel dos nomes vernaculares na conservação da biodiversidade

A relação entre etnociências e ecolinguística tem profundas implicações para a conservação da biodiversidade. Estudos demonstram que a documentação e valorização dos nomes vernaculares podem contribuir significativamente para a conservação do patrimônio biocultural. Esse conceito, desenvolvido a partir da convergência entre a biologia da conservação e os estudos antropológicos, reconhece que a diversidade biológica está intimamente conectada à diversidade cultural, especialmente aos sistemas de conhecimento tradicionais (POSEY, 1999).

Pesquisas etnobiológicas, como as realizadas por Toledo (1992) e Posey (1985), mostram que comunidades indígenas e tradicionais identificam e classificam espécies com uma riqueza que muitas vezes ultrapassa os sistemas científicos, revelando uma ecotaxonomia local valiosa para políticas de conservação. Dessa maneira, ao incorporar esses saberes nos programas de manejo e proteção ambiental, é possível promover uma conservação mais inclusiva, respeitosa e eficaz. Além disso, essa valorização ajuda a fortalecer as identidades culturais e promove a resistência das comunidades diante das mudanças ambientais e sociais (POSEY, 1999).

Dados do Instituto Socioambiental (ISA, 2025) e de pesquisas como as de Maffi (2005) mostram que muitas regiões com alta biodiversidade também concentram grande diversidade linguística e cultural — o que reforça a ideia de que os nomes populares de espécies são

marcadores bioculturais. Eles atuam como ferramentas de transmissão de conhecimentos ecológicos, ajudando na identificação de espécies ameaçadas, no manejo tradicional e em estratégias de conservação *in situ*.

No entanto, à medida que as línguas e culturas enfrentam ameaças de extinção, muitos dos conhecimentos associados aos nomes vernaculares também correm o risco de desaparecer (STIBBE, 2015). A perda de uma língua, muitas vezes, significa a perda de um sistema de conhecimento que é vital para a compreensão e a preservação dos ecossistemas locais (MAFFI, 2005). A evanescência contínua desses nomes — frequentemente associada à erosão linguística — pode representar também a perda de um saber ecológico essencial para estratégias de conservação.

Vallès (1996) retrata a vulnerabilidade de nomes populares no que tange à perda de conhecimentos, considerando que os jovens das novas gerações, ainda que moradores das zonas rurais, possuem um saber mais restrito, conhecendo menos quando comparados a seus pais e avós. Desse modo, os estudos a respeito da fitonímia e zoonímia populares são aliados no processo de conservação do conhecimento, assim como colaboram para a compreensão do histórico das relações das comunidades locais com a flora e a fauna. A valorização dos nomes vernaculares é fundamental não apenas para reconhecer o conhecimento local, mas também como estratégia efetiva para conservar a biodiversidade. Eles são parte viva do patrimônio biocultural da humanidade, e sua preservação é inseparável da proteção dos povos e culturas que os mantêm vivos.

#### 4. Conclusão

O diálogo entre etnociências e ecolinguística, especialmente através dos nomes vernaculares de plantas e animais, é essencial para entender a interdependência entre diversidade cultural e biodiversidade. Através da documentação e valorização desses saberes, podemos não apenas preservar o conhecimento ecológico acumulado por gerações, mas também fortalecer as estratégias de conservação que respeitam e integram as vozes das comunidades locais. Assim, a proteção do meio ambiente deve ser reconhecida como uma tarefa intrinsecamente ligada à preservação das línguas e das práticas culturais que sustentam esse conhecimento vital.

Esse diálogo entre etnociências e ecolinguística é essencial para a preservação de saberes tradicionais, pois muitas vezes os fitônimos e os zoônimos correm o risco de desaparecer junto com as línguas e culturas que os originaram.

A valorização e documentação desses conhecimentos contribuem para a conservação da diversidade biocultural, reconhecendo que a proteção do meio ambiente está intrinsecamente ligada à preservação das línguas e das práticas culturais que mantêm esse conhecimento vivo. Portanto, reconhecer e valorizar os nomes vernaculares, à luz da etnobiologia e da ecolinguística, não é apenas um ato de respeito cultural, mas uma estratégia fundamental para preservar a biodiversidade e os modos de vida que com ela coexistem.

#### Referências

ATRAN, Scott. *Cognitive foundations of natural history*. Londres: Cambridge University Press, 1990.

## ECO-REBEL

BERLIN, Brent. *Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

BITENCOURT, Consuelo Penelu; CORDOVEZ LÓPEZ, Luis Miguel. A flor mariposa *Hedychium coronarium* J. Koenigg (Zingiberaceae): patrimônio cultural do povo cubano. In: COSTA NETO, Eraldo M.; FUNCH, Ligia S.; OLIVEIRA, Patrícia R. (orgs). *Botânica cultural*. Feira de Santana: Zarte, 2024. p. 283-287.

COSTA NETO, Eraldo Medeiros. Folk taxonomy and cultural significance of “abeia” (Insecta, Hymenoptera) to the Pankararé, Northeastern Bahia State, Brazil. *Journal of Ethnobiology*, v. 18, n. 1, p. 1-13, 1998.

COSTA NETO, Eraldo Medeiros. *Etnoentomologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia: um estudo de caso das interações seres humanos/insetos*. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2003.

COSTA NETO, Eraldo Medeiros. La etnoentomología de las avispas (Hymenoptera, Vespoidea) en el poblado de Pedra Branca, estado de Bahía, Nordeste de Brasil. *Boletín de la Sociedad Entomológica Aragonesa*, n. 34, p. 247-262, 2004.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolingüística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

DALY, D. C. Systematics and ethnobotany: what’s in a name? In: FONSECA, V. S.; SILVA, I. M.; SÁ, C. F. C. (orgs.). *Etnobotânica: bases para conservação*. Seropédia: EDuR, 1998. p. 50-68

DA-SILVA, Elidiomar R. Flores com nome de bicho, bichos com nome de flor. In: COSTA NETO, E. M.; FUNCH, L. S. (org.). *Práticas investigativas em Etnobotânica: distintos olhares, afins encontros*. Feira de Santana: Zarte, 2023. p. 121-144

FILL, Alwin; MUHLHAUSLER, Peter. *The ecolinguistics reader: language, ecology and environment*. Nova York: Continuum, 2001.

HUNN, Eugene. On the importance of gathering wild foods in diets: the role of ethnobiology in understanding human ecological adaptations. *Human Ecology*, v. 21, n. 3, p. 361-377, 1993.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Enciclopédia povos indígenas no Brasil*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org>. Acesso em 04 fev 2025.

## ECO-REBEL

MAFFI, Luisa. Linguistic, cultural, and biological diversity *Annual Review of Anthropology*, v. 34, n. 1, p. 599-617, 2005.

POSEY, Darrell Addison. *Cultural and spiritual values of biodiversity*. Londres: UNEP, 1999.

POSEY, Darrell Addison. Indigenous management of tropical forest ecosystems: the case of the Kayapó Indians of the Brazilian Amazon. *Agroforestry Systems*, v. 3, n. 2, p. 139-158, 1985.

SANTOS, S. B.; PEDRALLI, G.; MEYER, S. T. Aspectos da fenologia e ecologia de *Hedychium coronarium* (Zingiberaceae) na estação ecológica do Tripuí, Ouro Preto-MG. *Planta Daninha*, v. 23, n. 2, p. 175-180, 2005.

STIBBE, Arran. *Ecolinguistics: language, ecology and the stories we live by*. Nova York: Routledge, 2015.

TOLEDO, Victor M. What is ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline. *Etnoecológica*, v. 1, n. 1, p. 5-21, 1992.

VALLÈS, J. Los nombres populares de las plantas: método y objetivo en etnobotánica. *Monografías del Real Jardín Botánico de Córdoba*, n. 3, p. 7-14, 1996.

Aceito em 20 de junho de 2025.

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.